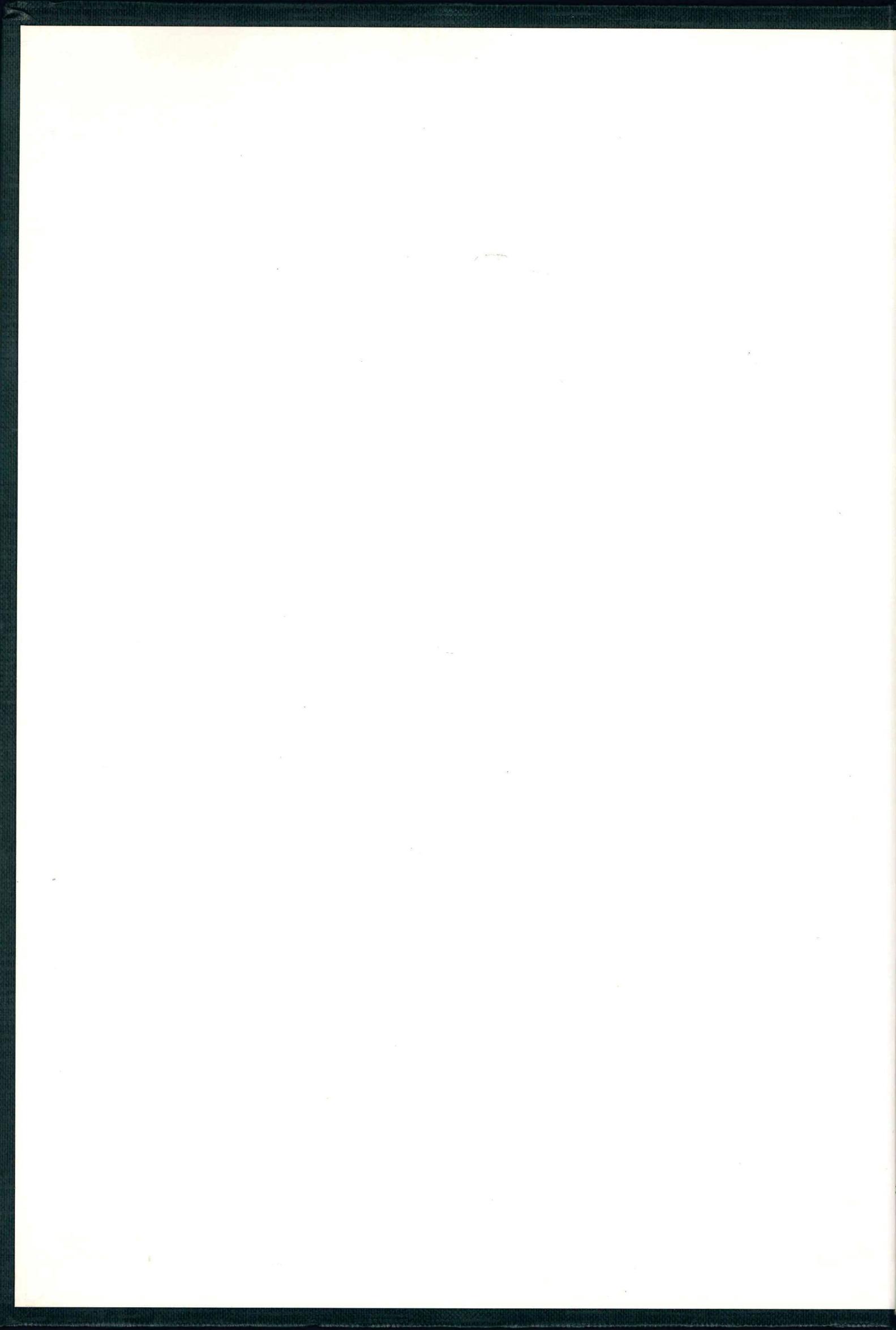




12(046)



Orig.

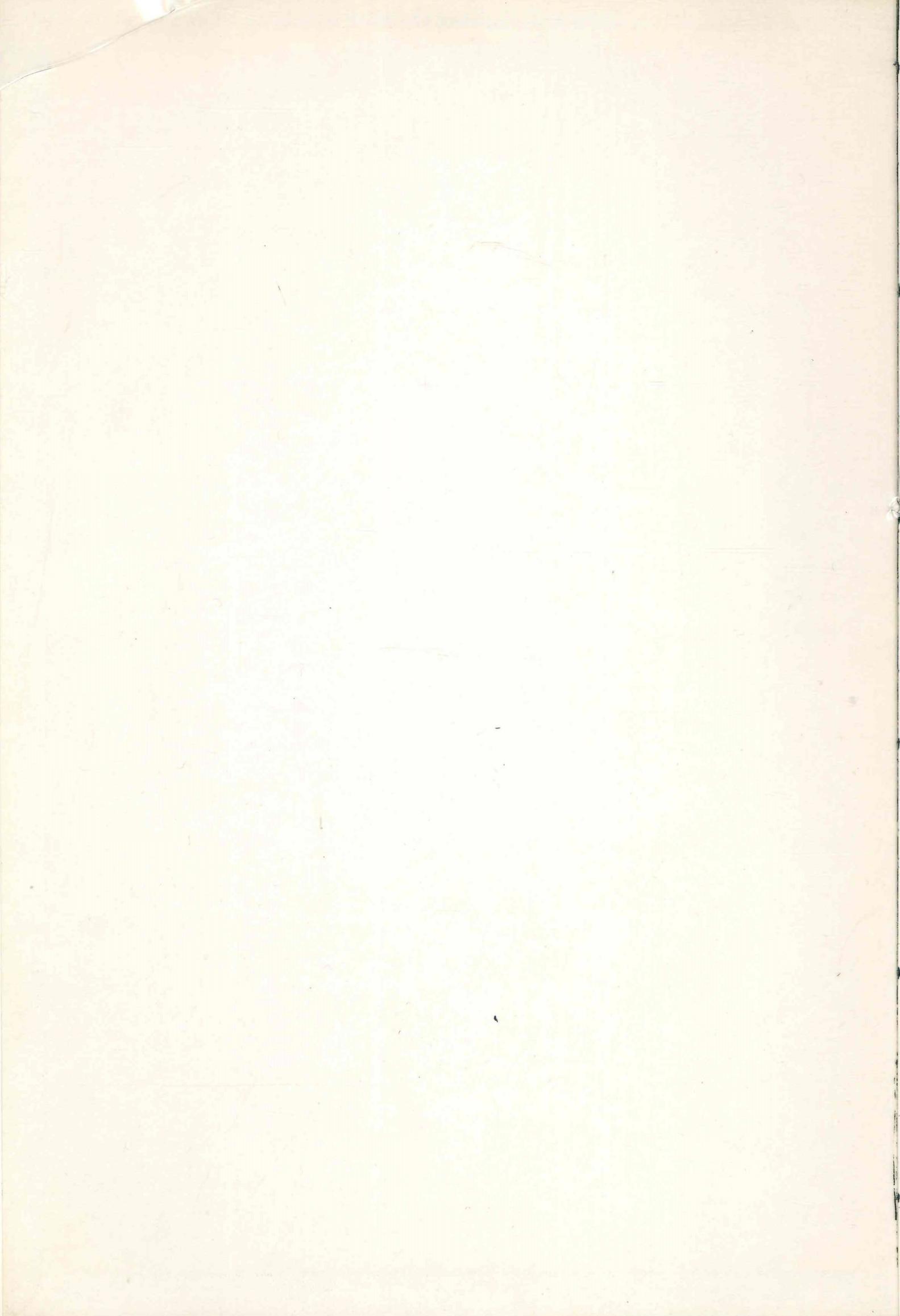
VOLUME PRIMEIRO
VOL. I - 1

- A AUTOR ... FRANCISCO ALVES DE ALMEIDA
- N CONTEÚDO::: ARTIGOS DE JORNais REGIONAIS
(E ALGUMA RESPOSTA E ATÉ CARTA)
- D TÉMPO; ; ; ; ; UM QUARTO DO SÉCLO XX (1971-1996)
- O ARRUMAÇÃO----EM 12 CADERNOS OU VOLUMES
- R SERIAÇÃO :::: CRONOLÓGICA NÃO ESTRITA
- I DEPÓSITO DOS ORIGINAIS(DOS JORNais):
NA BIBLIOTECA DA C.M:de BARCELOS
- N
- H ÍNDICES: A) NÚMERO/TÍTULO DO ART/QUE JORNAL/
QUE DATA/_FOLHA/_OBSEVAÇÕES
ÍNDICE::::B) IDEOGRÁFICO SEM RIGOR ALFABÉTICO
- A
- TÍTULO DA COLEÇÃO:

A N D O R I N H A



Barcelos
Portugal
LISBOA.....1996



Orig.

VOLUME PRIMEIRO
VOL. I - A

A AUTOR ... FRANCISCO ALVES DE ALMEIDA

N CONTEÚDO::: ARTIGOS DE JORNais REGIONAIS
(E ALGUMA RESPOSTA E ATÉ CARTA)

D TEMPO;;;;; UM QUARTO DO SÉCLO XX (1971-1996)

O ARRUMAÇÃO----EM 12 CADERNOS OU VOLUMES

R SERIAÇÃO :::: CRONOLÓGICA NÃO ESTRITA

I DEPÓSITO DOS ORIGINAIS(DOS JORNais):
NA BIBLIOTECA DA C.M:de BARCELOS

N

ÍNDICES: A) NÚMERO/TÍTULO DO ART/QUE JORNAL/

H QUE DATA/_FOLHA/_OBSEVAÇÕES
ÍNDICE::::B) IDEOGRÁFICO SEM RIGOR ALFABÈTICO

A

TÍTULO DA COLEÇÃO:

— A N D O R I N H A —



Borralha
Portugal
LISBOA.....1996



$$\text{Volumen am Rente} \quad \frac{72}{70}$$

Cap + Feste =

$$" - rest = \underline{\underline{\text{Summ}}} = 2$$

Opfer (fikt) am grauware:

$$\text{Summ} = 70 - 7 + 2 = 52 \sim \text{Leds}$$

$$4 = 3 + 4$$

$$3 = 5 + 6$$

$$4 = 7 + 8$$

$$5 = \underline{\underline{9 + 12}} = \rightarrow \text{misschlag (feste + Reste).}$$

$$\text{Summ} = \underline{\underline{57}} < 9, 1/2 \approx 12 \text{ Leds.}$$

$$\text{Summ: } (a+b)(c+d), (e+f), \text{gr. L.} = 8$$

$$a + b + c + d + e + f = 4 = \underline{\underline{12 \text{ Leder}}}$$

Dag.

cad (Volume 1º Out) V.1

Os Artigos - Coleção - Cadernos "Andorinha" que vão de 1 a 12, são 12.

Indices A - m artigos

Indices deles por caderno. Caderno n.º 1:

Título abrey. = in Jornal = que data = Local no Caderno

Obserw.

1: Rebelião	: A Voz do : Minho, Barcelos - 9-11-75	folha 1	Considerações da do SS:mo
2. Coisas de longe e de perto	: (V.M) : V.M. : sem data : (s.d)	f.2	
3. Coisas...	V.Mm	4.12.76	f3 Filosofia, Mem Par, Passal-bola.
4. História de Barc.	V.M.	8.1.77	f4 Tb.Ana Brandoa
	:	:	:
5. <u>Bibli. Portucalens.</u> : O Barcense		: 28.1.78	: f.4 Aires Dias, ab, 1460
6. Sto Amaro	: V.M.	: 22.1.77	: f.5 Conto antigo, trd
7. Sta Leoc. de Tamel	: Barcel	: 18.3.78	f6 : casal de Gal lá
8. Do Facho	Barc.	6.8.77	f6 Fundador do F.
9. Gal. e Quirás (só parte)	Barc	25.3.78	f6 Vão à festa de lá, doces da nam
10. Achegas Hist Barc	Barc	: 22.4.78	f7 : Tombos porquê? faltam gráficos
11. Oliveira, pá. 1574	: Barc	: 1.4.78	
12. Na festa de S.João	: Barc	: 8.7.78	f.8 : Hist, Estat. 1781
13. Coisas	: V M	: 3.2.79	f.9 : s.Gal; s.Hist.
14. Para Hist Social	B: Jornal de Barcelos	: 13.7.78	f10 : Exec, Rib, nega Assinados, Silva
15. O Sist econ. Barc.	: J. Barc	3.8.78	: f11 linha de Santia-gos. Docs Gal. - v.10.
16. Tombo, quem intrevém-Barc		26.8.78	: f.12
17. Hist Barc-Capitaliz de bens	: J.B.	7.9.78	.f.13 .O Gov. 1818 mete-se nas confrar
18. Do 15 Janeiro	: J B.	18.1.79	.f.14 .estudo s.Sto Amaro <i>em monografias</i>
19. Desc. Arqueol Gallegos-O Cávado (os Vaz, Braga)	. 29.3.79. f.15-Ao lado: Pres e - mso VII		<i>v. monografias</i>
Diálogo: Cron j			
20. Ac.Hist de Barc.	. V.M	. 25.8.79	. f15-Devassa. Barcelos há - padres
21. Legado pio-1500	V M	30.8.80	f.17 Capela ab Mig. - v.10.
22. Acheg..	Barc.	4.3.78	.f.18 Apanhado Tombo <i>luso?</i>
23. Um Vian.-1518	. O Vianense	15 e 31	
		Mar/81-f.19	
24. Acheg.	Barc	6.5.78	f. 20 Bula
25. Alvito no Tombo	"	24.6.78	". " Refere Fornelo. v.10
26. Honra Poetas Barc	. V M	.23.1.82	.f 21 .o liv Divagando
27. De Cruzes em	. V M	.1.5.82	.f22 e23
28. Barc na H. Dioc Guarda-Vm		7.8.82	f.24 Zé Balt perdeu- <i>mudou</i>
29. Hist das Ald.	. O Card Sar.	3.9.82	.f.25 Joane-B Salg.
30. Cresc Cat.	Barc	6.9.82	f 26 <i>so VII, VII, IX</i>
31. Páscoa 1983 e H. Fil)	Card Sar..	1.4.83	f.27 Darwin
32. em S João em Barc.	Barc	25.6.83	f.28 N 1, 4.7.9
33. H das freq	V M	27.8.83	f.29 Mem. Par Extract

Nº	Título abreviado	Jornal	Data	fls.	Observações
34-	Sínodo de Roma	Vianense-15X83	f.30	Confessio-estat.	--
35.--	Hist de Barc.	J.Barc.	09.2.84	Dr Silv, Alm Fern 31.32 Par Suevas.	
36.	Carta Reitor Alvarães	C Sar.	10 2.84	f.33 Mis .e números	
37	Lusíadas, mon lit int	J.Barc	16.2.84	f34 Neste Jornal puseram e35 alg.art meus a EDIT.	
38	Fstas Barc.	" "	9.2.84	36,37 A Guar.e Creixomil (Gal:C Deus e SSMo	
39	Cant Angelina	Barc:	16.6.84	:f.38 a Al.Mar	
40	P.Joaq.Carneiro.Esm	C.V.	13.12.84-39	tb f.40.Voc como Gal.	
41	Port.Hol.China	V M	8.6.85	:f41 Cresc da Hum. e42	
42.	Vila Cova:em si fora	Guarita Ag/85		43 313 já crist?.S Am. O bANHO;ETC	
43	Imag do Mundo.Papa.Ind.-Barc	14.2.86		f.44 Pop:75.P;A:35.P e45	
44	Carta de Lisboa.V.Ver.Vlaverdense		9.2:(&	f.46 Pop.Capelias,Esq.	
45.	EsrAV: q nos dissolve	C S.	.13VI86	47	
46.	Festa S.João,o Bapt.	Barc	21VI86	48 V at.o n^32(S. J)	
47.	Aniv.D.Prior.C bíb	J Barc.	17.7.86	49 evers Dr H C 1954.193 mil Marias,30%	
48.	Do ab,Gnose:G:BÌ E..	V M	26.7.86	51 CrIT ao C S. Reecarnar.	
49.	Prob.do N Tempo	Barc	13.12.86	:52 Sofia(N.só)	
50.	Hist Rel Barc	?	?	53 18 notas.His D G. At n^28	
51.	Coisas pas. em Barc.	V M	14.3.87	54	
52	S Ant.H da Arte I.ter ço	Barc.	20.6.87	55 e 56 e 57 Tratado d Passos S.Confraria	
53.	N.são prec Mis. no 2000?	?	?	58 e 59	
54.	Coisas..1000 Rússia	V M	21.5.88	60	Papa a Moscovo? -v. VIII e VI
55.	Mulheres ao Poder	J.Barc	2.6.88	e61	
56	Set.88 .Papa Afic Of de O Bad. 1979	Barc.	10.9.88	63 Números	
57.	Freg a SUL do Neiva	V M	5.10.95	65	dó. Liv do Amaro(
58.	Valores da n t.	Not.Fam	9.6.95	66	Reun NeiCarso
59.	A Rel Port.	V M	20.4.95		às professoras
60.	Reun Conf.-C Br	NOT Fam	30.6.95		(Está c.67 fls.)



UNIVERSIDADE DO MINHO
BIBLIOTECA PÚBLICA DE BRAGA

Exmo. Senhor
Dr. Francisco Alves de Almeida
Rua D. Carlos Mascarenhas, 70-2º E
1070 LISBOA

Sua referência

Sua Comunicação

Nossa referência

Data

BPB-117/96

Assunto

30 OUT 1996

021642

Em resposta à prezada carta de V. Exa., aqui recebida em 23 Out. 96, informo que é com todo o gosto que a Biblioteca Pública receberá a oferta da coleção de artigos publicados na imprensa local, bem como os Apontamentos da autoria de V. Exa.

Sendo esta a mais importante biblioteca do Norte do país (excluindo, naturalmente, o Porto) temos sempre o maior interesse em receber documentação sobre a região, nomeadamente quando se trata de coleções de artigos escritos em diversos jornais, por isso mesmo de difícil localização e compilação.

Relativamente à questão do tombo de Galegos, Sta. Maria, transmiti a informação à senhora directora do Arquivo Distrital de Braga.

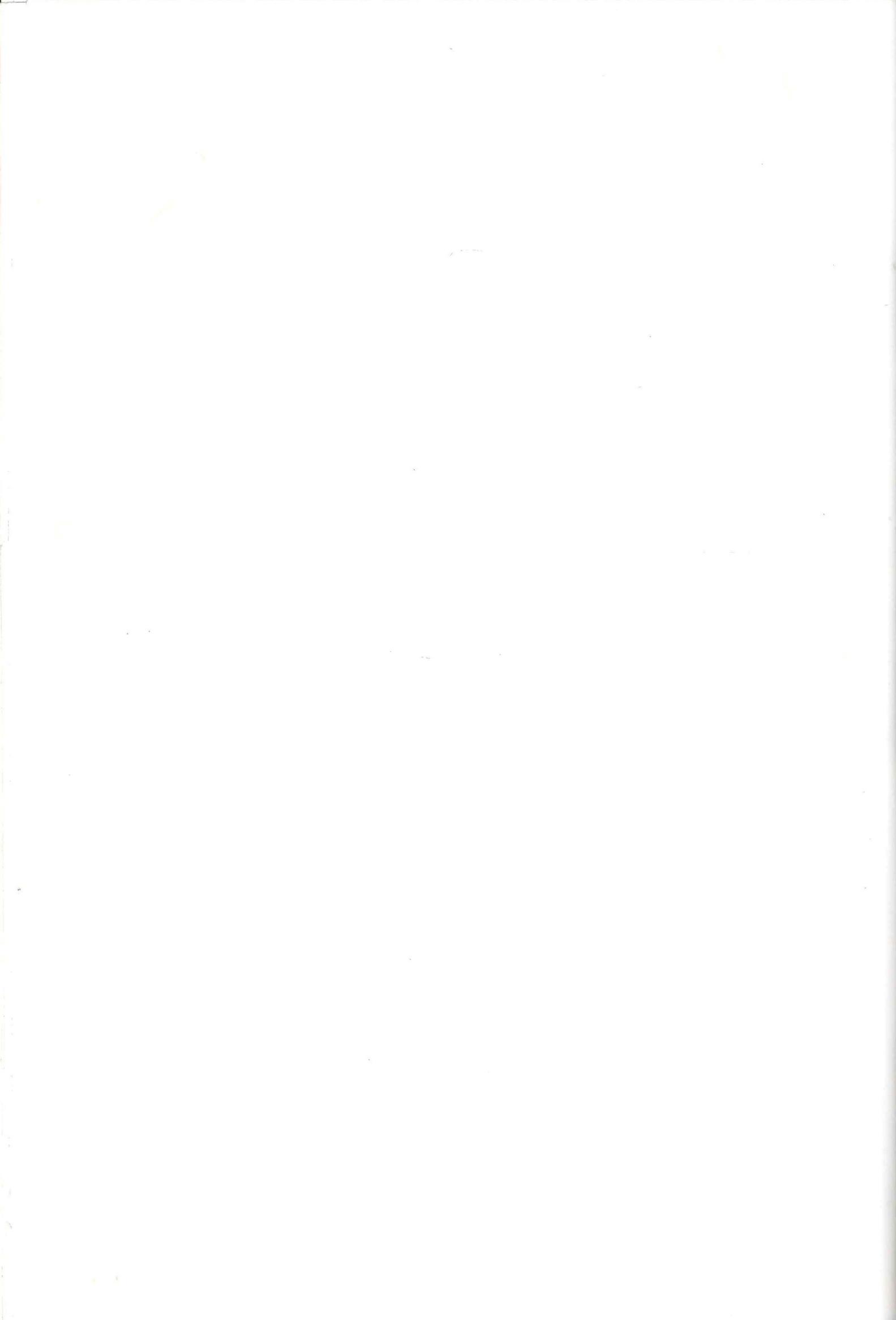
Pedia a V. Exa. que, quando nos enviasse os livros referidos, os fizesse acompanhar de uma nota bio-bibliográfica, para uma completa identificação do doador desses documentos.

Renovando os meus agradecimentos pela iniciativa, aproveito para enviar os melhores cumprimentos.

Henrique Barreto Nunes
(Assessor de Biblioteca)

ÍNDICE TEMÁTICO

<u>A</u> lvarães 1.33	<u>B</u> arc.com costela-Certidão do	<u>C</u>
Anos 1580-Ab MiguelIII.1.1	Barc.de judeu 1.4	Tombo 1.18
Ab. Vaz de Fiogueiredo 1.2	Barc-poetas 1.21-	China 1.41
" Baltasar 1.3	" falados na Guarda 1.24	
" da cidade, aires Dias 1.4	Brotéria 1.47	Castigos 1.2
Almeida(Ferraz), foreiros 1.6	Barc.gente judaica 1.4	
Angelina 1.38	Bairrista 1.10(doa à sua terra)	
Até a aldeia pode ler o Papa		
<u>D</u> ote de Gal em Fornelo	<u>E</u>	<u>F</u> acho 1.6
que é Alvito 1.20	-Estudos s.os	Tombos 1.25,28
Dom Prior. Alberto	Expansão dos	Ferraz, dr, (O) Galo do
1.49 e verso	cat. 1.26	OSB., de BarGalego
Dotar para casar 1.4	bispo 1.24	Gnose-falsas
	Estudos p.Orde	Festas 1.37
	Execuções 1.10	Frncº Rib 1.10
<u>H</u> ist. de Barc 1.31-I	<u>J</u> oão Lopes, vigário	<u>L</u> 1.52
História(conceito- 1.9)	No Oliveira- 1574 1.7	em Lama, Azevedos 1.1
Hist. Social de Barcas 1.28	Joane 1.25	Lusiadas 1.34
1.10---Holanda 1.41	Joaq. Carn(P) 1.39	Londres 1.52
Hist de devedores	Indianos 1.44	
<u>M</u> onumento de Gal 1.15	<u>N</u>	<u>O</u> liveira(Gonçal Pinto de 1.45 de Jan é
Memór. Paroq 1.29 e 3		de(padre) 1.7
<u>R</u>	<u>S</u>	<u>T</u> omo 1.12-V. Cova, B. 1.43
	Sistema Eco-nómico 1.11	<u>U</u> figuras 1.12-V. Cova, B. 1.43
	S. João Bapt 1.48	<u>P</u> .Liphares 1.52 Z
	Safran.A Conf.	
	Sucessor de Pedro:	
	foi um pagão e não	
	o Apóst. Evang. 1.50	
		<i>Marco/98</i>



COISAS DE LONGE E DE PERTO

COISAS DE LONGE E DE PERTO

1880 Rebelião contra um Arcebispo

Vem na monografia A Vida de Braga, essa terra que fica na estrada para Braga, que por 1580 houve luta política em Braga. Assim:

a) Frei Bartolomeu dos Mártires, ex-dominicano e então arcebispo, votava pelos Filipes. Estranho, mas ele de parvo nada tinha;

b) Ora o Arcebispo era donatário de Braga — como os Braganças o eram de Barcelos.

Vai ai, o legitimista, morgado de Azevedo, na Lama, Martim Lopes de Azevedo, alçou-se a favor do prior do Crato contra o Filipe de Espanha, como agora se faz: «morte ao Filipe e a quem o apoia!», que no caso era o Arcebispo (diz-se que no Porto se procama morte ao Careca? Que é isso?).

E o Arcebispo, que era um Santo homem... Oh pernas! Viana c'os ossos! O Martim vai Prado acima, expulsa os «reacionários» fiéis ao Pre'ado, arrumba as portas da Casa Episcopal, prende quanto padre e congo encontra e viva o novo alcaide-mor de Braga, Martim de Azevedo (digam lá se os assaltos ao poder são só agora! Era o Hegel quem dizia que a lei faz o forte?).

Por acaso — e ainda mal — o Martim foi depois arreado.

(Cont. na página 411v. Jardim de Barcelos. Ver Canção/pedágio)

3 / Henrique

Assim temos: Pedro (14), pai, irmão do Miguel I; Martim (15), filho de Pedro e sobrinho direito de Miguel I. Pedro (16), neto e 2.º sobrinho ou sobrinho-neto do Miguel I. Logo, o Miguel I era tio-avô do Miguel II. Já sabemos: alguma coisa. E mais sabemos:

a) em 1565 foi chamado a cípulo, p.e.a Inquisição, um judeu de Barcelos (acusavam-no de ser, e parece que era, um safado);
b) um dos ouvidos sobre a accusação disse que podia confirmar scm testemunho «Miguel de Azevedo, abade de Galegos» (Documento Bartholomeana). Concluo:

PELO Dr. Francisco de Almeida

Muitos e muitos anos. Ora bem. Esses abades, Miguel I e II de Azevedo situavam-se na escala das gerações, como segue:

13 (13.ª geração): Martim Lopes de Azevedo, senhor de Azevedo, teve os filhos:

14 Pedro e «Miguel de Azevedo, que foi... abade de Galegos e teve alguns filhos bastardos». Este é o Miguel I. E segue:

15 Martim Lopes de Azevedo, que «casou com D. Leonor da Silva, filha de Álvaro Pinheiro, alcaide-mor de Barcelos». E tiveram:

16 Pedro L. Azevedo e Miguel de Azevedo, que foi abade de Galegos. Este é o Miguel II (Hist. Gêneógica — 12, 2.º p. XXXII e XXXIII).

(Cont. na página 411v. Jardim/pedágio)

(Continuação)

Joga razoavelmente como o dito por Magalhães a págs. 39 do livro Barce's (uma pedra do pai do Álvaro, de 1448).

Vimos acima que o Miguel II era filho de D. Leonor e neto de Álvaro Pinheiro. Se este faleceu em 562, e dando-lhe mesmo 70 anos de idade, teria nascido por 1490. Logo, a Leonor terá nascido antes de 1520 e o Miguel II, 20 anos depois. Podia portanto ser abade em 565 (por morte ou renúncia — havia muito disso — do tio-avô, Miguel I, ou com algum abade entre ele e o tio).

Conclusão: o Miguel II foi abade de Galegos desde cerca de 1565; Miguel I, desde cerca de 1515 (dando 25 anos a cada geração).

O inferno e o que muda

É sabido, e se reata na dita monografia de Prado — e na de Vieira do Minho — que desde os principios do cristianismo os crentes queriam ser sepultados à sombra das igrejas e mesmo dentro delas. Ora enterrasse senão em cemitério. Isso deu revolta em Prado, logo em 1846, que meteu tropa do 8 de Braga e botaram lei: que ninguém mais se enterrasse senão em cemitério. Galegos resistiu mais 50 anos: até 1891. Uma estupidez a daqueles governantes. Deviam ir lentamente convencendo o povo.

Que costumes sãos, sérios, respeitáveis e para mais que bolem com as fibras da personalidade com toda uma escala de valores, não se altearam por bestas quadradas.

fão: nem 8 nem 80. Saiba-se distinguir o ser e o modo — que isso é virtude e próprio de seres inteligentes.

Francisco de Almeida

7.1

Q/Abaedes de Galegos, Miguel I e Miguel II de Azevedo

Indiquei estes abades nos Subsídios (neste jornal) nos dias 12-27-21-21-4-75 e outros). O abade Machado já em 1663 só conhecia um antecessor, Migue'. Concluo: logo, o 1.º deles (devia) ter falecido há

1.º) a abadia de Galegos era sempre para o filho 2.º da Casa de Azevedo, se clérigo fosse;
2.º) e para que a obtivesse, faziam-no padre (qual vocação nem qual nada! Dai os bastardos);

3.) mas do Migue' II não se fala em bastardos (os tempos eram ta vez outros, posteriores à revolta do Lutero, estaria em Braga o arcebispo Bartolomeu, que não ia em cantigas com abades — papás, etc.).

4.) como não há referências nenhum a dois abades Miguel em Galegos, o referido p.e.a testemunha do judeu deve ser o Miguel II. De via ser este aquele de quem o abade Macedo tinha notícia. De facto

Macedo abade 100 anos antes de.e.

Diz o Mancelos, em Barcelos, pág. 38, citando o Dr. Ferraz, que Álvaro Pinheiro morreu em 1562.

1

2

3

4

5

COISAS DE LONGE E DE PERTO

702

Párocos

ESTÃO em moda as reformas: no ensino, nas igrejas e nas empresas, tal como, neste Jornal, tem dito o Dr. Falcão Machado.

Alguns ficam indiferentes, outros tudo estranham e não poucos se assustam se lhes falam em reformas.

Abram-me o livro de Estatutos de qualquer associação e veja-se quantas reformas ela sofreu.

Para exemplo: a confraria do Santíssimo, em Galegos. Fundada em data desconhecida, talvez por um tal Padre Vaz de Figueiredo, sofre uma reforma em 1732 e muitas outras depois: em 1773, 78, 84, 1805, 13, 28, 36 e 1912. E parece-me que deve ser novamente reformada.

Pois é. A leitura dos Estatutos de 1732 e das reformas faz pensar nos tempos que correm. A Confraria viveu e vive, mas, houve de ir sendo reformada, o que leva a formular esta tese: tudo que vive ou se adapta (reforma), ou morre.

É capaz de ser por isso que as pessoas não duram sempre. São muito teimosas e se vivessem, isto não mudava mais. Que aqui mando eu: ainda não morri, dizem.

Em velhos tempos a paróquia era uma só voz com um só pastor, o pároco. Quem desobedecesse era multado, como acontecia com a mencionada confraria. O mesmo se dava com a de Prado, segundo relata Leonídio de Abreu em «A Vila de Prado», páginas 111 a 126.

Pelo Dr. Francisco de Almeida

1. SEMPRE PÁROCO

Alguém morria sem Sacramentos? Era punida a família por não ter chamado o pároco ou coadjutor a tempo. Assim reza o livro de «Defunctos» de Galegos.

Na actual paróquia — como em todas as sociedades — já não se vê uma só voz. São vozes diversas, ou pelo menos duas, as que se notam e são: a do pároco e fiéis a ele e a do grupo de oposição (não estranhar, porque é mesmo assim).

Sempre foi assim, dirão alguns. Nego a afirmacão. Politicamente, é verdade. No campo religioso, não.

A coisa é esta: há grupos religiosos a pretender que o pároco faça «assim» e não faça aquilo e há os que, com ou sem fé, não aceitam as directivas do pastor, quantas vezes sem razão séria, que o mesmo é dizer, sem fundamento. Imaginaram uma lei e batem-se por ela.

Sendo claro: se não tenho fé e portanto não aceito a missão sobrenatural do pároco, nem por isso devo hostilizar-lhe a acção e dos que lhe aceitam o magistério. Mas tendo fé, hostilizá-lo é o absurdo. Tão grande como o do compadre que pretendia encher de água seu tanque e ao mesmo tempo a desviava do caminho do tanque.

Provavelmente, muitos não têm fé sem que, todavia, se atrevam a agir como descendentes que são. Vai sendo tempo de os pastores tomarem isso na devida conta.

(Cont. na pág. 6)

COISAS DE LONGE E DE PERTO

(Continuação da página 1)

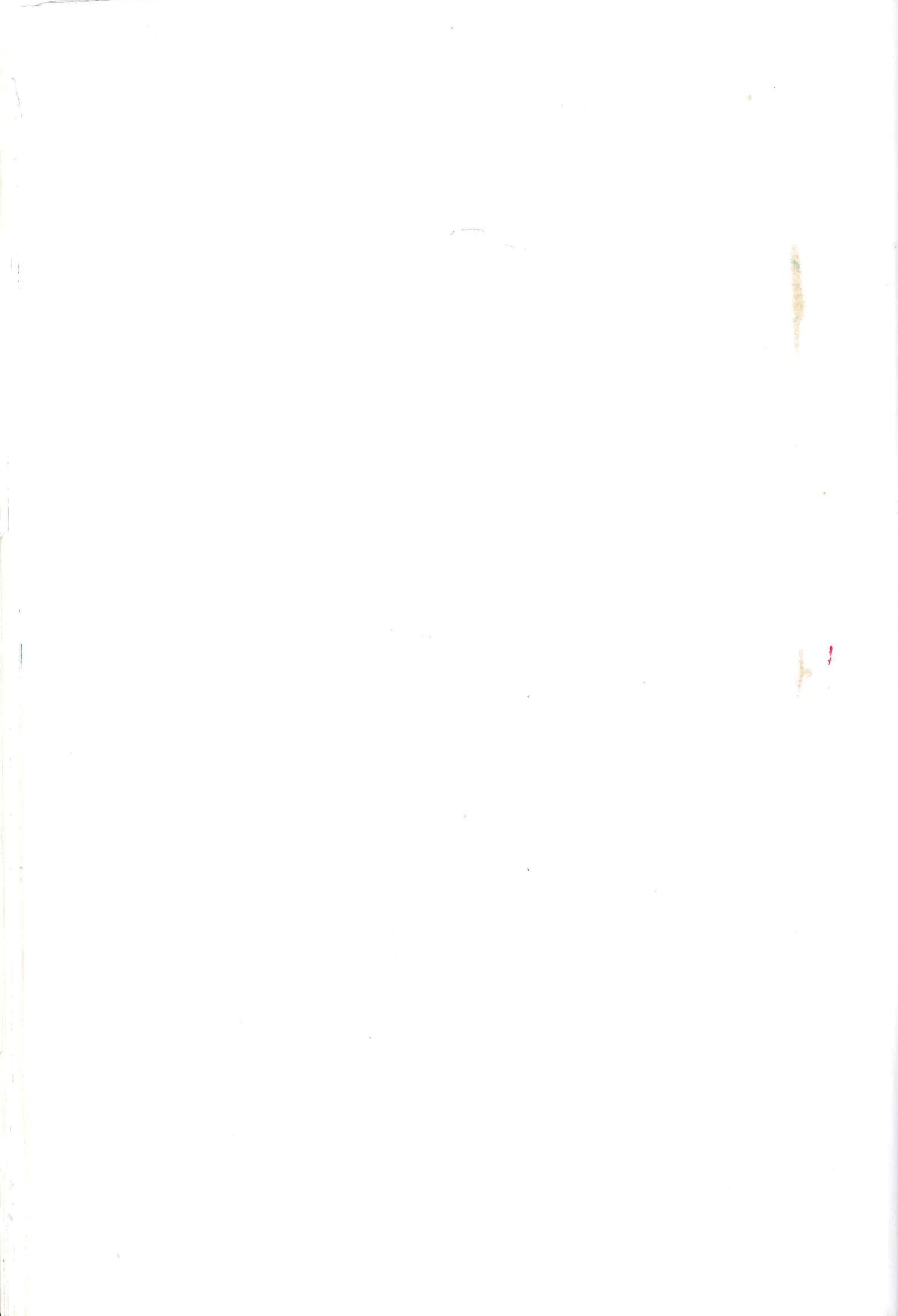
103
+
procurando as convenientes reformas. Meia palavra basta.
Mas cuidado.

De um brillante Professor do Seminário de Braga ouvi que, neste ano os teólogos seriam 20 a 30. Só? Sómente 5 a 7 por ano de Teologia? Isto numa Arquidiocese com cerca de 900 paróquias e em que as «baixas» são por ano cerca de 20? Muito direito escreve Deus por linha torta! Dentro em pouco não tereis quem vos baptize os filhos e vos assista.

Queirais ou não, tendes de concordar: aldeia sem pároco perde depressa muitas das suas grandes virtudes. Quanto em todas a perda seria nacional. Filosofia? Sociologia?

Digamos antes que é preciso ser-ho honesto e prudente. Tal é a lição da vida e da história. Reformas, sim; atropelos, não.

Francisco de Almeida



COISAS DE LONGE E DE PERTO

(Orient. da página 1)

4. XI. 76

re do Tombo (foi torre, já não é).

Vida, Filosofia, Política

Lá chamam-lhe Dicionário Geográfico. Vi as de Galegos (S. Martinho e Santa Maria): a 1.^a, escrita pelo reitor de Manhente; a 2.^a, pelo Abade Baltasar de que falei nos subsídios. Nesse tempo, o alto do Facho estava coberto de castanhais, sobreiros e carvalhos (bem me parecia!) e as paredes das casas da citânia tinham ainda 1,5 metros de altura. Se cada freguesia publicasse a sua memória de 1758! Aqui lo é gente virgem. Adiante.

Do além Tejo

Terras largas. E até fartas. Uns ai querem agora que não só elas, mas nós todos passemos para a Espanha. Consta que o Conselho da Revolução deu luz verde para uns fulanos tratarem disso. Precisamente agora! E o Frei Bartolomeu dos Mártires que por causa, do Filipe I foi chamado vil traidor! Mas era dantes... Vi com agrado o escrito do Padre Andrade «Por Terras Alentejanas». Mas nota-se-lhe verdura para falar da alma alentejana. Peço-lhe que se deixe de linguagens enigmáticas, difusas e tal: que informe e critique. De opiniões estamos fartos. Expressões como «homem todo» também não, que vêm nos discos.

COISAS DE LONGE E DE PERTO

510

Vida, Filosofia, Política

Dizia-me o do Sindicato: tudo é político. Vem o Melo Antunes e bota: «filosofia das relações» com Angola; o Padre Andrade: que se salve «a verdade enquanto o serve» (o homem). «Atão», digo eu: rão têm os do P. C.: — se não serve, já não é «verdade». Caso para dizer como um que citava Santo Agostinho a falar assim: «... e outros que estão dentro (da Igreja) parecem de fora».

O maior bem do homem é ter de tudo ideias claras e o que vejo é confusão. Uns malabaristas. Alguns, de propósito, com má fé.

Passal que virou campo da bola

Deu-se em Arnoso, Famalicão: uns mais ousados meteram lá o buldozer e foi tudo raso. E lá os da terra não se opuseram? Vá, que ninguém tem coragem para defender tais «velharias». Não seriam progressistas, mas conservadores, reaccionários, das direitas. Não vejo mal de maior nisso pelas regras de certos cíjous. Só falta que lhes ocupem as casas que o povo lhes construiu e que eles tornaram civil de falsos profetas. Porque, que maiores bens temos nós que a justiça, a verdade, a amizade e

Y. XII. 2. 4. XII. 76

— Os Intelectuais e a Luta de Classes — Casanova (1976). — O meu País e o Mundo — Sakarov (1975).

Se alguém tivesse penas de ler quanto por aí se escreve dava em doido. É por isso que cada um escolhe livros conforme seus gostos. Vou dar notícia de alguns: apresentam os leitores a não ler o livro todo, mas só um capítulo ou outro

— Juan Arias. — D. Maria Adelaide... santinha de Arcoselo — A. G. Santos — 1973. — O Estudante e o Esquerdisimo; — Honra e Vergonha (significados nos povos das margens do Mediterrâneo — altíssimo trabalho).

PELO

Dr. Francisco de Almeida

— Fundos de antigos Mosteiros beneditinos (no Arquivo de Braga), José Matoso (na Bracara Augusta, 1966. Indispensável a Marinhente, Várzea, etc).

— Fundos de antigas Confraria de St.º Amaro (Sé de Lisboa) — já no tempo de D. João III.

Memórias Paroquiais

Cada pároco de Portugal teve de responder a um inquérito de 27 perguntas que em 1758 o rei ordenou. Estão em Lisboa — no edifício da Assembleia Nacional (da República), no Arquivo chamado Torre (Continua na pag. 4).

— Nossa Senhora da Aparecida quem com outros.

— Padre Ribeiro, 3.^a edição (bravo) — 1975.

— Fundos de antigos Mosteiros beneditinos (no Arquivo de Braga), José Matoso (na Bracara Augusta, 1966. Indispensável a Marinhente, Várzea, etc).

— Confraria de St.º Amaro (Sé de Lisboa) — já no tempo de D. João III.

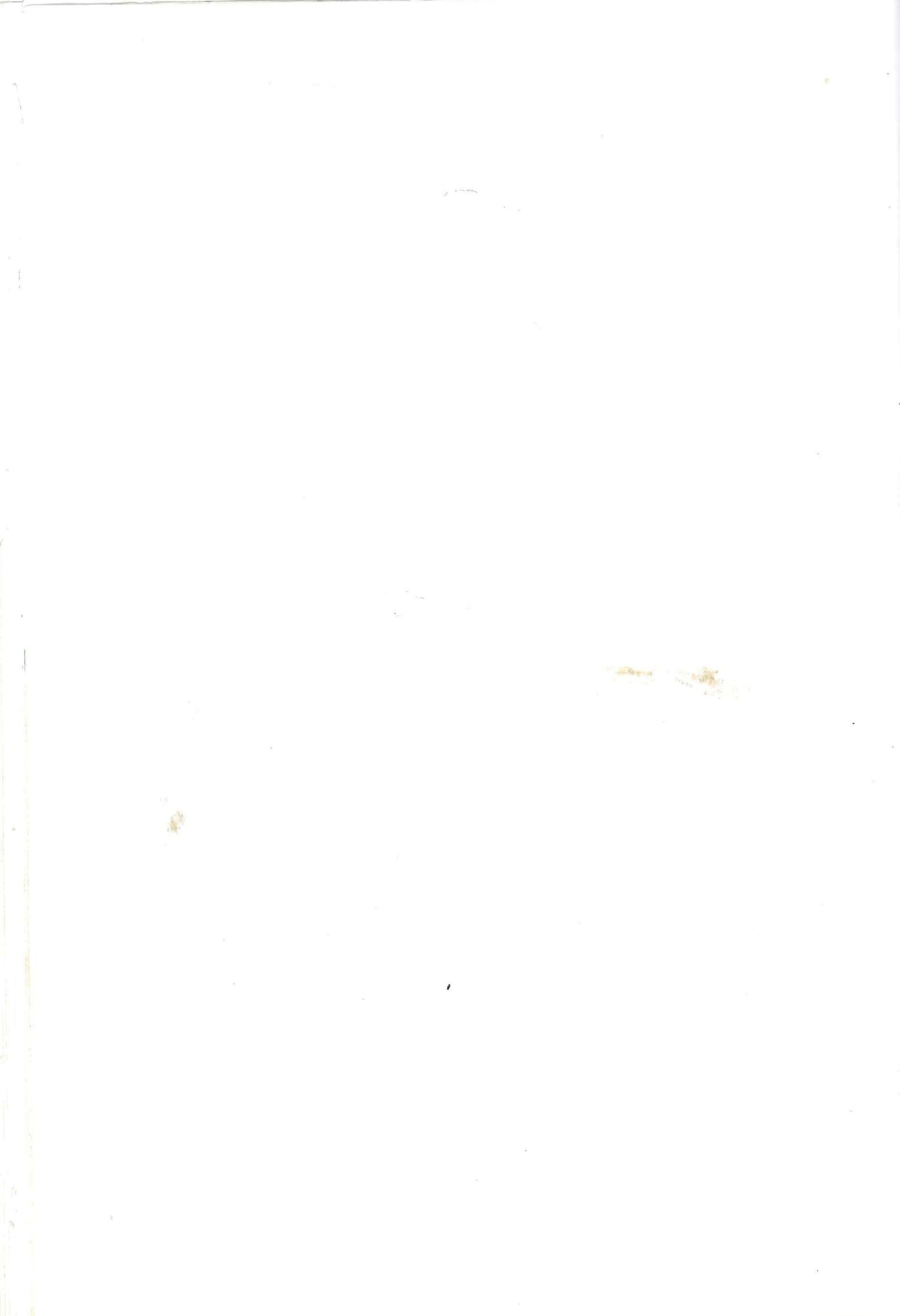


outros cujo peso a balança não acusa? Digo outra vez: malabartas!

Francisco de Almeida

4. XII. 76 Cad. I. 3

1. f. 3



História de Barcelos

N.º 314

V. 11. 8. T. 7.

Galego

Ainda não consegui informação sobre se a nossa Câmara já fez publicar a lista das obras e autores que falam de Barcelos. Castelo de Vide publicou em 1975 um formidável trabalho que é a Arqueologia do Concelho. Dr.ª Maria da Conceição Monteiro Rodrigues. A nossa Câmara prestava bom serviço à Terra se mandasse publicar seus ficheiros, no concernente a Barcelos (concelho). Sobre história regional publicou Costa Veiga, mas já em 1933, uns Subsistidos para a *Bibliografia da História Local de Portugal*. Muita obra apreceu desde então.

Sobre o livro de Benjamim Salgado: a Voz do Minho publicou apenas a 1.ª parte do meu artigo.

JUDEUS DE BARCELLOS

EM 1960, Luís Bivar Guerra publicou um manuscrito da Torre do Tombo: *um Caderno de Judeus de Barcelos*. Vamos folheá-lo:

Refere uma lista de Judeus de Barcelos que no tempo de D. Manuel I fugiram de cá, mas rouaram-lhes os nossos filhos até aos 14 anos. O tal Caderno aponta as gerações por casas: Casa de Mestre Tomás, rabino; casa de F.º Neto, de Isaac Rua, de Junca, dos Cains, etc., todos em Barcelos.

Agora as terras onde viviam descendentes, ao depois baptizados

Francisco de Almeida

PALMEIRA BIBLIOTHECA PORTUCALENSIS

317

pelo Dr. Francisco de Almeida

e por isso chamados cristãos novos (muitos continuaram a professar a religião de Moisés).

Perelhal, página 163; *Addes*, 52; *Vila Cova* (fei João de Carvalho, que se meteu com uma padaria); *Gamil*, 51; *Cidade*: a mulher de Alvaro Pinheiro, D. Isabel (o casal criou o orgão judeu, Jorge Lopes, ligado ao Frei Pedro de Poiares); bispo D. Francisco de Faria, pro-casteirano e por isso preso em Lisboa) e o irmão dele, enferrado. S. Vicente de Fora (convento, Lisboa) e o irmão dele, enferrado. Silva, 42 (Ângela, filha do Padre António Vilas Boas e o vigário, Padre Luís); *Carapessos*, 42, 38, 54 e 57; *Roriz*, 68; *Franqueira*, 8; *Farelães*, 108; *Quintães*, 28-29; *Galegos*, 26, 37 e 74. Tal caderno é um processo para demonstrar que o Senhor de Aborim não descendia de judeus.

EM 1960, Luís Bivar Guerra publicou um manuscrito da Torre do Tombo: *um Caderno de Judeus de Barcelos*. Vamos folheá-lo:

Os textos são: «Ana Branda (cristã nova) doou (em Braga onde vivia) a *Maria Lopes* (ainda corre este apelido) o *Cazal de Galegos*» (pág. 37, ano de 1601). Noutro local diz que o Casal de Galegos fica no «termo de Prado» (também S. Martinho ficava). Nota: pode ser este o casal. Pertencente a um Carvalho de Braga (judeu?) aqui dito em 29-7-72.

Francisco de Almeida

De 1957 a 64 saíram 6 volumes desta belíssima coleção • no volume I, de 1957, a páginas 115, vêm as *Actas do Congresso de São Bento*, um santo que teve enorme influência no Minho.

Por uns livros manuscritos chamados Bezerros, a articulista extraiu a lista dos mosteiros de S. Bento por 1750: Carvoeiro, Couto, Paços de Sousa, Palme, Renudie, S. Romão do Neiva, etc. Ai se diz que para abades do mosteiro de Palme foram estes os eleitos: 12. V. 1755 — Frei João de Santa Maria; 11. V. 1758 — « Félix dos Mártires; 9. V. 1761 — « João dos Reis; 10. V. 1764 — « Manuel da Concoição; 8. V. 1767 — « Lourenço de S. José. Algum destes homens foi barcelense? De que freguesia? O nome de alguns deles há-de constar dos registos paroquiais de Vila Cova. Mas se o Arquivo de Braga não consegue sequer obter-me fotocópia do Tombo de Galegos, que maltratados devem andar esses documentos!

Aires Dias, abade de Barcelos, por 1460

Aladiguei-me a procurar os nomes dos párocos de Galegos e muitos daqueles desapareceram nem o nome se sabe por enquanto. Tudo se perdeu, nem memórias há.

Ao folhear o *Cartularium Universitatis Portugalensis*, coleção em que a universidade do Porto, pela mão do Prof. Dr. Moreira de Sá, publicou seus manuscritos, encontrei no volume VI — que traz os documentos desde 1455 a 1470 (o vol. I, começa em 1288) — referências a um pároco da então vila de Barcelos.

Chamava-se ele Aires Dias, era cônego da Sé do Porto e referido a pag. 229, 236 e 322.

São referidas nos documentos Vila Seca e Milhazes.

Nota: no Guia do Estudante da História Medieval — Oliveira Marques — dá-se conta de que na Torre do Tombo existem 60 documentos referentes à Colegiada de Barcelos. A nossa Câmara poderia mandar publicá-los! E se se publicassem as Memórias Paroquiais das freguesias de Barcelos, do ano de 1758? Era excelente serviço ao concelho de Barcelos.

cad 1.4

17-4

Hes



22.I.77

EM HONRA DE SANTO AMARO

f

(Versão em Grafia actual de um conto com mais de 600 anos)

— Da Crestona, grafia arcaica, de J. J. Nunes — pág. 61)

Crestonaria

A. 7. II - 22.I.77

315

Depois que Amaro chegou à metade daquela serra, viu estar um castelo mais grande e mais alto e mais formoso do que quantos no mundo havia... e era tão grande que tinha em redor mais de cinco léguas.

E todo o castelo e as terras eram de pedra mármore e pórfiros. E umas pedras brancas e outras verdes e outras vermelhas e outras pretas. E estavam aí cinco torres muito altas, sem conta, e de cada uma destas torres saía um rio e entrava no mar cada um por si.

E antes que chegassem a aquele castelo, achou uma tenda de pedras cristalinas... e tão grande que bem caberiam sob ela 75 mil cavalos...

Esta tenda era assoalhada com muitas pedras preciosas e estavam dentro 4 fontes... lavradas em metal e saía a água pelas bocas de leões.

E ele houve naquela tenda... grande prazer... e tudo ali lhe esqueceu.

E então, Amaro chegou à porta daquele castelo e quis entrar, mas não o deixou o porteiro...

— Amigo, não entrarás dentro...

Rogo-te por Deus que me digas de quem é este castelo... que andei por muitas terras... e nunca vi tão nobre e tão formoso...

— Amigo, sabe que este é o paraíso terreal em que Deus fez e formou Adão.

Meu pai espiritual, que estás nos céus, hajas de mim louvores!...

E então o porteiro abriu as portas...

E Amaro viu dentro tantos prazeres e tantos sabores... e quantas árvores havia no mundo todas ali estavam... e as ervas eram verdes e com flores e cheiravam tão bem que não há homem que o pudesse contar nem dizer...

E Amaro viu muitas tendas de panos verdes e vermelhos, muito preciosos... E todos os campos jaziam cobertos de flores e de maçãs e de laranjas e de todas as outras frutas do mundo.

E assim cantavam as aves tão saborosamente... E tudo isto viu Amaro, sem faltar nem migalha, e disse ao porteiro:

— Amigo, colhe-me (para) dentro.

Não é tempo...

E Amaro disse:

— Hoje, neste dia, à hora de terça (eu) comi e bebi...

E o porteiro lhe disse:

— Amigo... hoje, neste dia são passados 267 anos que tu estás à porta e nunca saiste dela... Mas se tu quiseres das maçãs... eu tas darei.

— Amigo, dá-me dessa terra uma pouca.

E o porteiro deu-lhe uma escudela de terra.

31-XII-76

F. de Almeida



24.4.78
Bare I.7
+7

ACHEGAS PARA A HISTÓRIA

pelo Dr. Francisco de Almeida

Como já disse, a 1.^a delimitação que temos em Galegos é de 1518. Ora o tombo de Antas, Famalicão (policópia da falecido Padre Benjamim) é uns 40 anos posterior.

Questão: que razões levaram a que fossem necessários os cadastros? Fuga às pensões? É pensar

Bare 22/4/78 AL N.º 222
no cadastro que, há uns 20 anos, o Governo mandou fazer.

Uma observação: já em 1518 a propriedade era muito dividida. Ora ainda em 758 (m/Galegos, 18) só lá viviam umas 220 pessoas ou, quando muito, fogos, o que daria umas 900 pessoas. Significa: do total, eram bastantes os que tinham sua terra — ao contrário do que se deu no Alentejo. Aqui ainda quando eu quisera uma courela, o dono da herdade não vendia. Para perder tudo, como se sabe. Esqueceram o dito por Leão XIII na Rerum Novarum.

Anotação: nos séculos de 1600 e de 1700 aparecem diversas relações do que era da Paróquia. Porquê umas atrás das outras? Certo: morrem uns donos vizinhos e a descrição fica desactualizada. Será isso o motivo das sucessivas relações? São de abades que não assinaram e por isso, sem identificar as letras, nem se pode dizer qual delas é a mais antiga. Os curas faziam tudo à pressa.

Factos estranhos: Primeiro, que nem um só abade se lembrasse de nos dar o boneco (gráfico) do campo ou leira que descrevia; segundo, que quase todas as descrições sejam de nível primário: nem

Um pároco de Oliveira em 1574

pelo Dr. Francisco de Almeida

Num caderno manuscrito do arq. de Galegos, em papel amarelecido e ratado, além duma escritura de doação para casamento de Maria Lopes a uma Maria Brandão, «moça donzela» sua sobrinha, há um documento incompleto em 4 folhas que reza assim:

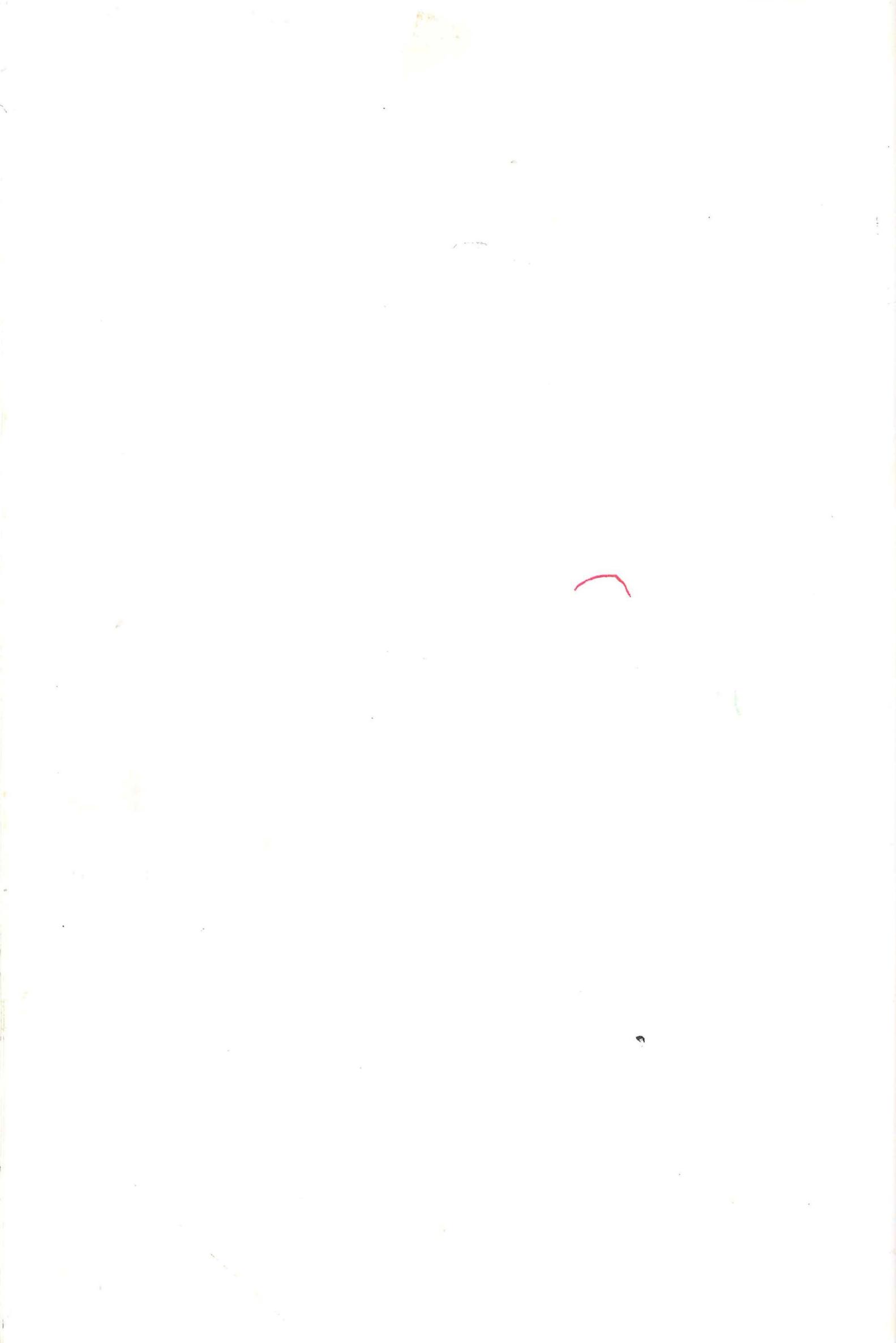
«aos vinte e três dias do mês de Abril e ditto Anno de mil equinhentos setenta e quatro Annos em casa e pousadas do sennor miguel Dazevedo Detaide abade... estando eu Joam Lopes viguairo da igreja de Santa Eulália Doliveira e Guonsallo Doliveira clérigo de missa e capelão dodito sennor Miguel Dazevedo por elle foi apresentada húa carta de vedoria...»

Bare 11/4/78-1. Vedoria de Maceio N.º 322
Pessoas referidas no texto: o vigário geral, Baltasar Álvares, frei Bartolomeu dos Mártires, Pero Lopes Dazevedo e outros.

Trata-se do emprazamento de uma terra da igreja de Galegos «no caminho que vay para Santo Amaro» (já existia!).

Aí fica a notícia para os de Oliveira e a achega de que um abade tinha, ele, seu capelão. Decerto Miguel de Azevedo vivia na Lama e daí convidar o vizinho, de Oliveira, para fazer a vistoria do terreno a emprazar em Galegos.

O CASAMENTO



23

3.2.29 cad 8-9 f.9

JISAS DE LONGE E DE PERTO

Pelo Dr. Francisco de A.

Sobre Galegos

Passou a ser moda idolatrizar quem emigra. Precisamos de não exagerar. *J.M.P. 3/2/29*

— Simpática foi a festa que os de Galegos fizeram aos que de lá saídos a ela voltaram de férias. O Grupo Folclórico exibiu-se para eles, dançou, cantou e fez dançar.

É muito importante haver este Grupo: entusiasma, ocupa com coisas elevadas, distrai com alegria sã, une e solidariza, educa para a arte. Bem podia — e devia — receber um subsídio do Fisco se ele não andasse falido. Honra aos que o criaram e o hão-de manter.

— Consta que o bichinho do ciúme escreveu cartas para Barcelos a queixar-se de ser Galegos quem leva à Câmara o dinheiro todo.

Mas não têm razão porque — Galegos até merece ser vila (vão lá e constatem);

— a estrada era devida há séculos;

— a escola nova (melhor que diversos liceus, é verdade e por certo projectada em tempos abastados), ela daqui a pouco, por este andar de entradas de novos casais na freguesia, nem vai chegar para atender todos os alunos;

3/2/29

— é a freguesia quem paga norme parte dos custos das obras e de seu bolso;

— apesar de ser das freguesias que mais pingam para o fisco.

Os vizinhos não levam a mal mas outra vez se sustenta que não há razão para as queixas, mas a Junta e o Abade merecem passar à história.

E a propósito de História

Soube que um ou outro de Galegos não gostou da Monografia sobre a terra: porque se falou de um ou outro pároco menos feliz — seria anti-clerical; porque, como é próprio de historiador isento, se focaram luzes, mas sombras também, os que só queriam penachos fartaram-se de falar contra; porque alguns tiveram nome abreviado, foi-se «parcial» e não poucos tiveram dores de cotovelo por lá não terem os nomes.

Lá iremos fazendo justiça a todos. Só pasmei de os livreiros de Barcelos e Braga terem vendido o livreto como venderam.

Vi agora na posse da Junta vários livros com interesse para continuar em 2.º volume.

Para a História Social de Barcelos

330

Resposta

I

13/7/78 J. Barc

Pelos anos de 1770 começaram a chover execuções em Prado movidas pela Confraria do Santíssimo contra devedores dela. Das duas, uma: ou nos faltam documentos a demonstrar que já anteriormente assim era ou então deu-se pelo fim do século uma viragem radical nos costumes que foram indo de mal a pior. Essa decadência processa-se há muitos anos e os termos, últimos serão a questão do Aborto e outras que se hão-de fazer surgir. Cuidado: já não estaremos muito mais puros que Roma e Pompeia, mas esta queimou-a o vulcão e aquela tomaram-na povos das estepes. O pior é contra a vaga geral de corrupção é difícil ficarmos imunes.

II

+ 330

Em 1778 eram executados em Prado Manoel Francisco Ribeiro e mulher Domingas Josefa. Base: uma declaração de dívida por elas passada à Confraria em 1759 (19 anos antes), dívida de 9.000 reis a 5% de juro, o legal então (vamos um tanto avançados agora...) de que foram testemunhas o padre Lopes Carmona, João e Bernardo Domingues, João Lopes de Sousa e Francisco Fernandes.

E declararam por terem herdado a dívida do pai e sogro deles, António Lourenço.

Sabem como se defendem? Que não se lembram de ter feito a declaração. Meteram advogado, andou-se por Galegos a ouvir testemunhas e por fim foram condenados a pagar (fls. 18 do processo do arq. da Confraria).

Embargaram de novo. O advogado fartou-se de citar leis, mas o juiz julgou improcedentes tais embargos, 12 anos depois (1790 — fls. 33). Faltou ter-lhes imposto boa carga por ser evidente que mentiam ou litigavam de má fé.

III

E não se pense que agiram assim em todo o lado: por um lado negavam a dívida ao Senhor e por outro (convém manter a fachada), o mesmo Manoel Francisco esteve na escritura dos que se comprometeram a ajudar a reformar a Igreja (ano de 1767 — fls. 6, v.º do processo do empreiteiro contra a Con-

fraria). Que razões levaram a tantos processos contra não cumpidores? O que obrigou também a que a Confraria deixasse os Assinados e emprestasse apenas com escritura e não raro, hipoteca?

J. Barc IV 13.7.78

Há um Livro de Assinados de 1769, capa de pergaminho e 200 folhas.

Referência: dívidas datadas de 1704, 1736, etc. A fls 3, verso reza assim: «Item hum assinado de Manoel Francisco Ribeiro de nove mil em 1759». A margem a nota: «está em juzo...». Quer dizer: este livro é só o ficheiro ou Registo dos devedores, vai até 1794 e desde aí (fls. 29) começaram nova escrituração porquanto para trás (etras) diversas era difícil de entender tanta eram as anotações. A Confraria era o banqueiro da Terra e vizinhas. Era um benefício e uma tentação tal como agora nos tentamos com o Fundo Monetário.

Claro que não pagando nos hão-de levar a Prado. Mas pagar com quê e quando?

13.7.78

UM BARCELENSE BAIRRISTA

Felizmente que nem todos quantos saem da Terra a esquecem para sempre. E já não falo dos emigrantes — não estou a incensá-los à cata de divisas — que por esta razão ou aquela, nem sempre receta, espalham seus gansos vacances. Vamos ao barcelense bairrista.

215

Aparece ele numa procuração do arquivo de Galegos desta forma: em 1815 foram ao notário de Barcelos, que se chamava António Caetano de Carvalho, 5 mesários — que então se honravam de ser oficiais — da Confraria do Santíssimo declarar que faziam procurador desta um «negociante da cidade de Lisboa», Sr. José Joaquim da Rocha e Castro. E porquê? É que, disseram Custódio Luís Lourenço, Manuel José Lopes Pereira, Manuel José Salgueiro, Francisco José Alves e João Luís Gonçalves que a Confraria tinha a receber em Lisboa um legado de «sem mil reis» deixados por um natural de Manhente de nome António Domingues da Silva.

Acrescenta que o legado era constituído por uma «Apólice»

quer dizer, um título de crédito, havia que entrar em contacto com herdeiros do Silva (e decerto com a devedora da Apólice e talvez com algum tribunal).

+ 29

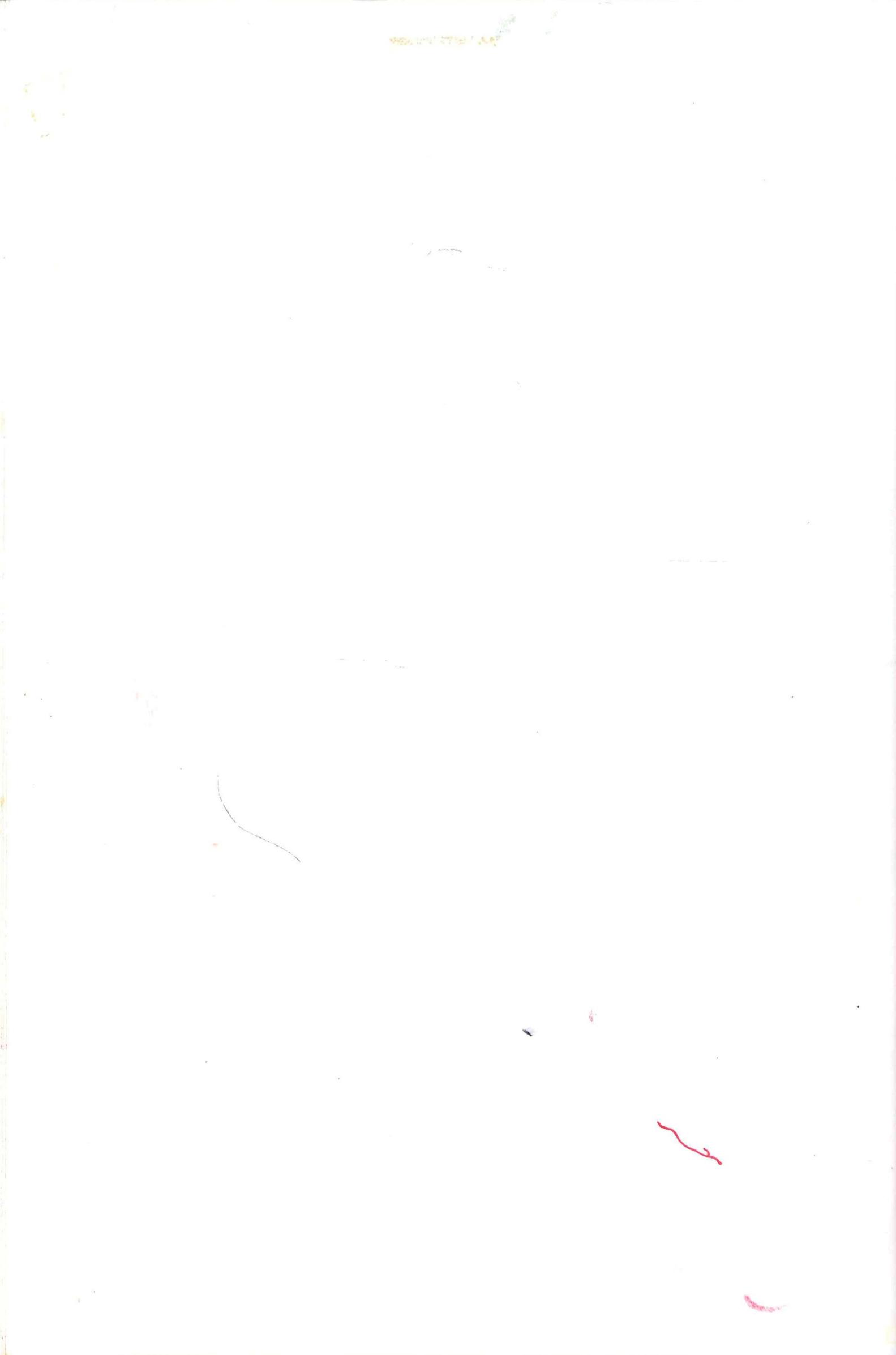
Informa-nos onde morava o procurador Rocha e Castro — a Rua Nova de El-Rei, que já não existe, mas não diz onde morou o benfeitor Silva. Ajunta que do acto foram testemunhas outro Silva (António José) morador em Rio Covo (St. Eulália), talvez parente do falecido e um Francisco Carvalho, de Airó. 13/7/78

O texto da procuração tem 3,5 longas páginas, palavroso como era uso do tempo, mas o resumo é o que atrás fica dito.

Alguém sabe quem foi este benfeitor Silva? Fica aos de Manhente esclarecê-lo e não será difícil. Não vi rastro de o dinheiro ser recebido. Possivelmente o Rocha e Castro era outro barcelense ilustre. De tudo, fica-nos a atitude do morto: amor à Terra e às instituições que lhe aqueceram a vida.

Há que imitá-lo para quanto tal exemplo faz sentido e hoje mais que nunca.

Francisco de Almeida



O sistema econômico em Barcelos

I

J. Barre.

f

Para que todos os leitores me entendam direi que sistema (um padeirão corrente e nem sempre entendido) é um conjunto de peças que funcionam certinho, por exemplo, a engrenagem que faz uma bicicleta andar. Daqui já se vê que no sistema da economia entra a terra a dar passos — e dai a pecuária, ou a dar vinho — e dai a comercialização dele, má ou boa, a divisão da terra ((maior ou menor campo e dispersos ou em herdade), etc. Como é evidente, pelos séculos fora inventaram-se novas formas de cultivo, novos meios de obter pão e isso — é inegável — condicionou o viver de nossos avós como nos espalharia a nós; se não espartilhasse, não eram precisos tantos empréstimos do exterior.

II

Pois o modelo antigo de sustentar os párocos ou mosteiros — a única gente culta a viver cara a cara com as populações — era o dote, já desde S. Martinho de Dumme pelo menos (século 6º). Sustentei que freguesias chamadas São Tiago devem existir desde os anos 750. Vieram dizer-me que os caminhos para São Tiago (Compostela) não iam de Vila Seca até Couto. Mas eu não disse isso (que essas idas só puderam existir pelo ano 1000). Ora os São Tiagos serão o caminho dos Reconquistadores a expulsar Mouros, o que foi muito antes de se falar em ir peregrino até São Tiago.

III

3/8/78

Vejamos o caso de Roriz. Porque será que o dote da Igreja de Galegos abrangia casais em Roriz? Ficavam eles na zona de Pousada, Leiroinha, Contriz. Foram descritos no Tombo de Galegos de 1518 (certidão do arquivo paroq. — 1786 — fls. 24).

Não quererão os de Roriz publicar esse texto?

O 1º andava emprazado a Pedro Pinto da cidade de Viana. Ao lugar de Pousada chama o Tombo «ai-deia». As testemunhas juraram sobre os Evangelhos em um brevíario. Já ali habitava um Pedro Pó sendo um dos caseiros Maria Gonçalves, viúva de Gonçalo do Pó (isto há uns 450 anos, note). Outro empregador era a casa do Paço (João do Paco, etc. — fls. 25).

Pergunto: os terrenos da Leiroinha já terão pertencido à freguesia de Galegos? Pode ser. Mas talvez não fosse isso. Também «Santa Maria de Abade» tinha casais na Leiroinha. Eram da Igreja, do mosteiro, que honrava nestas freguesias ou de alguém nobre? *Há* Outros documentos referem terras da Silva e ainda de Adães não falando já das de Manhente (depois, Vilar) dos da própria paróquia de Roriz, do Morgado do Bárreo e Cabido da Sé.

IV

(arquivo de Galegos) que diz: «que são caseiros dos casais de Manhen-te. E deste modo vem excitar outra vez a questão que há mais de duzentos anos se excitou na faculta-ria (ao fazer) do Tombo da Igreja de Roriz». Tratavase dos lugares de Rabaldo e Contriz.

2.º Documento de 1542 — ação do Cabido contra uns a viver em Roriz, lavradores também em Galegos — não pagavam 1/2 do voto ou voto cada (certidão de 1750 pedia pelo Abade de Galegos, Bento de Sousa — são os votos de São Tiago — ver Avelino Costa em D. Pedro).

3.º Certidão de um rol de devedores dos casais de Roriz (mesmo abade Bento) — ano de 1749.

4.º Parecer acima referido em que se vê ser a polémica entre o Convento de Vilar (pároco de Roriz) e o abade de Galegos, também por 1750.

5.º Certidão do Tombo de Vilar (tenho só cópia parcial) (2 páginas, letra dos anos 1780).

6.º Descrição (medição) do Casal de Pousada nos princípios, sal de Pousada de Parada (Gatim), como e o abade de Parada (Gatim), como falecido, Matias Pais, o Ribeiro de Pica-Tojo & Agra da Gordilha, as varas e a semeadura — 3 páginas.

7.º Casal que foi de Bento José Pedroso (na posse do P. Miranda — 2 páginas iséc. XVIII).

8.º Medição do Casal do Pó (séc. XVIII 7 págs.).

9.º Escritura de troca da leira da Negrinha entre os abades de Galegos e Roriz em 1878.

Francisco de Almeida

Há sobre casais, em Roriz os seguintes documentos, além do Tombo de Galegos:

1.º Tombo de Roriz — referido em um Parecer jurídico de 5 folhas



Alguns intervenientes no Tombo de 1518

332 no tombo de 1518

(continuado da página 1) f

João Gonçalves 26/8/78 ~ 26/12/28
Isabel Gonçalves Ver atrás.

Álvaro de Pousada: titular com em Pousada (fls. 30, v.).

Note que a este casal pertencia uma leira situada na Agra da Lameira (há ainda este nome como apelido ao menos em Barcelos, ido de Roriz: Padre Lamela, etc.).

João do Paco: as casas do casal eram todavia «colmadas» (não terra, mas palha a cobrir) (fls. 32, v.). Ver Paco em Galegos. Este João assinava de cruz.

Maria Anes: era «ama». Que era isso e onde? Titular de prazo sobre herdade da Ig. de Galegos. As casas detinha-as o João do Paco, «cabeça deste dito casal» (fls. 33). Recordar a Bringela. Santa Maria de Abade tinha terras junto das destas Anes e outros sítios.

Lopo de Barros: prazo da Vila, Alvito (S. M.), fls. 35.

ALVITO E COUTO
Gonçalo Pires: Ver atrás Pires, em Galegos. O homem era do Couto (S. T.), mas o casal era em Alvito.

Francisco Fernandes: de Alvito (37). Pedro Machado (Alvito). Ver atrás João. Munha. Ver atrás João.

João Gomes: de Alvito (37). Pedro Machado (Alvito).

João Afonso: Não há muitos Afonsos na terra. Mas há Pires (alcunha) que aparece como ben-

Falecido João Alves e S.ª Dona Bringuela (ou Bringela) Anes. Mais alguns.

Em Galegos (fls. 6):

António Fernandes (posseiro de outro casal.) Outro Fernandes (João) era posseiro em S.ta Leocadia de Alvito, dono dos Pelebeiros (42).

Pelo: Dr. F. de Almeida

Tamel (fls. 43 da certidão que referi). Há um João Fernandes como falecido a fls. 18, v — Galegos.

João de Tralafonte (fls. 8): nome decreto de um simples caseiro sem apelido capaz. O mesmo se dá em outras terras como se vê a seguir.

Domingos do Eido (fls. 11, v.) idem, mas o enfeiteuta parece nobre e é o que segue:

Domingos Anes — trazia um casal no lugar de Portela, «por título de prazo».

Pedro (de Freitas)? Não se lê: enfeiteuta como o Anes, mas do Casal do Paco. Onde nevara o Poco ainda não descobri, mas é pelo lugar de Aldeia (fls. 13 v.).

João de Paredes. Fala-se nur já falecido (45 ao fim).

Gonçalo Afonso — proprietário (fls. 45, v.).

Gonçalo de Quirás: ver acima Lourenço.

João Gonçalves (fls. 20): assinou com o Brás Anes. Mas com uma cruz (não sabia escrever). A fls. 38, v. aparece como posseira de um casal em Alvito (S. M.), viúva de João de Araújo. Ora na Confraria do SS. mo havia legado de João de Araújo. São o mesmo? E a Isabel parente do João atrás referido? A fls. 37 v., diz-se que a Agra de Sanhoane (dizem que significa S. João) confrontava de Poente «João Gonçalves de Galegos». Sanhoane ficava em Alvito. O apelido Tido mantém-se vivaz. O casal de Gonçalves era em Portela.

26/8/78

RORIZ

26/8/78

Pedro Pinto: dono de prazo na Corredoura, zona de Pousada. Morava em Viana (fls. 24). Aparece a fls. 24 v. como tendo parcela a confrontar com outra de Pedro de Pó (Pó foi lugar) e como apelido ou só alcunha ainda existe.

João de Sobreira: dono de um casa por emprazamento em Pousada (fls. 27, v.). Aparece outras vezes.

(continua na última página)

Cap. I

172

+17

HISTÓRIA DE BARCELOS

Capitalização de bens f. 978

Hoje ouvi Domingos Freitas, um madeirense baixinho e de pernas encurvadas que já correu Seca e Meca e se fartou de elogiar a Venezuela: não há lá português que não fique rico, trabalhando; nem há quem não dê crédito a um português, porque todos são bons pagadores. E tudo sem papéis. Logo, não é vantagem nenhuma conceder a Venezuela créditos a Portugal tanto mais que o dinheiro não sai de lá. E o saiu!

- Os legados de 1818 constam de um índice a fls. 1 verso do livro e são: 1) de 12 missas cantadas no 3º Domingo de cada mês — fls. 2; 2) de 20 missas cada ano por João de Araújo (fls. 11); 3) uma cada ano por Alexandre Francisco de Figueiredo (f. 20); 4) outra por Domingos Martins —

f. 29;

(Segue na 3.ª página)

HISTÓRIA DE BARCELOS

- 8) seis por intenção de Maria Faria de Areias S. Vicente (f. 65) — consta de outro livro por 1680;
9) duas por João Francisco da Pena (deixou 20 mil reis — f. 74) também feito por 1680; livros f.
10) uma por Cristóvão Gonçalves da Pena (f. 83) — deixou 10.000 réis;

11) outra por um anónimo (fls. 91). Havia esses capitais que todos os anos deram seu fruto enquanto o bicho lhes não mordeu a raiz. Que se ganhou em abater tais árvores? Digam. E lá tiveram os abades (João de Macedo, António J. de Macedo e F. J. da Costa — minha Galegos, p. 31) de ir mostrar o livro ao Dr. Ferraz, juiz de fora em Praia (1818 — f. 2), ao Dr. Albuquerque, provedor em Braga, e aos sucessores destes!

Mais: o abade dizia só: «esta sa-
tisfeita o legado supra pelo ano
de...). Mas os parasitas governamen-
tais botavam aprovação em 12 li-
nhas! Ridículo.
Espelha-se no livro enorme galeria
de governamentais.
Aqui só interessava recolher que es-
tes nossos antepassados (eles são a
Pátria) não sonhavam apenas com
pão.

Vem isto a jeito de um livro de Galegos encapado a pergaminho que se denomina *Livro para certidões... e legados da Confraria do Santíssimo... — ano de 1818*. Quer dizer: os nossos bisavós capitalizavam também para além da morte, preocupação que em parte passou de moda. Mas vejamos como as coisas eram.

Primeiro: só em 1818 vejo o governo já bem infiltrado das ideias francesas meter bedelho nisto dos legados espirituais — atitude que não passou de hipócrita pois até 1818 as confrarias cumpriram-nos sem tutelas de políticos.

Segundo: afinal, a supervisão do livro dos Legados parou por 1836: começaram por ver a escrita e a seguir a política papou os legados já só 11, bem menos do que por 1680, época em que eles eram os que descrevi no n.º IV dos meus subsídios em A Voz do Minho de 19/2/72 e de que falei também a pág. 16 da minha Galegos.

2

4

31000
2

R 213

A propósito do 15 de Janeiro

S. Amaro

Ainda há dias vi um livro que repara casos sucedidos em certos dias do ano. Os políticos comemoram por exemplo o 31 de Janeiro. Ora o 15 de Janeiro é o dia de Santo Amaro que é venerado em diversas terras barcelenses, por exemplo Galegos.

Que significado tem hoje Santo Amaro? Quase nenhum porquanto até o mestre dele, S. Bento, foi ultrapassado e será por isso que os beneditinos de Singeverga andam esquecidos. Há 200 anos as devoções rurais começaram a decair e foi talvez por isso que as confrarias se encheram de papelada: Estatutos pela 1.ª vez na vida, aprovações régias, provisões arquiepiscopais, etc, como se vê por exemplo com a confraria de S. João.

Mas como foi possível que de uma devoção tão antiga como a de Santo Amaro quase não haja outros vestígios que uma capelinha, uns clamores no dia 15 de Janeiro e pouco mais?

Estatutos
Para o de Galegos encontrei apenas estas referências: a 1.º, no Tombo de 1518 ao dizer que o casal de Portela ficava no caminho que vai para Santo Amaro; a 2.º, num prazo do anno 1574; outra na descrição de uma capela (legado de terras) do abade de Galegos por 1500 e tal, Miguel de Azevedo. Só uma descrição de bens a cargo do pároco é que traz um Stein a descrever a capela do Santo, sem data, mas letra do século de 1600.

A quebra não é razão para se deixar ruir tudo como fizeram os de outras eras. Contudo, se não forem estudadas estas coisas, como pode o povo ter gosto nas suas «antiguidades»?

Precisávamos de um livrinho que desse pequenas biografias dos Santos venerados na nossa região. Que analfabetismo é este em que ninguém sabe pedir da vida que levou um Santo António, um Santo Amaro, uma Santa Luzia, etc.?

15.1.79
1-94
336
J. Boac. - 18-I-79
Se pôr um lado não podemos deixar de ter olhar desperto para as coisas do nosso tempo, por outro seria disparate pensar que o mundo começa agora — só o moderno.

Em consequência: é preciso manter, reparar e renovar as ligações aos padroeiros paroquiais e outros que nossos pais veneraram. O 15 de Janeiro deve servir também para que os da terra tomem o pulso a estas devoções como a do Santo Amaro.

Valeu?

Francisco de Almeida

4. (14)

9/3/29

Uma descoberta ³⁰ arqueológica f na terra dos galos — BARCELOS

337

Atento a que o Cávado se dirige sobretudo a Minhotos, pareceu do interesse relatar sobre o monumento de Galegos e uma vez que ninguém falou aqui sobre o caso.

Galegos teve em 1976 honras de uma pequena monografia histórica em que o autor sustentou não se conhecerem vestígios arqueológicos. Já não é verdade porque no lugar de Pena Grande, a cerca de um quilômetro do alto do Facho, apareceu, enterrada, uma construção que os peritos datam aí dos tempos de Cristo. Falaram dela os jornais de Barcelos: «Barcelense» de 4/10/78 e seguintes (Padre Herculano Oliveira); Barcelos Popular de 1/3/79 (entrevista com o director das escavações, Dr. Armando Coelho da Universidade do Porto) e também «A Voz do Minho» de há dias pela pena, azedada, de A. Costa, decerto aluno de Letras no Porto e cheio de pretensões a mestre. Até jornais de Lisboa falaram dele.

Já deu polémica com a Casa do Povo de Lijó e imensa curiosidade nas freguesias dos arredores do Facho. O Facho é aquele monte que se vê a norte da estrada Barcelos-Braga, por Prado. Dizem uns que aquilo foi um crematório,

outros que foi um valente balneário. Todos, que é semelhante a um de Sanfins (perto do Porto) e dos mais bem conservados que se encontraram até hoje. CV 29/3/79

Uma vantagem tem e é a de se poder ir de carro até uns 100 metros do monumento.

Que a Universidade do Minho não esqueça isso e sobretudo que os estudos sobre estas nossas preciosidades não fiquem, como aconteceu com os de Idanha-a-Nova, reservados às élites. Que o povo quer saber.

Ac. Torres

Presença e Diálogo

2 Ano VII vol. IV

Dez/76

CV 21/77

Temos presente o n.º de Dezembro último e não resistimos a repetir, mais uma vez, que se trata de verdadeiro milagre em relação à existência e resistência desta revista. Vive só da valiosa ajuda de assinantes e anunciantes, a par com a generosa colaboração dos que a lançam e lhe garantem a saída a tempo e horas.

E não deve nada a ninguém, graças a Deus. E com o alto nível que revelam os trabalhos nela publicados:

Este volume abre com o estudo — Para onde vai Portugal?... por Armando Correia e Júlio Vaz; A origem da vida (notabilíssimo!), pelo Eng.º Paulino de Magalhães; Rito Bracarense depois do «Codex Rubricarum», por A. Luís Vaz; Recordar os que morrem — Bakunine, David Hume, Heidegger, e

Mao Tsé-Tung, um trabalho primo-roso de Domingos Guimarães Marques; Cronologia dos jornais de Barcelos (um estudo indispensável da história daquela cidade nomeadamente através dos seus órgãos de imprensa) por Dr. Francisco Alves de Almeida; seguem-se crónicas despretenciosas: Braga de há meio século e Música Religiosa em Braga no século XX; Júlio Vaz fala-nos de saber se «O «Eurocomunismo» é uma realidade ou uma tática: fecha com Livros Novos.

Uma revista do maior interesse e que terá de ser consultada no futuro pelos especialistas e pelos historiadores, de tal modo os seus trabalhos se evidenciam como neiros e de topo.

ACHEGAS PARA A História de Barcelos

16

~~300~~ 1806 Uma devassa em 1826

Não sei se obrigado por lei ou para atalhar piores males, o certo é que o abade de Galegos de 1828 organizou um processo por causa de um furto. Foi assim: faleceu uma mulher solteira que vivia só, num dia à noite e logo de manhã do dia seguinte se

PELO

Dr. Francisco de Almeida

J.N. 25/8/79
apresentou ao pároco um de Galegos a comunicar que tinha visto um parente da falecida carregar alta noite um cesto de roupas que dela foram e levá-las para casa dele. O abade registou o relato e pôs-se a investigar chamando vários homens e mulheres à residência. Registou também o depoimento de cada um. Era verdade. Os efeitos da devassa não constam. Decerto porque o pároco terá conseguido que o larápio repusesse tudo. Fez assim uma justiça rápida e sem vergonhas para o ladrão, o que é sempre muito louvável já que não são os processos crimes, as multas

(Continuação da página 1)

na Itália, exactamente o avesso do que sucede na Polónia. Entendem isto?

Na minha Galegos dei os nomes dos padres naturais de lá por 1700: Padres Pena, Carmona e Macedo. Já descobri mais, pelo menos eram 6. Nesse tempo, todos eles eram proprietários. Ora já o falecido Patriarca Cerejeira, se queixava de que os modernos abastados deixaram de ter padres na família: só os proletários os tinham e às vezes não era sem interesse munido que davam os filhos ao seminário. Entre nós também foi muito assim.

De resto, quem protegeu os padres perseguidos em 1834 e 1910? Até se diz que a nossa gente é anti-clerical: uma incoerência, mas será algo assim.

Em 1857, J. M. N. publicou em Lisboa um *Compêndio Estatístico* (estatístico): esterilidade feminina desde Veneza até à Escócia, duração de vida, casamentos, clero. Exemplos: em Veneza nascia em 1879, um filho por cada 22,5 mulheres, mas em Portugal, só 1 por cada 27 mulheres, mais que na Escócia: 1 para 36 mulheres. Os teólogos duravam 65 anos e 1 mês, os agricultores 61 e 5 meses, os médicos 56 e 8 meses, mas a média geral de vida era de 29 anos e 6 meses. Na

ou a cadeia que convertem as viciosas tendências do ser humano. Mas só vi um caso assim.

Sobre o raro feito número de padres

D. Eurico deu entrevista declarando que na Arquidiocese têm sido ordenados entre 5 a 8 padres por ano, isto quando há 30 anos se ordenavam uns 30 por ano. Não tem sido publicado que vários dos que se ordenaram em Braga entre 1950 e 65 se casaram. Em Lisboa há 2 ou 3 pelo menos sendo um deles deputado. Saíram sem barulhos mas nem todos sem escândalo. Não se perdeu nada com a saída deles. A razão é que a salvação depende mais de Deus que dos ministros e não vejo motivos para alarmes por serem poucos a ordenar-se. De resto, ainda não se viu que ordenassem diáconos se bem que isso não resolva.

Há dias noticiou-se que a França com 30 mil padres em 75, no ano 2000, por este andar, só terá 10 mil. O mesmo

(Continua na pág. 4)

J.N. 25/8/79
Alemanha havia 33% mais de casamentos que em Portugal (sabido quantas mulheres ficavam solteiras ainda há poucos anos). E dos padres? Roma: em 1760, havia 1 padre por cada 10 habitantes e na França, em 1667, só 1 em 74 pessoas e 90 anos depois (1757), os padres seculares eram 100 mil (40 mil párocos) e os religiosos, 100 mil e dava 1 por cada 67 habitantes. Ora Portugal tinha em 1788, 1 por cada 15 habitantes que desceram em 1819 para 1 por 91 habitantes (padres seculares e religiosos). Já uma vez citei a revisão *Análise Social* do ano de 1976, vol. 3.º sobre *Vida Religiosa no Minho* e dá para Barcelos, em 1780, deste modo: 1,1% da nossa gente era padre, freira ou freira. Desse grupo de 1,1%, 10% ou 0,11 eram freiras (logo, os homens eram 9 vezes mais e hoje é ao contrário). Quer dizer: por cada 100 habitantes, 1 era religioso. Mas o Porto tinha 10 vezes mais, 10% da população, como Roma, acima. E Viana, 12 e Braga, 14. Tudo isso teve seus porquês.

E com isso, deixo aí uns dados de história social e religiosa e esta questão: porque é que dantes havia tantos e agora são tão raros?



UM LEGADO PIO EM RORIZ DO SÉCULO XVI

phm

Pelo Dr. Francisco de Almeida

343/6
312/392

17

1.17

30.8.82

1-17

No jornal «A Voz do Minho» de 29/7/72 escrevia: «F) — Bárbara Maciel «que deixava, os prazos e Terras de Capelas e senhorios a seu filho...». Que Capelas, Que Senhorios?».

Vou responder à pergunta acima feita. Anoto que houve uma Bárbara Maciel (apelido que continua em Galegos em gente que o leva com garra) a viver em S. Veríssimo.

O legado 30/8/80

Consta de um manuscrito do arq. paroq. de Galegos com 17 páginas cujo título é: «Medição da Capella q. instituio Miguel d'Azevedo e Atayde ab.º q. foi da Igr.º de St.º M.º de Galegos». Vai nas pág. 1, 2 e 7. No meio traz (fls. 2-pág. 3) o mesmo título em letra diferente. Fls. 3: «Capella que posse P.º Glz Lomba...».

Do Lomba (Pedro Gonçalves) — aparece como devedor da Confraria do Santíssimo no livro dos Assinados.

Do abade Miguel: o escritor da Capela não deve ser de Galegos porque não disse, como de costume, «abade que foi desta Igreja». Na minha Galegos, pág. 13, 14 e 30, falei de 2 abades Miguel, o I e o II, de Azevedo. Este da Capela é Azevedo e Ataíde. Abade de Galegos em 1518 era Sousa e nunca mais houve ali um abade Sousa. Os Ataídes voltaram por 1580 (abade Manuel). 1680 (outro Manuel), 1735 e 1745 (dois Ben-

tos). A letra do manuscrito parece do anos 1700, já o Miguel falecera há muito.

O Texto das parcelas

N.º 1 — Campo da Boucinha: 29x60 varas. Confronta: N — «Quingosta que vai para S. Amaro», S — Terras do Fundão, P — Campo da Levada, Norte — Manuel Gomes Medela.

Nota: houve 1 padre Medela dono da Quinta (prazo) em Roriz.

N.º 2: Campo do Cortinhal circundado sobre si: 24x49 varas. Confronta: N — Requeira e com Padre Francisco Miranda, S — Requeira e Valentim da Silva (Barcelos), P — Rio, Norte — Paulo Francisco do Assento da Igreja.

Nota: Estes Silvas viviam em Barcelos e também eram eufitentas em Galegos (houve uma D. Teresa).

N.º 3: Campo de Figueiredo, na Leiroinha — 82,5x67 varas. Confronta: N — «Caminho que vai para o Giam», Norte — em ponta, P — Pascoal Rodrigues, S — Pascoal e caseiro Manuel Fernandes.

N.º 4: Cortelho da Várzea (Várzea) todo circundado sobre si por valos. Só a metade do lado nascente é desta Capela e tem seu marco: 35x33 varas. Confronta: Norte — Quingosta que vai para a Igreja (é a de Roriz, parece), N — Domingos Martins, S — com a outra metade do Cortelho.

(Continua na pág. 4)

legado pio em Roriz do Século XVI

(Continuação da pág.)

30.8.80
N.º 5: Campo da Bouça (ver n.º 1) — 25x68 varas. Confronta (parte): Norte — «Luís Martins (?) por alcunha o Castilhano» e Morigado do Bairro, N — Justa Francisco do Ventoso, S — ele caseiro, Manuel Fernandes, P — Quingosta.

Y.M. 30/8/80
Vem a seguir um texto (fls. 3 verso) cujo resumo é como segue: 1.) O Campo da Bouça era só leira nesse Campo e levava 3,5 alqueires; 2.) Nesse Campo pertencia ao legado mais outra leira (2,5 alqueires); 3.) A Várzea — levava 1,5 quarto de semente e já cerrada sobre si (antes só marco). 4.) todas se situam (menos a de cima) em Roriz; 5.) o Miguel Azevedo comprou estas 5 parcelas (ilhas vendia); 6.) o vendedor tinha-as obtido «por doação que lhe fez João de Sousa e sua mulher». 7.) São sem feudo nem foro a pessoa aliuma; 8.) são caseiros das Pero Álvares do Outeiro, Maria Rodrigues, a Mansa, da Leiroinha que pagam de renda 32 medidas de pão meado e 2 galinhas. Não diz quem vende.

A Capela do Lomba consta de parcelas diferentes.

Francisco de Almeida

ACHÉGAS PARA A HISTÓRIA DE BARCELLOS

(Continuação da primeira página)

quinhas, abandonou essas folhas e foi pedir certidão a Braga.

E não querem saber que ninguém conhecia esta cerdida... Mesmo assim, mantive o pedido de fotocópias do original que está no Arquivo de Braga. São 107 páginas de papel e capa de pergaminho (pele de carneiro tirada

de velho missal — lindas cores). É terrível de ler, mas, à lupa de filme, há-de ler-se.

Ora o notário da certidão já disse em 1786 que o Tombo estava comido.

Muito velho é ele: exactamente do ano de 1518.

Nesse ano, no mês de Julho,

andaram por Galegos, Roriz, Quirás, Tamel (S.º Leocádia) e Alvito (S. Martinho) o notário Fernam Leite (às vezes assina Leitão) e o Sr. Diogo de Sousa, certamente um nobre dos senhores de Prado, que era abade. A colheita dos dados — porque em todas essas 5 freguesias Galegos tinha bens — demorou mais de 15 dias.

ACHÉGAS PARA A HIS

Tombo

1 — Pois é verdade: fui agora saber que exactamente em Galegos há um homem que possue os 2 volumes (Barcelos — Aquém e Barcelos — Além Cávado) do Dr. Teotónio da Fonseca. É o Sr. José do Anjo, que foi da Junta, e os adquiriu a um de Barcelinhos, por favor e a 70\$00 cada. Isto há 20 anos! Fez o favor de mos empregar que não vejo como obtê-los.

2 — Na monografia *Galegos*, referi várias vezes o Tombo. Vejamos a história dele por uma certidão pertencente ao arquivo paroquial, de quase 50 longas páginas, certidão essa obtida pelo abade Acácio, em 1786. 4/3/78

Refere a certidão que o original estava no arquivo do Cabido, este fechado a 3 chaves, uma na mão de cada sr. cônego, e que tem a anotação seguinte: *um abade de Galegos dirigiu-se, em 1576, ao sr. arcebispo (era D. Frei Bartolomeu) contando que o documento das propriedades pertencentes à paróquia se tinha perdido e foi ele agora encontrá-lo nas mãos de herdeiros de um ex-abade de Galegos e para que não voltasse a perder-se, pedia fosse guardado no arquivo. E foi. Mas agora foram os de Galegos que lhe per-*

pelo Dr. Francisco de Almeida

Bac - 4/3/78 7.318
deram o rasto: por exemplo, o abade Macedo (minha Galegos, 15) já por 1663 fazia uma tábua de bens a fazer de Tombo.

E por 1740 (m/Galegos, 17) só sabiam que ele andava por Braga.

Há no arquivo diversas folhas de Items — também o campo de... e a leira de... Mas o dinâmico padre Acácio tirou-se das taman-

4/3/78

3 — Daqui em diante o Tombo diz mais aos de Galegos. Notem contudo — se houver por estas nossas aldeias quem goste de saber da sua terra — que em 1518 os apelidos são Pires, Annes, Afonsos e até um de Arcuzelo (lá, com u). Como diabo foram desaparecer de lá tais apelidos? Um chama-se *Cardeal*, mas como assinou de cruz... não o era. As vinhas eram só vinha e media-se o tamanho delas pelos 70 homens de cava. O homens de cava havia muita fruta então e já quase todos os os campos eram «cerrados sobre si com parede». Pensava eu que as paredes divisórias não tivessem tantos anos...

Francisco de Almeida

(Continua na 4.ª página)



UM VIANENSE DO ANO 1518

Escreve:

DR. FRANCISCO DE ALMEIDA

O Vianense 15/3/81, 31/3

Para tentar conhecer a história da minha aldeia, que é Galegos, no concelho de Barcelos, e tal como vem fazendo a poetisa minhota Prof.^a D. Laurinda Carvalho Araújo que está a editar monografia sobre S. Julião de Freixo — tive de compulsar o Tombo da Igreja de Galegos. O original está no Arquivo Distrital de Braga e o abade de Galegos tem certidão desse original. Para situar os senhores leitores: o Tombo (quase todas as freguesias o têm) é uma descrição das propriedades de certo dono, uma por uma.

Disse «do ano 1518» porque foi nesse ano, no mês de Julho, que, não sei porquê, apareceu em Galegos (terra dos galos de Barcelos) um notário apostólico a lavrar escritura, com o abade de então e muitas testemunhas, de quanto a paróquia era dona. A folha 6 da referida certidão lê-se no «Título do Casal de Tralafonte» que o abade, Sousa, «pediu um e muitos instrumentos a mim

Notário... hoje catorze de Julho de mil e quinhentos e dezoito». Fica demonstrada a época do vianense.

Vejamos agora quem e qual era ele. O dito Tombo abrange bens de Galegos situados em diversas freguesias, nem todas pegadas com Galegos. A paróquia tinha em Galegos 12 Casais, que é o mesmo que casa agrícola com suas courelas ou grande quinta. Nos termos das leis e dos usos então correntes, esses casais eram arrendados, aforados, sempre por 3 vidas, o que daria a média de 120 anos — eram os «prazos». Pois bem: pegada a Galegos, do lado Norte, situa-se uma freguesia chamada Roriz, a qual é cortada pela estrada que vai de Ponte a Freixo e daí para Barcelos pela ponte de Anhel, sobre o Neiva.

Referente a terras de Galegos em Roriz, reza o Tombo: «Título do campo e herdades que traz Pedro Pinto morador em Viana». Não pode haver dúvidas de que se trata apenas da Viana do Minho, agora dita «do Castelo».

(Continua)

UM VIANENSE DO ANO 1518

(Continuação)

Se o Pedro Pinto não era natural de Viana, era pelo menos vianense residente — e por isso disse «um vianense». O facto de o texto dizer «traz» pode não significar que ainda fosse vivo e querer apenas dizer que foi ele quem arrematou (aforou) o campo e herdades do casal de Galegos em Roriz. Isto já nos informa quem era o Pedro Pinto, vianense, que viveu por 1518. Vejamos agora qual homem era.

Para tanto bastará dizer que o casal de que o vianense era enfiteuta em Roriz, tinha nada menos que 34

parcelas, sendo duas graúdas, 22 médias e 10 mais pequenas. O Pinto era, portanto, um homem de grandes haveres que dava à igreja garantias de pagar cada ano, sem falhas, a renda — porque era disso que os párocos viviam e não como agora.

Para mais informações sobre o nosso Vianense de há 450 anos, só outros arquivos.

O Vianense 31.3.81

NOTA DA REDACÇÃO: Certamente que se tratava da Família Pinto, da Casa de Bertiandos.

ACHEGAS

pelo Dr. Francisco de Almeida

A HISTÓRIA DE BARCELOS

I
Ribeiro
Quase por mero acaso, vim encontrar, nos gavetões dumá sacristia de Galegos, diversos livros referentes à vida que levou a nossa gente, desde 1700. Andam para aí como calha.

Numa reunião, decidiu-se levar para a frente um pequeno museu e ainda um arquivo, onde tais livros possam ser devidamente conservados.

Quantos livros assim não estarão por essas novas aldeias? Guardem esses monumentos que são preciosos.

II

Apareceram 2 pergaminhos: cada um do tamanho de um bandeira: 1 metro por meio metro, ambos ornamentados à volta do latim que conservam quase bem. Eram desconhecidos. O resumo deles é o seguinte: os padres de S. Domingos (dominicanos) fundaram na igreja que tinham em Roma, chamada Santa Maria de Minerva, uma associação

Bare. 65/78
ção de devotos do Santíssimo. Aprovaram e indulgenciaram tal confraternidade os papas Urbano IV, Paulo III e Gregório XIII. Nas referidas Bulas, anotam-se duas datas: 1539 e 1573. A confraria teve ligações com um hospital perto de Viena (Austria), um de Florença (Itália), outro na Saxónia (Alemanha) e outros.

Pergunto agora:

-a) as confrarias do Rosário

foram obra dos dominicanos? (As do Santíssimo foram); -b) porque é que só em algumas freguesias se criou a confraria do Santíssimo? -c) por quais vias e pela mão de quem veio ela, de Roma, fixar-

65/78
Amplia ainda o que disse na monografia: do Padre da Pena, de um fidalgo em Portela (86, v.º), de um Padre Coelho (Roriz-87), do Padre Silva Vieira (fls 12-1771), do Padre Bento José de Macedo (de Galegos—fls 6—por 1770); do Padre Francisco de

MELVIO RU

pelo Dr. Francisco de Almeida

Bare. 24/6/78
Estiveram presentes «os pessueiros Lopo de Barros, Diogo Fernandes, Afonso Rebello e Afonso Annes da Villa de Prado» além das testemunhas que prestaram juramento em como o Casal da Vila pertencia a Galegos «em hum breviário» (fls 35).

E segue: «Título do Casal da Villa que ora trás *Lopo de Barros* por título de prazo». Quer dizer: sabe-se quem era o enfeite (geralmente por 3 vidas, o que dava 100 a 120 anos). Era de Prado e é capaz de existir escritura para esse prazo. Desde 1570.

Os títulos de prazo de emprazamentos foram sempre por escritura e nunca antes de bem avaliados por Carta de Vedoria (Barcelense de 18-3-78). Este casal abrangia 16 parcelas que se situavam em Cortinhal (com água de rega), no Boarim, ao campo de Funes, ao campo da Nogueira, no chousso do Moinho, na Corredoura.

III
65/78
Um 3º pequeno título; herdade e leira, na posse de Isabel Gonçalves, viúva de *José de Araújo*. Este nome tem enorme interesse para os de Galegos.

Este título tinha em Couto o Campo do Bocelo (há este nome em Galegos).
Uma questão: quem sabe onde está a freguesia de Fornelo referida no Tombo?

(Continua na página 4)

(Continuação da página 1)

Vêem-se ali nomes de muita gente: do abade Bento de Sousa; de duas irmãs dele: D. Ana que professou em Barcelos e D. Mariana que foi freira em Vairão; de um Costa que era de Roriz, serviu o abade Bento e foi parar a Lijó; de um Manuel de Sousa, sobrinho do abade Bento, que foi mor-

Macedo (de Portela—5, v.º).

Tudo isto vinha a propósito da monografia de Manhente—não publicado. Hoje não há espaço para falar dela.

Francisco de Almeida

JUMBO DE GALEGOS

po Dagordelo (de Agordelo), nas Raviçadas e Devesa ao Caniçadas.

O 2.º Título (vem a fls 37 e é o 19.º título do Tombo) que fora trazido pelo Guião, andava em 1518 na mão de «Gonçalo Pires, de Vilar, da freguesia de Sam Thiago do Couto». Começava à saída do casal de um Gonçalo Gomes e tinha 11 parcelas: na Quintoga (sede, casas), Gradevilhas, Talho da Gafa (leprosa), Agra de Sanhoane (ficava-lhe a nascente a Quintam de Crescente e a poente, uma terra de um Goncalves de Galegos), chousso do Piqueiro (períto do rio de Fornelo — freguesia atrás referida), uma Bauça que tinha Calvelo a poente (fls 38), devesa de Pedrigais e no Carregal (há este nome em Galegos).

As testemunhas para o 1.º Título foram Mateus Fernandes e Afonso de Reborido (existe o sítio de Reborido em Galegos) que assinaram de cruz e para o 2.º foram os homens bons João de Fornelo

S. Martinho de Alvito

NO

Tombo de Galegos

(Continuação da página 1)

22-20-25/4
e Álvaro de Fornelo; as testemunhas foram Rodrigo Anes de Fornelo, Álvaro Fernandes e o Cardeal. Só o Cardeal assinou de cruz (fls 38, v.º).

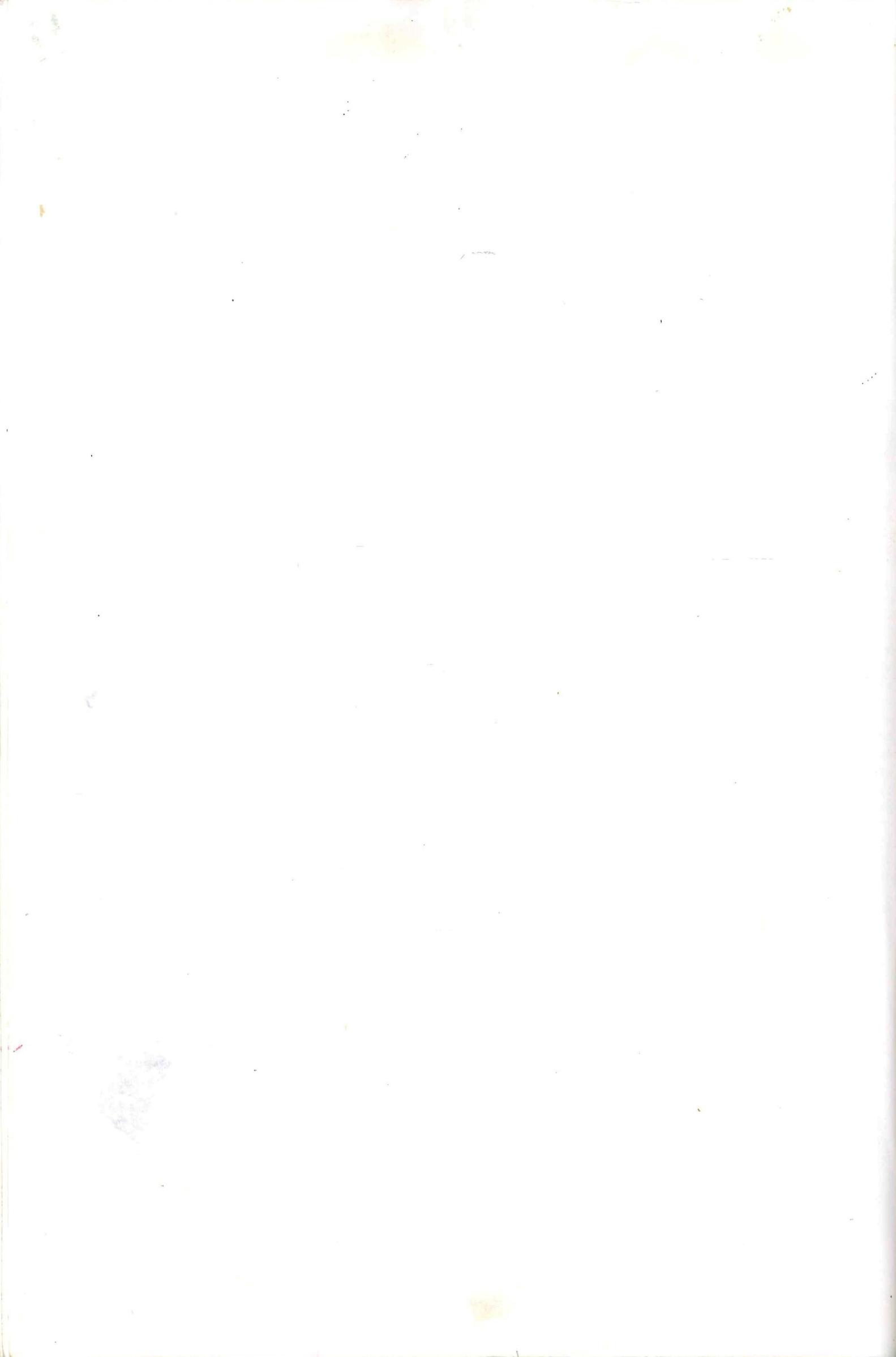
Um 3º pequeno título; herdade e leira, na posse de Isabel Gonçalves, viúva de *José de Araújo*. Este nome tem enorme interesse para os de Galegos.

Entre os referidos livros há um que vai desde 1750 a 1816—rol dos irmãos da Senhora do Rosário.

(Continua na página 4)

(Continuação da página 1)

Galegos (50 a 53), de Manhente (e entre estes o reitor Silva Coelho e um Félix que morreu em Roma—54, v.º); de S. Veríssimo, de Roriz (um alfaiate), dos Arcos (64), de Areias (68), da Lama (um José Carlos de Sousa e Azevedo), de Condomar, de Oliveira, da Ucha (79, v.º), da Silva (uma Angélica Maria—79 e 90, de Vilar (S. João—90) e de Amares (92, v.º).



M HONRA DOS POETAS BARCELENSES

capaz disso. Basta querer. I ego que queiram, que façam. Que, do lado delas, estão ali: presos aos valados e aos pomares. Decida-se senhor poeta! Mas se não fosse poeta, não via tanta silva, tanta amora, e tanta menina bonita! Nem admirava esses dons de Deus. **V. M. 23.I.82**

fundo a cadeira de Poética. Na poesia fala-se de Métrica, Sons, de Acentos, de Passos, de Pés, de Rima e de Técnica de Fazer Versos.

Lá na minha aldeia, há quem seja capaz de «enversar», quer dizer, falar com versos seguidos, é dom, que alguns têm. Não se em cadeia. É dote natural, é dom, que alguns têm. Não se aprende, herda-se.

A sul do Cávado até as mulhe- res falavam em verso — algumas pelo menos — e horas seguidas se fosse preciso. Isto ainda em 1930.

Já temos visto cantar ao desa- fio. Que cabeças boas as dos cantadores e das cantadeiras; aquilo sai certo na sílaba, no tempo dado, na rima, no dito de gozo, de ataque ou de desprezo! E não deram romancistas nem Poetas dos grandes, dos literatos. Onde conseguem ideias tão prontas, imagens tão apro- priadas, palavras tão lestas? Admiro e presto homenagem a esses artistas que do povo nasceram, entre ele se formaram e ficaram. São admiráveis.

Mas eu vejo que ainda escrevem em verso — e publicam livros (só em 1967 saíram mais de 100). Valia a pena fazer um levantamento de tudo o que é Poético na nossa região. E há ai gente

Uma poetisa (ou um poeta) minhoto, teve a ideia de me remeter um dos seus últimos livros de versos. Todos nós já alguma vez rabiscámos uma quadra (verso) ou até mais. Os an- tigos professores de Português (alguns) até obrigavam a rapa-

PELO **V. M. 23.I.82**

Dr. Francisco de Almeida (23.I.81)

Triada a compor versos em Ter- ceto, por exemplo, para mostrar que sabia falar de versalhada.

Parece que agora se ensina Português como o professor de há anos ensinava a física, a saber: que no telefone — na Comunicação — há um Emissor e um Receptor. Eu, escrevendo isto, emito a ideia, o jornal leva-a, o leitor recebe-a. Mas o Português não é Física!

Que hei-de eu dizer dos ver- sos da nossa poetisa? E interro- guei-me: — afinal, o que é que é a Poesia?

Há 200 anos, estudava-se a

judicam o Ritmo. Fiquem-se com essa (Cunha, 456). A poesia é então uma lin- guagem por medida? Métrica vem de medida. O Prof. Cunha até relata alguns factos sobre os que foi a poesia por esses sécu- los fora — a sua história. E cá nos Barcelenses como é que foi? Tanto limão, tanta lama / Tanta silva, tanta amora / Tanta menina bonita / Meu pai sem ter uma nora! (Cunha, pág. 480, falando da Rima).

Se ele quisesse casar! Eles são tantos como as silvas ou os «limões» ou as amoras. Difícil é

que era prosa. Mal se entende. Poesia é dizer bem ou dizer bonito? Deixo-vos a escolha. Para aqueles que queiram aperfeiçoar sua arte de versos, digo que podem ler a Gramática de Portu- gues Contemporâneo, de Celso Cu- nha, 40 págs. (456-96).

O ritmo marca-o o bombo,

só a cabeça, só a ideia. Tão certo como o melhor relógio. Alguns não conseguem, trocam pelo menos — e horas seguidas se fosse preciso. Isto ainda em 1930.

Leio na Monografia de Porto

Espada (Portalegre), pág. 138:

O meu coração vai voando / Vai

F. Almeida

23.I.82

as Recolhas do nosso Gomes Pereira. E verdade: de que faz o novo livro, «Divagando»?

De metáforas feita toda (será baso / De metáforas feita toda (será baso / fonta / Toda a moça que me escuta chapeu / Que tem uma porta na (pág. 93): — Olha bem pro meu delicado, subtil, etc. Era-se (no Ano Novo de 1902). Era-se amar / Que os todos os que dar

amor / Que os todos os que dar

</

FESTA-SG PARA O O

Empregada ou empregada

a parquejar em par-

Ao novo lar

maiores felicida-

de

NO ITALAS VAPIS

— Não desprezando a tradi-

ção que lhe legaram os seus

irmãos avós, os professores que

trabalhavam nas escolas desta fes-

guesa, promoveram Festas de

Natal, na Escola Secundária, na

Escola Preparatória e nas Esco-

las Primárias, proporcionando esse

seus alunos um pouco de con-

funto moral e de alguma alegria

nesta quadra.

Na Escola do Bairro, ficarão

exibidos filmes para as crianças,

por iniciativa da Associação de

Moradores daquela vasta zona

Areózelle Pachell

DESPORTO E CULTURA

A juventude e vocação de

Pachell, é um grupo que tem

como prática principal o futebol

de 11. Fazem sempre um grupo

de jovens, representaram a na-

ção na esperança de conquistar

troféus e de levarem ao

porto e ao longe o nome «Pach-

ell». No dia 10 do corrente mês

de eleções e nelas apresentaram-se

2 listas. Lista A e lista B.

São vencedora a lista B, com

posta pelos 35

António Afonso Barros, de

Silveira, Muriel da Silva, Ramon

RIO-BPK

RIO-BPK

de antigas ampre-

CONTRIBU

mbiente e escop-

Vítoro García

n pratos region-

Casa especializada

nos papéis de paçade

SWETAC

tos e de rachões e

orgânicos

na Rua 1.º de D.

Telefone 89561

— M. J. J. M. —

EM HONRA

M. J. J. M. —

Urbaniização

da Vila E. S. —

BARCE

lado —

A PROPÓSITO DAS CRUZES EM BARCELOS

A PROPÓSITO DAS ~~X~~ CRUZES EM BARCELOS

Pelo DR. FRANCISCO DE ALMEIDA *V. Passos*

V. Passos

399

Abram-me um Dicionário. Aí está: cruz é uma palavra, um vocábulo que significa várias ideias. Onde houver 2 paus sobrepostos e desde que não estejam «a par», paralelos, aí temos uma cruz. Cada igreja tem no alto dela ao menos uma cruz. A da Lama e outras até as electrificaram para que se vejam de noite. As capelas têm cruz. A Sé de Braga tem pequenas cruzinhas gravadas nas paredes. Em Friastelas, se não erro, o Cristo do Cruzeiro é ainda em pedra, coisa rara.

11/5/82
Outro significado de cruz é dores, miséria, sofrimentos: levar, cada um, a sua «cruz». A tarefa difícil é cruz: levar a cruz ao Calvário (quer dizer, suportar, não desistir).

Pois bem. Se forem a Lisboa verão muitos sinais em edifícios, mas poucas cruzes: Braga, tem, em proporção, mais cruzes que Lisboa. Até se conta esta: na Alemanha Comunista o governo, que é ateu, faz tudo para afastar esse sinal — a Cruz. E levantou uma grande torre e lá no alto, um restaurante panorâmico. Aconteceu o seguinte: ao por do sol, a torre projecta sombra e logo por azar, sombra que tem a forma de uma cruz enorme! Daí que os adversários do governo comentem: até o sol se virou contra os ateus!

Neste ano de 1982 não há país nenhum onde não haja edifícios com cruz a significar adesão a Cristo. A não ser talvez na Rússia, Cuba e alguns mais, comunista. No Japão, na Tailândia e assim, pode havê-las mas são raras — há poucos cristãos, pequena densidade. Nos países de árabes, também raramente se podem ver.

Um bispo tem cruz com um traço; o arcebispo, com 2 traços, coisa que significa outras duas: a cruz e o grau ou hierarquia.

E para quê falar de tudo isto? Porque vai sendo tempo de aprofundar estas nossas cruzes. Não vos falo da rainha Helena, santa de há 1600 anos, que gastou anos e anos à procura dos paus em que Cristo foi pregado.

Nem quero agora falar das cruzes referentes a Barcelos de há 400 ou a Lijó há 100 anos. Nem quero historiar desde quando se usa entre nós espistar uma cruz no alto das igrejas.

Para isso, teremos de fazer a história das cruzes da Matriz, de Manhente, do Banho, de Palme, da Várzea — que são do mais antigo que aqui há. Eu não sei descrever essa História.

(Continua na pág. 4)

com o nome de Liberdade). Mais outro grupo — é o das Teologias da Cruz.

Que longe se está dos nossos teólogos (escritores, que os fizemos) desde Santo António até ao Atual de Teologia de D. João Faria, que está na Biblioteca da nossa Câmara!

E mais: um grupo procurou a Cruz nos Evangelhos e em S. Paulo, outro nos escritores dos anos 100 a 500 e ainda de 600 a 1300; os protestantes foram ver a Cruz nos escritos de Lutero, etc. E concluíram: só interessa estudar Deus, Cristo, o Homem, a Sociedade pelo aspecto da Cruz. Com isso se opõem aos teólogos do Secular da Esperança e das outras modas. E quem havia de dizer que grandes

Já longa, sia caminhada de tão simpática como útil instituição, que não excelentes serviços tem prestado à paróquia onde se inscrevem.

Quem, vivendo em Arcos, se não sente de algum modo beneficiado com a presença destas irmãs religiosas? Nós, por exemplo, devemos-lhes o contributo dado por elas na educação de dois filhos, do mesmo modo como milhares de famílias que aqui nasceram ou se fixaram há longos anos.

Para comemorar tão importante efeméride, vão ser levadas a efeito vários actos de carácter religioso e social, cujo programa está a ser devidamente organizado.

Felicitando-as, agradecemos o bem que têm espalhado pela paróquia, desejando-lhes boa saúde, para que possam continuar o seu apostolado.

PARQUE INFANTIL

Finalmente já se vê algo que nos indique a criação de um «Parque Infantil», no Largo dos Heróis do Ultramar, vulgar Trazeiras da Cadeia Nova, com o inicio das respectivas obras, aspiração acalentada desde há muito pelos moradores daquela local.

PASSEIOS DA AVENIDA ALCAIDES DE FARIA

Já se encontram cimentados os passeios desta importante artéria citadina, que põe em território desta freguesia, melhoramento bastante desejado pelos barcelenses.

ca cruz e bençãos das suas missas e presídios; num acolhimento cativante e alegre ao «Compasso» que anuncia a Ressurreição do Senhor.

Neste ano o nosso pároco, com os incónus acompanhantes, poderam visitar toda a freguesia e que se tornou muito significativa.

E sentiu-se por toda a parte uma alegria transbordante e comunicativa entre familiares, vizinhos e visitantes doutras terras, na ruas aberta e alegre com urbanização.

Tudo sem notas discordantes.
Aleluia! Aleluia!

ORFÉAO DE CARAPEÇOS

Prefaz, nesta data, cinco anos, de actividade, o «Orfeão de Carapços».

A efeméride não foi esquecida. No passado dia 25 o Orfeão participou, activamente, na eucaristia dominical a que se seguiu, da parte de tarde, um sarau recreativo e musical na «Casa de Nazaré», dedicado pelos orfeonistas as suas famílias e a todos a população.

Depois, já na «Casa do Povo», um lanche convívio, de que todos partilharam, que decorreu com a maior animação.

A Direcção, Componentes e seu Director-Artístico, merecem uma palavra de admiração e louvor, pelo nível artístico alcançado, fruto de muito trabalho, dedicação constante e esforço porfiado.

Contribuindo para uma melhor formação humana e promovação social dos seus elementos e da própria freguesia, é digno do maior apoio desta comunidade,

7.22

A PROPÓSITO DAS CRUZES EM BARCELOS

(Continuação da página 1)

n-382

Há séculos que os cristãos se benzem com uma cruz que fazem, quase baptiza fazendo cruz, que os noivos são casados com o sinal da cruz, que se é enterrado benzendo em cruz o cadáver.

Quer dizer: nascemos, vivemos, morremos fazendo, recebendo e dando este sinal: Cruzes. Somos crucíferos, cruzados, encruzilhados. A cruz entrou-nos nos usos e costumes (para não falar já da do dia de Páscoa — que em Galegos era tão linda e tão perfumada!). Porque a usamos tanto, esquecemos o sinal, ao contrário do Judeu em França — 1941 — que não podia esquecer-se do sinal que trazia — o de ser Judeu.

Pessoas há que trazem uma cruz ao peito; outras, um chifre, outras nada (são neutras). Cruzes há aí, de prata ou ouro, a valer fortunas que só servem para adorno e luxo do portador — e não que ele seja cristão. São as cruzes artísticas.

Escreve-se que a moda de trazer cruz ao peito foi forma de contestar o governo na Rússia. Mas eu nunca lá fui ver e se fosse, não me deixavam ver, logo não vou.

Em resumo: a nossa cultura e civilização e costumes e monumentos e vida têm esta marca: uma Cruz! Se não é cristã esta, outra não há que o seja. Ao contrário, na Rússia a marca é uma foice ou um martelo, a 1.ª de cortar pescos e o 2.º, de esmagar miolos. Entre os árabes, budistas, etc., os sinais são outros.

Quer dizer: os homens não conseguem viver senão armando-se de sinais, vivem de sinais. A cruz é um deles. Por isso, esses nossos safados de 1910 fizeram retirar a cruz das escolas: queriam outro sinal para a educação dos pequenos.

Na URSS as escolas não podem ter uma cruz: ai do professor que se atrevesse a pôr uma cruz na sua aula.

E nós cá, como é?

17.04.21/5/82

As escolas têm uma cruz ou ela foi saneada? E que na escola onde aprendi o b, a, bá, havia cruz! E o professor, respeitava-a menos que o devido pois nos «crucificava».

♦ ♦ ♦

Perdi-me nesta lenga-lenga porquanto projectara dizer duas palavras sobre uma afamada, e nova, Teologia da Cruz.

De Teologia bastará aqui dizer-lhes que são os estudos que um sujeito tem de fazer para ser padre. O sábio disso é o teólogo. Da cruz, já disse atrás. Significa isto que, não sei porquê, os homens de há 50 anos para cá deram em ser teólogos ou melhor, em filosofar sobre assuntos teológicos. E vai uns pôem-se a discutir — e escrever livros — sobre como provar que Deus existe, sim senhor. Para outros, o que interessa é a teologia popular (de facto, não há aí analfabeto nenhum, nem esse, que não saiba umas tintas de Teologia). Outro grupo só procura a Teologia Prática e uns investigam a Teologia do Progresso, outros a da Política, outros ainda a das revoluções (que escondem com o nome de Libertaçāo). Mais outro grupo — e é o das Teologias da Cruz.

Que longe se está dos nossos teólogos (escritores, que os tivemos) desde Santo António até ao Manual de Teologia de D. João V, que está na Biblioteca da nossa Câmara!

E mais: um grupo procurou a Cruz nos Evangelhos e em S. Paulo, outro nos escritores dos anos 100 a 500 e ainda de 600 a 1300; os protestantes foram ver a Cruz nos escritos de Lutero, etc. E concluíram: só interessa estudar Deus, Cristo, o Homem, a Sociedade pelo aspecto da Cruz. Com isso se opõem aos teólogos do Secular, da Esperança e das outras modas. E quem havia de dizer que grandes

intelectuais leigos, geralmente professores de Universidade, haviam de se fazer célebres filosofando sobre esse sinal, objecto ou o que é, que é a Cruz? E por ser assunto assim tão falado, é que vim aqui falar dele nesta época das Cruzes.

Vai a apena que lesssem, podendo, alguns livros que cito sobre esse tema: O Deus Crucificado, The Protestant Era, Teologia da Esperança Humana (autor brasileiro), Religião, Revolução, Futuro, sobre a Teologia da Cruz, Incarnação de Deus, todos ditos a págs. 199 do resumo As Teologias do Nossa Tempo.

AI ficam algumas ideias e sugestões possíveis para valorizar esta grande festa barcelense — As Cruzes.

Francisco de Almada

François de Almada

55

55.F

24



4 S C. M., - L. ^{DA}

1982

EB

Barcelos na História da Diocese da Guarda

Pelo DR. FRANCISCO DE ALMEIDA (1834...)

Já identifiquei e descrevi essa História, livro publicado em 1981.

No Índice Toponímico, que nos possa interessar (e interessa menos a Toponímia como por estes lados a tenho visto tratar), refere Aldeia (várias povoações), Algoso de Pousa (que vai para o Padre Hélio), Arcozelo (da Serra), Barcelos, Braga, Freixo, Lourdes, Midões, Minho, P. de Coura, P. de Varzim, Santa Eulália, St.º Amaro, S. Romão, Torrozelo (problema na Ucha), Tuy, Valença do Minho e Vila Chã (Esposende). Transcrevo o que interessa.

A. D. de 18/82 DA POUSA (pág. 180)

Trata-se da lista dos que foram bispos na extinta diocese que houve em Pinhel (terra sáfara, mas bela). Ao tratar do St.º bispo, Sousa Brandão, falecido em 1838, refere que este bispo, após a guerra civil entre D. Miguel e D. Pedro, teve de fugir, ficando a governar a diocese o vigário geral. E teve 9 governadores: 1 — Dr. Lemos, que era de Monção, logo, nosso; 3 — Dr. Leal, que foi desembargador da Relação do nosso arcebispo. 5 — Dr. Vaz, como o Dr. Leal; «7 — Dr. Manuel José de Oliveira Guimarães, abade de Santa Cristina (Algoso de Pousa) que desempenhou as funções durante dois anos (30-6-1871 — 1873). Obrigado a ausentar-se, o cargo foi interinamente desempenhado pelo...».

(Algoso da Pousa) — Hélio —

(Continua na página 4)

DE BARCELOS

Pág. 20: interessa menos pois só refere à famosa História de Portugal que foi impressa aqui entre nós e é conhecida menos dos barcelenses, pela «Barcelos». Vendia-se há tempos em Lisboa (2.ª mão) por 6 contos.

Pág. 170: trata-se da lista dos bispos egitanienses (ou da guarda) pág. 174 a 176). Ora o n.º 51, D. Joaquim Sousa, por ser miguelista, teve de fugir como o de Pinhel, deixando o governo a vigários, substitutos, e aí temos: o 1.º era contra D. Pedro; o 2.º, ao avesso do 1.º, o 3.º é nosso e só podia ter sido como o 2.º. Diz assim:

«3) Dr. Joaquim Pereira Ferraz, (Barcelos, 27-9-1788 — 27-2-1873), da Ordem de S. Bento, com o nome de Fr. Joaquim do Desterro, era lente de Teologia em Coimbra, quando (1-12-1836) foi nomeado governador da diocese, cargo de que foi exonerado (27-9-1837) para seguir como bispo para Bragança e, depois, Leiria». V. Almeida.

Quer dizer: um intruso oportunista que se não perdeu com a expulsão dos frades! Outro Saraiva ou aqueles de Palmeira.

Pág. 366: Está no capítulo da Imprensa católica, no referente a um combativo jornal «A Guarda» que vem do ano de 1882. Diz assim: A. D. de 18/82

«O aparecimento de semanário tão combativo levou os republicanos à fundação de O Combate (1910-1931).

...As outras dioceses careciam de imprensa, mas não estavam equipadas, por isso que, em A Guarda, nasceu a primeira «Cadeia» de jornais católicos. Desde a sua fundação, A Guarda efectuou, até depois de 1910, importantes edições locais como O Arouquense (Arouca), Alerta (Bragança)... Avante (Póvoa de Varzim) DEUS E PÁTRIA (Barcelos)... União Nacional (Braga). As páginas de honra eram sempre do mesmo teor, apenas mudando as páginas de assuntos de interesse por localidade... os artigos de fundo... por Bivar em Braga, por Teixeira Guedes em Santarém, e por... na Guarda».

Quer dizer: quase como na Voz do Minho matéria geral e canto

Voz do Minho: Barcelos: Levou para Braga...» A Accção Católica publica-se em Braga desde 1916. O único que vi citá-la foi o Padre Hélio, da Ucha.

Nota: A Biblioteca da Câmara pediu jornais aos barcelenses. Oicam-na quanto possam. Bom seria que a Câmara fizesse lista, para a Biblioteca, dos artigos da Acção Católica sobre Matéria barcelense. Há bastantes, parece.

E para o tema, basta.

Francisco de Almeida

«A primeira publicação oficial foi a revista... Accção Cathólica (1914)... O exílio de Vieira de Matos e a sua ida para a arquidiocese de Braga puseram termo a esta revista, cujo título o citado bispo

minutada que era só a da Sociedade «GOMES & GONCALVES, LIMITADA», com sede na freguesia de Alheira, deste concelho de Barcelos, foram celebrados os seguintes actos:

a) A sócia Maria Fernandes Gomes, cedeu, no todo, a sua quota de valor nominal de cento e sessenta contos que possuía na indicada sociedade a Domingos Fernandes Marques, casado, residente na mesma freguesia de Alheira, com expressa renúncia à sua qualidade de gerente & autorizado que o seu apelido «Gomes» continuasse a fazer parte da firma social;

b) A sócia Maria da Glória da Cunha Martins, da sua quota de valor nominal de quarenta contos, destacou duas, sendo uma de vinte contos que cedeu ao mesmo Domingos Fernandes Marques e outra de dez contos que cederam a Maria Alexandrina Gonçalves Marques, menor, residente na citada freguesia de Alheira, com expressa renúncia à sua qualidade de gerente; e,

c) Pela mesma escrínula, e em consequência das precedentes cessões de quotas, foi alterado não só o artigo terceiro, como ainda os artigos quarto e sexto,

de dez contos, pertencente à sócia Maria Alexandrina Gonçalves Marques;

ARTIGO QUARTO — UM

— A gerência da sociedade, dispensada de canção e remunerada ou não conforme for deliberado em Assembleia Geral, incumbe à sócia Maria Cândida da Silva Gonçalves, que fica desde já nomeada gerente; — DOIS — Para obrigar e representar a sociedade activa e passivamente é sempre necessária e suficiente a assinatura da sócia Maria Cândida da Silva Gonçalves; e — TRÊS — Poderão os gerentes, para prossecução dos fins da sociedade, comprar, vender ou permutar veículos automóveis e promover os respectivos registos;

ARTIGO SEXTO — A

A sócia gerente pode delegar no todo ou em parte os seus poderes de gerência no outro sócio de maior idade, por meio de procuração.

Está conforme com o original, nada havendo na parte omitida em contrário ou além do que neste extracto se narra e transcreve.

Secretaria Notarial de Barcelos, sete de Julho de mil novecentos e cincuenta e dois

DA DIOCESE DA GUARDA BARCELOS NA HISTÓRIA

referido dia, por iniciativa dos seis professores de então, sendo director o Prof. Mário Vila Verde, com a colaboração dos proprietários da freguesia e de benfeiteiros; só mais tarde o jovem conterrâneo Sr. Marcelino Queirós, residente no Brasil, coube todas as despesas, fez edifício próprio, pois antes era no ginásio da escola, e deu fundos para custear a sua manutenção. — Também vítima de afune, morreu repentinamente, na estrada, quando viajava de trabalho, Albino Fernandes Dias, e 60 anos, solteiro, jornaleiro, o lugae do Cercneiral. Faz as suas almas.

Barro Garcia Timres & C.º, L. de
especializada na coleção de alcatifas e
parede.

loas et -melhores preços e as melhores qualidades

Orcamentos gratis

na Rua 4.º de Dezembro n.º 6 (perto a Chaves) —
Teléfone 89561 — ESPODE

PRECISA-SE

EMERGADA

Para Esposende com Idade superior a 35 anos.

Telefone 89505

Quintinha

VENDE-SE

Em Vila Cova, área de 8150 m², 3 pipas de Vinho e muita fruta. Boa área de cultivo, tem casa antiga e devoluta.

Trata Firmino Negreiro, Tel. 89732
CURVOS — ESPODE

CONCORTE 2000

Para a história das aldeias

grande 3.9.82 Tombo

Há vários métodos para descrever que a vida teve cada uma das nossas freguesias. Vou relatar-lhes como foi tratada a freguesia de Joane, em Famalicão (edição da Câmara 1978) de que foi autor o falecido e muito culto Padre Benjamim Salgado.

1.º Começou por discutir o nome Joane — para concluir que deriva de João, nome que terá sido o do dono do território que depois se converteu em paróquia. E supõe que a terra recebeu o nome de Joane antes do ano 400 da nossa era. Isto que veja é a devoção ao Baptista, pelos nossos Povos.

2.º Discute a Antiguidade do povoamento no território que hoje é a freguesia de Joane. A este respeito direi que é frequente haver em cada freguesia nomes de lugares com aspecto mais antigo que o nome da própria freguesia. É o que sucede, como mostrei, em Galegos, Barcelos. Por exemplo: Penelas — que é céltico e Chouço — que é dos tempos dos Romanos (200 antes de Cristo e 200 depois de Cristo). Têm a palavra os Arqueólogos.

3.º Salta logo para o século XI e transcreve um texto do ano 1065, o qual refere haver já uma Basílica (igreja não paroquial) em Joane. Não citou o imprescindível livro D. Pedro, do Prof. Dr. Avelino Costa. Se 1065, é anterior a Galegos cujo 1.º documento, que temos, data de 1081. Imprescindível vasculhar os textos coligidos por Herculano e que decretou a Câmara de Ponte ferá: o Portugalae Monumenta Historica: (Diplomas, Cartas, Escritores). É ir ao índice que por lá se vê se a freguesia é falada ou não. Se sim, diz em que página. Leve fotocópia. A análise do documento, se o houver, dá logo imensas informações e pistas: nomes de pessoas, negócios, etc. A data é da era de Cesar e transforma-se em cristã diminuindo-lhe 38 anos. Exemplo: ano de 1103 (1103 - 38) corresponde ao ano 1065 da nossa era. Ver acima o documento que disse ser de 1065. No caso de Joane, foi o seguinte: o sr. Tello Gonçalves doou todos os bens que tinha à basílica de Joane ficando como o usufruto (decreto enquanto vivo) um sobrinho.

Um orientador para a história paroquial, cristã, é o livro de P. Miguel de Oliveira — História Eclesiástica de Portugal. Para aprofundar, do mesmo, o famoso Paróquias Rurais. Diggo isto para os curiosos que há pelas aldeias.

4.º Discute depois se lá houve ou não um convento (mosteiro), o que foi frequente nas de Ponte (lista no paróquias Rurais, supra.). Aqui é preciso ir ver o que diz Herculano — textos das Inquirições de 1220 e 1258: descrevendo bens do Rei, da

por FRANCISCO DE ALMEIDA

rás. O Tombo não distingui o que era da de Galegos do que pertencia à de Quirás. Um prédio pagava 20 reis ao Duque (de Barcelos) e outro, 50.

c. sacaria

COMENTÁRIOS ÀS MATERIAS DO TOMBO

1.ª alínea: As informações económicas.

Mediam as terras por varas, a vinha era de ramadas (ao contrário de Portugal Centro e Sul, não sei porquê), predominava para o centeio (pão magro).

2.ª alínea: informa que é de 1319 a Bula do Papa a autorizar o rei de então a fazer comendas. Remete para o historiador Fortunato de Almeida.

3.ª alínea: Aqui subdivide: 1) estuda uma Capela em honra da afamada Madalena, que foi santa (tem capela na Falperra — Sameiro); 2) estuda que caminhos o Tombo refere; 3) destaca vários nomes de proprietários na data; 4) informa que outras entidades religiosas lá tinham terras (Colegiada que houve em Guimarães, etc).

4.ª alínea: trata da riqueza vinícola e arbórea. Como em Galegos (1518): cita as árvores de fruto, castanheiros e sobretudo muitos carvalhos (só 1 campo tinha 330, o que nos remete para os Lusitanos, pão de bolota e bolota para porcos, o que até no Alentejo está a desaparecer).

5.ª alínea: transcreve palavras escritas como os de 1500 as usaram: arcebispo era cipreste, etc.

E segue a 6.ª alínea: processos de medir as terras, o milho, o vinho, etc.

Seguidamente (cap. VIII) passa ao século 17 (anos 1600-1699) e aponta que não era o povo quem suportava os custos com arranjos da igreja (bem comunitário); as 14 freguesias vizinhas de Joane não tinham sacerdício (Santíssimo) — só Joane tinha (dai as confrarias do Senhor, como Galegos, só nesta ou noutra freguesia). Transcreve textos referentes aos altares que então a igreja tinha (muito mais que hoje).

Cita e estuda mais 5 capelas (ermidas) espalhadas pela aldeia, e transcreve sobre um Abuso, nestes termos: «por razão do muito falar das mulheres estando à missa,... o procurador ou juiz... se assentem... em banco que estiver junto às ditas mulheres... e as darão em rol... que as condenará em um vintém...»

Estes elementos recolhe-os de uns livros (que também usei) chamados visitações (inspeções) que se faziam então às freguesias (Veja Vaz — O Cabido de Braga, 1971). Por fim trata do Teatro religioso, assunto que há uns 2 ou 3 anos aqui abordei.

22-1

MCT

Viagens & Turismo, Eds.**Cura Turismo - VIAGENS EXPRESSOS****Ponte de Lima - Viana do Castelo - Porto**

PARTIDA	HORARIO	CHEGADA
6,15	PONTE DE LIMA	20,50
6,25	LANHESES	20,40
6,40	SANTA MARTA	20,20
6,55	VIANA DO CASTELO	20,10
7,25	PORTO Praça H. Delgado	19,20
	Rua da Meditação	19,00

CHEGADA PARTIDA

DE SEGUNDA A SEXTA FEIRA
(excepto nos dias feriados)**MONCAO — LISBOA — MONCAO****HORARIOS (DIARIAMENTE)**

11,30	—	MONÇAO	—	△	21,00
11,45	—	VALENÇA	—		20,45
12,15	—	CERVEIRA	—		20,15
12,30	—	CAMINHA	—		20,00
12,40	—	ÂNCORA	—		19,50
13,00	—	VIANA	—		19,30
13,30	—	ESPOSENDE	—		19,00
13,45	—	POVoa	—		18,45
13,55	—	V. DO CONDE	—		18,35
14,20	—	PORTO	—		18,00
19,30	—	LISBOA	—		13,00

INFORMAÇÕES E RECOLHA DE PASSAGEIROS :

- Monção: Agência «TURILIS» — Telef. 52001
 Valença: Casa COIMBRA — Telef. 22391
 V. N. de Cerveira: Restaurante FORJA — Telef. 95311
 Caminha: Café CENTRAL — Telef. 921136
 Vila Praia de Âncora: Café KITARI — Telef. 91112
 Viana do Castelo: Agência «TURILIS» — Telefs. 22524-24423
 24788-25491

Autocarros com casa de banho, bar e assistência a bordo!

ESCRITÓRIOS — PORTO :
R. da Meditação, 46 — Tel. 62742 (Justo à Esquerda da Ribeira)**VIANA DO CASTELO****VE NDE-SE**

Excelente prédio (antiga Casa da Mocidade) no melhor local da cidade, próprio para sede de empresas, comércio, escritórios, consultórios, habitação ou para remodelar. Dispõe de cerca de 500 m² de terreno e acesso por duas ruas paralelas: Rua Manuel Espregueira e Rua Luís Jácome Tratner para J. A. Coutinho — R. António Patrício, n.º 125 — 4100 PORTO — Telefone 690578.

NOTARIADO PORTUGUÊS

Cartório Notarial do Concelho de Ponte de Lima

PGLV

Agência AVIBAR

Viagens Especiais de Natal e Ano Novo

- CARACAS...
- RIO—S. PAULO...
- NEW YORK—TORONTO—MONTREAL...
- LONDRES—PARIS—ROMA...
- MADEIRA—AÇORES...

Preços excepcionais de ocasião

CONSULTE:

VIAGENS AVIBAR

JS 442
 9 4751 BARCELLOS Codex
 ref. 82923 83772
 83208 83773

JSR

MENTO Alcaldes de Faria

JS 442
 O Barcelenses n.º 3.687 de 6-11-1982
 Tribunal Judicial da
 Comarca de Vila Nova
 de Famalicão

Anúncio

1.ª publicação

Pela 2.ª Secção de Processos do Tribunal Judicial do 1.º Juízo da comarca de Famalicão correm editos de TRINTA DIAS, contados da segunda e última publicação do respectivo anúncio, notificando o Autor MANUEL AZEVEDO OLIVEIRA, ausente em parte incerta de França e que teve o seu último domicílio conhecido a freguesia de Fafe Coberto

O Barcelenses, n.º 3.687 de 6-11-1982

Tribunal Judicial
 da Comarca de Barcelos

Anúncio

1.º Juiz — 1.ª Secção

2.ª Publicação

Por este Tribunal, nos autos de Ação Ordinária, movida por EMPRESA TEXTIL DE BARCELLOS, Sarl, «TEBE», com sede neste cidade, contra SOCIEDADE CASIMIRO DE OLIVEIRA, Lda, sociedade por quotas com sede na Avenida de Moscavide 44/A, Moscavide, comarca de Lisboa, onde teve a última residência, conhecida, actualmente em parte incerta do país, é esta ré citada para contestar, apresentando a sua defesa no prazo de VINTE DIAS, que começa a correr depois de finda a dilacção de TRINTA DIAS, contada da data da segunda e última publicação

JS 442

Para a Páscoa de 1983

Carlos Gomes e sua História de Filosofia

por FRANCISCO DE ALMEIDA

Vejio no «Cardeal Saraiava de 18/3 o Apontamento do Co-laborador Carlos Gomes — Um Conceito sobre a História da Filosofia — que diz provocado por outro, meu. Já nem me recordava dele, mas lá o encontrei, saído no «Cardenal» de 20-X-82 — 5 meses. Fico a saber que pelo menos Carlos Gomes leu aquele meu escrito em que eu deduzi Alguns Ensinamentos, para nós todos, do exame das Filosofias que as Sumidades humanas já inventaram. *C. G.* Por exemplo, dizia eu: que não há meio de os homens ssegarem o pensamento; que atrás de teorias, teorias vêm, e sepultar as anteriores; que 2 sujeitos se lembraram de provar, pelas Matemáticas, que é Impossível Deus não existir, etc.

Perante isso, não percebo o escrito de Carlos Gomes — eu escrevo sempre e só para que, mesmo os rurais, me entendam. Homem, ninguém. *7/4/83* O Perante isso, não percebo o escrito de Carlos Gomes — eu escrevo sempre e só para que, mesmo os rurais, me entendam. Homem, ninguém. *0*

Outra: os Srs. Descartes, Kant, Laplace, etc.: se não erro, todos admittiram a existência de Deus. O 1.º, diz um historiador, morreu como católico que sempre foi. Logo não provaram que Deus não há.

E quem lhe provou que o Universo é Infinito? Que é univer-soma de finitos dá Infinito?

Pego a prova. Ou dir-lhe-ei que blasona de orelhas, de ouvir dizer — aos insensatos. A 3.ª, Darwin: de facto, a teoria dele é só a de que os seres vivos vêm uns dos outros,

por exemplo: o corpo do homem virá do de um macaco; este, de outro mais rude; este de uma amiba. E só teoria, é sugestiva e se for verdadeira, curiosa. Mas não está demonstrada — pode ver a Biologia do Dr. Ano de Liceu, de Américo Areal (Porto, anos de 1950).

Se for verdadeira, não demonstra que Deus não há e só que o Autor, humano, da Bíblia, escreveu à maneira oriental, poeticamente. Porque: a) porque é que os seres evoluíram então e agrac já não evoluem? b) ou o homem vai chegar a que forma? c) por que é que só o sujeito A (macaco) passou à capacidade de filosofar e os restantes continuam só capazes da selva ou do jardim zoológico?

Concluo então que, para Göttes todos os sociéticos crentes são estúpidos por não serem ateus; estúpidos os milhões de intelectuais, portugueses, japoneses, chins, americanos, indianos, etc., de hoje, de há 2000 anos e os daqui a 1000 anos. Só Gomes e os seus é que são o sumo da inteligência na Terra.

E quem lhe provou que o apareceu 10.000 católicos, de que se não sabia, e que se foram baptizando, sem padres, de pais a filhos, durante mais de 200 anos? Como vêem, aderir a Cristo,

deixou des-sangrar, arrastar, pregar, como se fora de pau. Sabem porquê e não me comete repetir. Sabeis que se o Cristo não estiver convosco, perdereis «quanto Marta fiou» e que Cristo não se ia deixar matar só para que nos lembrassemos d'Elle. Atinda hoje faz obra do Céu (milagres), como fez quando por cá andou. Ele é quase o único que só esteve 3 dias Morto. Os outros, biliões e biliões, como a nós vai suceder, continuam pó na Terra do Mundo, todo, até soar a grande Trombeta.

Não queirais ir para o lado dos cabritos e lembrai-vos de que muita gente não adere ao Cristo porque nada sabe sobre Ele. A essa obra — ensiná-los — se destina o Dinheiro de São Pedro, que agora dais com o folar. É a maior festa cristã, a Páscoa: Ressuscitou e eu tenho de ressuscitar, que Deus o prometeu e com ele não há falhas!

Vejam só: em 1614 havia já no Japão uns 750 mil católicos. Veio a perseguição e foi quase tudo morto, padres, leigos, tudo. Ora em 1865 apareceu lá um missionário francês. E não querem ver que apareceu 10.000 católicos, de que se não sabia, e que se foram baptizando, sem padres, de pais a filhos, durante mais de 200 anos?

Como vêem, aderir a Cristo,

Mas Cristo é remedio a necessidade. Ora todos aceitamos isto. Mais Cristo é remedio e necessário. Mas a Páscoa de 83: nada se passa como Gomes quis ter. Ditto o que antecede, valte.

1983
1.24
Páscoa/83

1.4.83
1983
1.24

1.4.83
1983
1.24

Para a Páscoa de 1983

(Continuação da 1.ª página)

A 3.ª, Darwin: de facto, a teoria dele é só a de que os seres vivos vêm uns dos outros,

Daqui as minhas Boas Páscoas a todos. Conheço a Páscoa dos leitores. Dito o que antecede, valte.

1983
1.24
Páscoa/83

Em torno do São João em Barcelos

C Barc 25/6/83

28

f 27

952

Ano 28

POR

Dr. Francisco de Almeida

N.º 1

Só trato agora do Baptista, o que baptizou Cristo. Vejo-o padroeiro das seguintes freguesias, nossas: Barqueiros, Chavão, Gamil, Silveiros, Vilar e talvez da de Vila Boa (veja Ernesto Magalhães — Barcelos, pg. 276). Portanto, padroeiro de uns 9% das freguesias. As capelas em sua honra, afora os altares dentro das igrejas, ainda na pena do Dr. Teotónio, ano de 1937, depois condensado em 2 volumes, havia-as em Alheira, Galegos, Tregosa, Vilar e Barcelinhos (já mataram a que havia em Vila Cova). Por que motivos, então, nestas?

Será possível demonstrar a seguinte Tese: O Barc. 25/6/83

A Devocão ao Baptista foi introduzida em Portugal pelos monges-cavaleiros da Ordem de Hospital? É que o padroeiro da Ordem era o Baptista e tanto pelas

Inquirições como pelo Mancelos (Resenha) se pode ver que os povos daqui fizeram imensos legados aos hospitalários.

N.º 4—C)

A Escola do Baptista

Papini na sua História de Cristo, chama a João Baptista o Profeta do Fogo. Sabemos que Moisés fez estudos, como príncipe egípcio, que hoje diríamos universitários. E João? Ensina-nos o livro A Vida Quotidiana na Palestina no Tempo de Jesus, pg. 121, que «Havia, portanto, escolas, na Palestina, no Tempo de Jesus... criara-se uma verdadeira instrução pública... A escola primária estava associada à sinagoga. Os filhos eram levados lá aos 5 anos». Prova-se em Os Manuscritos do Mar Morto que já antes de Baptista havia uma espécie de mosteiro (convento), sito na montanha com seus anacoretas (solitários).

(Continua na quarta página)

25-6-1983

Em torno do São João em Barcelos

(Continuação da 1.ª página)

tários). Na pg. 227 dessa obra (Os Manuscritos) o Autor quer fazer do Baptista um desses eremitas. Escreve: «A sua aparência selvagem... condenava a hipocrisia... Aventou-se que João tinha sido adoptado pela seita de Quamran, o que explicaria a sua estadia nos desertos desde tão novo». Parece-me mais provável que João, filho de sacerdote, cursasse a escola dos rabinos no templo de Jerusalém.

Se o leitor quiser fazer, ele, a

vida do Baptista, basta-lhe reunir e ordenar os textos dos Evangelistas, por exemplo: Mateus, capítulo 3.º, Lucas, cap. 1.º, João Evangelista, cap. 1.º, Marcos, cap. 1.º e 6.º, etc..

há certidões parciais no Processo Judicial que correu em Barcelos em 1820 movido pelo Abade de então contra foreiros dos moinhos.

N.º 9—A)

O texto mais antigo que vi a referir a capela de S. João é só de 1671 — Livro das Visitações, que já transcrevi na Voz do Minho de 9/9/72 e diz: «Fui informado que cortavam a asudra de São João...». Segue-se outro de 1709, de 1745, de 1773. Referido também nos Estatutos do Santíssimo, de 1732 (ver V. do Minho de 20-XI-71 de outras datas em que tratei dos Subsídios, sem esquecer a Memória Paroquial (de 1758). Sobre o S. João de Galegos há uma Provisão do ano de 1909 (Arcebispo D. Manuel Baptista da Cunha) que disse ser Imemorial o legado pio anexo à confraria e capela de S. João. Mostrarei depois porque é que me parece que a Capela de S. João em Galegos é anterior aos anos de 1500 (se venera lá há mais de 450 anos). E nas outras freguesias como é que foi?

N.º 7—B) O Barc. 25/6/83

João no Tombo

O de Galegos é de 1518. Fala em «igrejas novas» (então onde seria a velha?), mas não vejo nele referência à Capela de S. João (em Galegos). Isso não prova que não existisse já e embora refira a capela de Santo Amaro.

Os nomes de João no Tombo são: João Pires (ainda há os do Pires), João Alves, João de Arczel (moinhos do Xoxas), João de Tralafonte, João Anes (apelido que morreu), João Brás, João Francisco da Cruz, João Lourenço, João Martins, João Afonso do Rabaldo (Roriz), João Gonçalves, João Fernandes. São 11 proprietários entre 50. Logo os Joões eram 22% dos nomes, portanto, muito frequente, muita devoção a S. João.

NOTA: deste Tombo de 1518

- 10.^o — Maria Emilia da Silva Coreixas
 11.^o — José Aguiar da Silva
 12.^o — António Matos Baliza
 13.^o — Manuel Coelho
 14.^o — Maria Emilia dos Santos Esteves
 15.^o — Teresa de Jesus da Silva Lopes
 16.^o — Arminda de Jesus Ferreira de Faria
 17.^o — Américo António Braga Pereira
 18.^o — Francisca Rosa da Silva Loureiro
 19.^o — António Cardoso Peixoto
 20.^o — Maria Judite Lopes
 21.^o — Joaquim Salgueiro da Silva
 22.^o — Justino da Silva Oliveira Macêdo
 23.^o — José Manuel da Silva Gonçalves
 24.^o — Maria da Conceição Oliveira Martins
 25.^o — Maria da Conceição Ferroso da Costa Sobral
 26.^o — Carlos da Fonseca Fernandes Soutelo
 27.^o — José Augusto Fernandes Lourenço
 28.^o — Arménio Alfrão Pires da Silva Coutada
 29.^o — José António Cunha Costa
 30.^o — Angelina Andrade Rocha Fidalgo
 31.^o — Carlos Alberto Ribeiro Oliveira
 32.^o — António Gomes de Carvalho
 33.^o — Arlindo Pereira da Silva
 34.^o — Manuel Augusto Ferreira Barreiros
- 103.^o — Fernanda da Costa Ro
 104.^o — Dori Hugo Barbosa da Ro
 105.^o — Francisco Fernandes Góes
 106.^o — António Manuel Góes
 107.^o — Costa Costa
 108.^o — Maria da Conceição Pereira
 109.^o — José Manuel Carvalho I
 110.^o — José Fernandes Lopes da
 111.^o — Maria Cândida de Faria
 112.^o — António Arantes Teixeira
 113.^o — Maria da Glória Sá da
 114.^o — Virgílio Pereira Marques
 115.^o — Augusto Felgueiras Fer
 116.^o — Américo Artur da Silva
 117.^o — António Sá da Cruz
 118.^o — Joaquina Araújo Lopes da
 119.^o — Aurora Braz Fonseca
 120.^o — Maria da Conceição da
 121.^o — Manuel Gomes de Araújo
 122.^o — Francisco Pereira Torres
 123.^o — José Maria Ferreira da
 124.^o — António Manuel Rodrig
 125.^o — das Boas Carlos Miguel da Silva R
 126.^o — Mamiel Júlio da Costa B
 127.^o — Faria
 128.^o — José Luís de Jesus Ferreir
 129.^o — Carlos Alberto da Silva
 130.^o — Jorge da Costa Miranda

25-6-1983

AGENTE COMERCIAL

Residente no Distrito de Leiria, com 20 anos de conhecimentos das zonas onde trabalha, tem forte implantação no Centro e Sul do País e arredores de Lisboa. É bastante credenciado nos seus clientes armazénistas ou grosso retalho, tem colaboradores muito activos e representa boas empresas no Norte.

Acelta trabalhar com colecções de meias (inverno), peugos, lenços, atoalhados ou outros artigos do lar, etc..

Não é preferencial ser Empresas de grandes dimensões. O importante é ser honesta e ter artigos c/ interesse para o Mercado Nacional.

Resposta à Redacção do Jornal ao n.º 13

O Barcelense n.º 3.720 de 22-6-1983

Tribunal Judicial da Comarca de Barcelos

Anúncio

2.ª publicação

No dia cinco do próximo mês de Julho, pelas 10 horas, no Tribunal Judicial desta comarca de Barcelos, nos autos de Carta Procuratória vindas do Segundo Juiz Civil da Comarca do Porto—Proc. n.º 3040-A—3.ª Secção—que corre pela Primeira Secção deste Segundo Juiz, contra a execu-

O Barcelense, n.º 3.720 de 2

Tribunal Judicial da Comarca de Ba

Anúncio

1.ª publicação

No dia 15 do próximo mês de Julho, pelas 10 horas, no Tribunal Judicial desta comarca (Barcelos), na Execução Sumária, ante a 3.ª Secção contra os réus DAVID DA AMORIM e mulher MARIA LIA DA SILVA COREIAS, no lugar de Santo André, da freguesia da Lama, desta comarca, que se encontra em praça pública, para ser posto em praça pública, para ser arrematado.

TOTOBOLA LOTAR

VALORES SELADOS

Largo São Jesus da Cruz

Telef. 813370 BARCELOS

Propriedade

VENDE-SE na freguesia da Silva, junto à estrada nacional, na freguesia dos Feitos uma

PARA A HISTÓRIA DAS FREGUESIAS

Pelo DR. FRANCISCO DE ALMEIDA

EXTRACTOS DAS MEMÓRIAS PAROQUIAIS

(Continuação do n.º 868, de 4-6-83, que tratou de Carapeços e Carvalhal)

~~DE CARVALHAS~~ — (Memória Paroquial de 1758, na Torre do Tombo, Lisboa): esta no volume 9 e tem 2 páginas. A freguesia tinha 111 pessoas, 61 fogos em 9 aldeias ou lugares, a igreja só tinha 3 altares que eram: do Rosário, do Santo Nome de Deus (Confraria) e Sobsino. O Vigário era colado pelo de Santa Eulália e recebia 40 mil réis/ano. Havia um litígio por causa da Senhora do Livramento com o Visconde de Barbacena e um de Valença. A festa era a 8 de Setembro. Assinada pelo Vigário que era Félix Pereira da Costa e pelo Padre Domingos Ferreira Barbosa. Notas: tinha de haver também altar-mor. Ou não? 61 fogos, pelas médias de então (4 a 5 pessoas) dão-nos 240 a 300 habitantes. Os 111 que refere serão só os de Sacramentos. Na Monografia de Vila Seca, que vos recomendo (ano de 1983), escreve-se Subsino (pág. 151), mas os de Galegos que vi escrevem sempre sobsino. Aqui fica uma pitada para a Monografia de Rio Covo. A Côngrua do Vigário era das mais pobres do tempo (ver sobre isto págs. 78 da Monografia de Vila Seca ano de 1563).

V. 110 27/8/83

~~DE CHAVÃO~~ — Está no Volume XI, e tem 3,5 páginas. Tinha uma comenda anexa — a de Santa Marta (que ficava em Arcozelo — ver Dr. Teotónio). Era então comendador um Frei Bernardo de Castelo Branco (da Vila de Mangualde — Beira). Tinha 200 vizinhos. O Relator di-la pequena e pobre. Tinha Santíssimo «desse tempo imemorial» e mais S. Sebastião, S. Brás, S. Luzia, S. Francisco, S. António, S.ª da Conceição (confraria). Côngrua de 80.000 réis, mais ou menos e 4.000 cruzados para o Comendador. Ligada a um Couto (Queijada). Referência a Capitães, Sargentos-mor e alferes de navios. Assinam: Francisco (?) Manuel Lopes-

Barcelos, que no Barcelos disse — e disse bem — que os de Vila Seca ficam a dever ao P. Areias da Costa um trabalho nada telegráfico. Para quem seria a piada? Tem 7 págs., leitura difícil, tinha 400 ou 450 pessoas (incluindo os ausentes), o reitor era-o por concurso feito em Braga.

Francisco de Almeida

Para a História das Freguesias

(Continuação da pág. 1)

-Vigário e P. Manuel Tinoco de Grimancelos e P. Caetano Barbosa da Silva de Minhotões. Notas: Se o vigário fez anotar Imemorial é porque em raras outras houvera Santíssimo. Julgo que em 1758, o Frei era já frade só de nome S. Francisco havia-o em todos os arredores da Franqueira. Conceição é que é fundação de nobres. Seria um bom serviço que algum investigador fizesse a lista dos párocos (regedores não havia) das 80 barcelenses — ano de 1758. Eu digo já alguns: de Carapeços — Bernardo e Azevedo (?), de Carvalhal — João Álvares, de Gilmonde — Pedro Diogo do Vale, de Carvalhas — o Félix-supra, de Chavão — o Lopes supra, de Grimancelos — Tinoco supra, de Minhotões — Caetano, supra, de Vila Seca — João Martins (Mon. de V. Seca, pág. 06).

Anote ainda 2 curiosidades: Vejam-me que profunda é a Memória de Amarante! E a de Alcácer e as 20 folhas e mapa, a cores e tudo, da de Chaves. Bom serviço prestava a «Senhora Câmara» mandando copiar em letra redonda, a de Barcelos. Mas que vejo eu? A Câmara de Fafe a criar prémio literário com o nome do culto escritor A. Lopes de Oliveira.

V. 110 27/8/83

panha eleitoral em tempo de eleições não adianta promessas.

Julgamos que a intenção não terá sido essa. Mas se na verdade foi...

Ademais destes muitos maus melhoramentos são necessários para a nossa terra mas assim com tanta demora nunca mais se conseguem nada.

NOTÍCIAS DIVERSAS

Efectuou-se no último domingo a primaria comumhão das crianças tendo o solene acto decorrido na igreja paroquial.

Já se encontra entre nós a quase totalidade dos nossos emigrantes que aqui vêm em gozo de merecidas férias e conviver com suas famílias e amigos.

— Vindo da Argentina encontra-se aqui na companhia de sua esposa e filhos o nosso conterrâneo Sr. Manuel Gonçalves da Cruz.

— Acaba de fixar residência em Forjães, o nosso amigo e mestre conterrâneo Sr. José Morgado (Moreira) que recentemente regressou dos E. U. A.

— De visita à sua família encontra-se em Fragoso o Sr. José Maria de Sá Pinheiro, industrial radicado no Brasil (Rio de Janeiro).

— Decorreu durante a semana nesta freguesia o triduo do Sagrado Coração de Jesus.

O Jorge foi político boêmio como muitos que hoje se vêem por aí... O António que era o mais novo, foi criado com uns tíos farmacêuticos em Cossourado, por a mãe ter morrido de parto quando ele nasceu; diziam os contemporâneos que era dotado de rara inteligência e muito culto. Um poliglota.

Nas campanhas políticas desse tempo, os chefeis vinham buscá-lo para falar às massas dada a facilidade de improvisar e o calor que dava à oratória.

As raparigas: a Júlia casou com o farmacêutico Alberto Lobo, a Cândida com um comerciante e a Rosa ficou solteira.

A pneumónica de 1918 matou toda esta família!

Restam na freguesia apenas 2 netos.

Forjães, Junho de 1983

Dídimo Mesquita

URBANIZAÇÃO DO SOUTO

A MELHOR QUALIDADE
EM ESTUDO URBANÍSTICO

FRENTE À ESCOLA PRIMÁRIA DE ARCOZELO

BARCELOS

221 - M. I. M.

→ 1984

m Drianense - 15.X.83

Sobre o Actual Sínodo em Roma

Estatísticas dos confessionários

I n.º 61

Numa região predominantemente católica como ainda o é o nosso Minho, pareceu-me oportuno «chapar» aqui alguns considerandos sobre o tema que 200 bispos de toda a Terra estudam

Escreve**Dr. Francisco de Almeida**

neste Outubro em Roma, a saber: decréscimo nos róis de confessados e causas desse abaixamento. A primeira constatação é que os povos da cidade como da aldeia hão-de dizer consigo: — omessa! Confessam-se menos vezes, isso é ver-

dade? Mas cada um é livre de ir confessar-se uma só ou antes 100 vezes por ano. A outros um tal problema é simplesmente estranho, a outros é indiferente e não faltarão os que se vão alegrar ao ouvir que há católicos que nem se confessam. Significa isto que seria interessante um inquérito, desta forma, por exemplo:

- 1) Está a favor da confissão?
- 2) É contra?
- 3) Há hoje menos confissões?
- 4) Isso traduz um mal?
- 5) Causas de se confessarem menos?
- 6) Meios para que o mal se corrija?

segue na pág. 8

Página 8

Sobre o Actual Sínodo em Roma

Estatísticas dos confessionários

vem da pág. 1

II

Na nossa gente, raros serão aqueles que algum vez lessem duas letras sobre a história deste sacramento: também porque, na prática, não tem sido necessário, ao contrário do que se viu nas terras onde vivem também protestantes: porque esses rejeitam a confissão. Daí que, em resumo, se deva esclarecer que nos primeiros séculos, o católico que por exemplo, matasse, só era perdoado mediante a sua confissão em público — era muito solene. Até reis se sujeitaram a esta exigência e os castigos (penitências) eram também formidáveis. Ora, para este nosso território, pouco sabemos como se fazia quanto ao período anterior aos anos 1.000.

Ovianense - 15.X.83 III

Evidente é que, quando um homem ou mulher se quer confessar, isso pressupõe (traz implícito) que:

a) ele (ela) aceita que existe um Deus, Senhor (dono) de todos; b) que Ele legislou (mandou) o que fazer e não fazer; c) que o homem tem de obedecer sob pena de perder tudo, tudo, ou seja: que será castigado com pena perpétua e sem

fim; d) que todavia, Deus criou um meio para reparar os estragos naquele que fez o mal — e esse meio é a Confissão. Segue-se daqui que a Confissão ou reconciliação é um bem para cada ente humano. E tal que só existe após Cristo: nenhuma religião possue semelhante instituição senão o Catolicismo.

Segue-se também que a ignorância sobre quem é Deus ou Cristo, sobre as leis de Deus, sobre as obrigações morais de cada pessoa, sobre o valor da confissão, provoca necessariamente a questão da valéncia e do desejo de o sujeito ir confessar-se.

IV

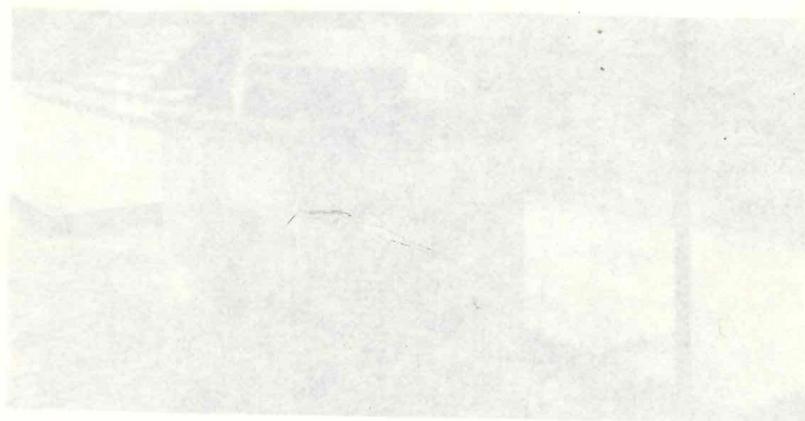
Já nos anos 1.200 se reparou que os católicos se confessavam menos e por isso se mandou que ao menos uma vez cada ano se confessassem. Nas aldeias e cidades havia róis de confessados e a falta era sancionada. Actualmente, os meios de que as leis de Roma dispõem para se fazerem obedecer, nisto do dever de confessar-se, são apenas do foro interno (a consciência de cada um). É pouco, mas Deus não tem dado maiores. E lá sabe Ele porquê. Até há uns 40 anos, raro católico rural faltava à desobriga.

RS DE 1

RS

88-X-21 - SAMMUNDI \$ m

200



Coisa inestética, dificilmente suportável, trambolhos que malinham de maus cheiros e de fealdade as ruas e praças urbanas são os *conformadores do lixo*, que, entre nós, estão a ser utilizados.

Embarratam, cunspurcam, desprestigiam as zonas monumentais das quais inadmissivelmente quase sempre são vizinhos.

Para atestar o facto, aqui está esta fotografia de Gualberto Galvão. A entrada principal da Sé Catedral está a ser prejudicada, o mesmo sucedendo junto à Casa da Praça (Malheiros), fonteónio da Praça da Erva, etc.

ODIVEL SOL

GRANDEZAS AMPLAS
VALOR DE CONDOMÍNIOS
PRÉS DA CIDADE
EIXO DAS E CENTRO COMERCIAL PRINCIPAL

- *ÓPTIMO PARA MORAR
- *EXCELENTE INVESTIMENTO PARA
IMIGRANTES

APARTAMENTOS DE
4 A 5 ANDARIAIS, COM
ACABAMENTOS DE NÍVEL
DESDE 1.250 CONFORTE

RESERVA DE VAGAS PARA AUTOMÓVEIS
INCLUIndo SERVIÇOS E DOCUMENTOS
CONTRATO DE FINANCIAMENTO

DESEJO INFORMAÇÕES
Envie para:
Urbanização ODIVEL SOL Lote 28 - Lote
Quinta das Rosas - 2720-100 Lisboa

→ 1984

1-31

9284
9284
9284

9284 v.143

rara a História de Barcelos

Vem da 1.ª página)

assim? Não, para o Dr. Almeida Fernandes. Vejam o relato do Dr. Silvestre, que

celho — para as fais paróquias dos anos 560. Cota (ugar). Mairos (freg), Chaves, Lamego — Roças — Vieira do Minho. Nesse Calvos

te; nordeste: Arcos e Vila Verde; norte P. de Lima.

E nossas vizinhas imediatas: 1 — Braga (sé), Val-

Para a História de Barcelos

A propósito de uma carta ap.132

POR

FRANCISCO DE ALMEIDA

1

Aqui há tempos, o nosso conterrâneo, Dr. Matos da Costa, de Vila Cova, mandou um empregado perguntar-me se eu possuía a cópia da Memória Paroquial referente a Banho. Mas não tenho.

Recordei então que ele me tinha mandado uma carta acompanhada de fotos. Fui agora ver isso e é do que vou dizer hoje.

A 1.ª foto é de 1 livro chamado Paróquias Suevas, ano de 1968, do Dr. Almeida Fernandes; a 2.ª é uma exposição que cuidava, ele, mandar para o jornal A Guarita e a 3.ª, uma foto referente a Vila Cova, extraída de O Barcelense, de 5.9.1953 (há 30 anos).

2
a45
Quanto à do Barcelense: refere-se a uma carta de 1952 a rectificar pontos de uma quase-Monografia que o arcipreste Rios Novais publicara, no Diário de Minho, acerca de Vila Cova. Decerto que os briosos vilacondenses já a puseram em fólio que o povo leia.

Quanto à foto, que era para A Guarita, eis parte do texto, que a nós interessa: «Estas paróquias nem todas se conseguem hoje identificar e a uma dentre elas, com o nome de Petroneto, refere-se o Padre Avelino de Jesus Costa (o Bispo D. Pedro, vol I, pg. 137) como podendo corresponder a Pedredo, lugar da freguesia de Canedo, no concelho de Celorico de Basto». E

J. Barcelos 9/21/84

(Segue na 2.ª página)

tanto Vila Cova como Banho nasceram antes do ano 1.000.

Na Carta, o Dr. Silvestre referia que me estava a escrever por causa de artigos meus que lera no jornal de Barcelos e na Voz do Minho, de 1981. Acreditava que o Dr. Almeida Fernandes é muito saudor e professor em Viana. Vemos a lista que o Doutor referiu, estabeleceu o lugar, freguesia, con-

Ces — 1: Relagiao — 1: Amarante — 1: Vinhais — 1:
Logo nem Póvoa nem V. do Conde, nem Espoende, nem Viana nem Monção, Valença, Melgaço, Caminha e outras eram crisas?

Fazendo em nós o centro (não em Barcelos nem em Neiva) e sim em Póvoa (no Monte Saia?). Temos, em Mapa: para leste: Braga, Lanhoso, Basto, Aguiar, Mirandela, M. Mayaleiros, Bragança, Murça, V. Real, Montalegre, Vinhais; para sul: Santo Tirso; norte: Amarante

NE-1

CEA

48 PT ←

48 SP

~~F~~

Câmara ao corrente das actuais formas de apoio e incentivo à criação de unidades hoteleiras. Este esclarecimento, solicitado pela Câmara, está relacionado com uma pretensão de um grupo de barcelenses que pretendem construir uma unidade hoteleira em Barcelos.

2.2 - Pelo Sr. Secretário de Estado foi manifestada a preocupação daquela Secretaria de Estado pelo quasi total abandono em que se encontra a Albergaria Condes de Barcelos. Esta preocupação tem sido manifestada por dezenas de pessoas que escolhem a Albergaria Condes de Barcelos na sua passagem por Barcelos. Pelo Presidente da Câmara foi afirmado àquele membro do Governo a necessidade de recuperar para o turismo esta unidade hoteleira, reabilitando-a.

Barcelos, o de Fevereiro de

O Presidente da Câmara

João Manuel da Rocha Guimarães
Casanova

No Círculo Católico

Espectáculo de Ar

Alliance Française 4.^a

O palco do Círculo Católico, vai ter a presença dum vulto de Arte e que se chama *Antoine Candelas*. Filho de refugiados espanhóis, tendo-se iniciado na vida profissional, como professor e é hoje uma vedeta da canção francesa. Cantor de talento, que conquistou já um lugar na linha dos novos clássicos franceses, além de músico e poeta.

Nas suas canções em que se con-

92-84

Francisco de Almeida

Peias. Lá se cria um

tempo, quando regressa

Braga, o do Bravas.

Nao Sr. Padre

por

J. Barc. 9/2/84

v. 1-43

B

Para a História de Barcelos.

(Vem da 1.ª página)

assim? Não, para o Dr. Almeida Fernandes: Vejam o relato do Dr. Silvestre, que continuava:

3

«O Dr. Armando de Almeida Fernandes (Paróquias suevas e Dioceses visigóticas, 1968, pg. 120), baseado em argumentos de natureza histórica e filológica, pensa situar a mesma paróquia (Petroneto, recordo) no actual lugar de Pedredo, da freguesia de Pereira, concelho de Barcelos». Ora aí fica um osso duro de roer. Cabe aos nossos, de Pereira, verificar (ou mandar) a tese do Dr. Almeida Fernandes, que os candidata, contra os de Basto, Dr. Avelino. Reparo agora que foi pena não se ter dito isto aqui por quanto podia ter servido alguma coisa à Monografia brilhante de Vila Seca, a qual vi falada, também, no Cávado, de Braga e no Notícias, de Famalicão.

4

O Dr. Silvestre escrevia quanto antecede para candidatar a suevos os de Forjões e para tanto, se apoiava em Monografia de Forjões, 1972, pg. 51, do Dídimos Mesquita — porque, lá, existe o lugar de Pre-gais (que fora Pedregais e Pedregão), e ainda para demonstrar que tanto Vila Cova como Banho nasceram antes do ano 1.000.

5

Na Carta, o Dr. Silvestre referia que me estava a escrever por causa de artigos meus que lera no jornal de Barcelos e na Voz do Minho, de 1981. Acrescentava que o Dr. Almeida Fernandes é muito sábio e professor em Viana. Vejamos a lista que o Doutor referido, estabeleceu = lugar, freguesia, con-

celho = para as tais paróquias dos anos 550: Cota (lugar), Mairos (freg), Chaves; Lamedo — Roças — Vieira do Minho; Nasse — Calvos — P. Lanhoso; Belha — Burgães — Santo Tirso; Porto — Ferreiras — Amares; Agalha — Rebordões — Ponte de Lima; Cantinha — Costa — Guimarães; Tombres — José — Murça; Cidadelha — V. P. de Aguiar; Olhos — Caldas de Vizela; Cereje — Valbom — Vila Verde: e para nós: Pedredo — Pereira = Barcelos; Queijos — Veade — Cel. de Basto; Salto — Montalegre; Panojas — Vale de Nogueira — V. Real; Ledra — Mirandela; Bragança — Castro de Avelãs — Bragança; Santiago — Vila de Ala — Mogadouro; Lombo — Mae; Cavaleiros; Bessa — Boticas; Banduje — Sever — Penaguião; Celo — Mancelos — Amarante; Aspeleiras — Tuizelo — Vinhais; Sarraquinhos — Montalegre.

J. Barc. 9/2/84

6

Por concelhos actuais: Chaves — 2 paróquias; V. do Minho — 1; Póvoa de Lanhoso — 1; S. Tirso — 1; Amares — 1; P. de Lima — 1; Guimarães — 1; Murça — 1; V. P. de Aguiar — 1; Vizela — 1; Vila Verde — 1; Barcelos — 1; Cel. de Basto — 1; Montalegre — 2; Mirandela — 1; Bragança — 1; Mogadouro — 1; Mac. Cavaleiros — 1; Boticas — 1; Penaguião — 1; Amarante — 1; Vinhais — 1.

Logo: nem Póvoa nem V. do Conde, nem Esposende, nem Viana, nem Monção, Valenca, Melgaço, Caminha e outras eram cristãs?

Fazendo em nós o centro (não em Barcelos nem em Neiva) e sim em Pereira (no Monte Saia?), temos, em Mapa: para leste: Braga, Lanhoso, Basto, Aguiar, Mirandela, M. Mavaleiros, Bragança, Murça, V. Real, Montalegre, Vinhais; para sul: Santo Tirso; sudeste: Amaran-

te; nordeste: Amares e Vila Verde; norte P. de Lima.

E nossas vizinhas imediatas: 1 — Braga, 2 — Vila Verde, 3 — P. de Lima, nos sítios de Braga (sé), Valbom e Rebordões.

Se se provar a tese da nossa Pereira: o pároco de 550 vivia no Monte Saia ou povoado dele derivado? Ver, sobre essas descidas de povos, *As Vilas do Norte de Portugal* — edição de 1979, vol. I, sobre as cidades, a denominação, os neo-visigodos e a freguesia rural. Mas pergunto: Pereira já foi «Vila»? E Rebordões foi semelhante ao Saia? E Valbom, E a Ferreiros em Amares?

Escrevi há dias sobre uma nova diocese brasileira, a de Roraima. E o Brasil teve a 1.ª diocese por 1550. Se aquelas sedes, de 550, eram paróquias (pia baptismal) e só essas havia, vejam como este nosso Minho, de missão que era, se quadruplicou em tantas centenas e centenas de pias (paróquias). Significa que, da pobreza, passámos ao luxo actual (crise de abundância, face a uma Índia, Japão, Angola, etc).

A nossa Pereira (Saia) se deve ligar o escrito para Terroso, Laundos, Nabais, estudos que vem des de 1906 nas Revistas Portugalia, Archeólogo Português, de Guimarães e Boletim Cultural da Póvoa de Varzim. Parabéns aos de Pereira.

SE →

V8 PT

~~FE~~

10.07.96

EPA

EPA

3-Diálogos (quase brincados), do HOMEM com o LIVRO

HOMEM — Paul Valéry chamou a leitura «vice impunito». Será realmente impune o vício da leitura?

LIVRO — A leitura pela leitura só olhos abertos para a letra impressa (ainda que contra mim faça), olhos fechados para a crassa realidade, é um vício que os homens devem combater. Se leituras não. Total desinteresse da leitura também não.

Desde que a leitura seja pretexto para a intimidade com experiências vividas, representa um imenso benefício. Importa, porém, confrontar o texto impresso com a flagrante realidade.

HOMEM — Por via de regra, as bibliotecas públicas anglo-saxónicas não dão algum dos livros levados para casa o livro que esse é lendo ou folheando...

LIVRO — É verdade, meu senhor. Não falam ai nem tanto ladões de livros, e da vigilância das empregadas das bibliotecas, com uma burocracia rigorosa de requisições e devoluções. Mas há bibliotecas onde esses cuidados são afiados às ottigas...

HOMEM —

LIVRO — Tudo que se diga. Por exemplo, a Biblioteca dos Congressos dos Estados Unidos, em Washington (mais de cinco milhões e meio de livros e folhetos, dois milhões de cartas geográficas, de relevos marítimos e composições musicais) está ao inteiro alcance do público, sem que este precise de cumprir qualquer formalidade burocrática.

E com a Biblioteca Municipal de Nova Iorque, o mesmo acontece. O leitor entra ali como quem entra num café, ou em sua casa, sem que ninguém lhe pergunte nada, nem ele tenha que dar qualquer explicação. Entra consulta os catálogos e de entre quatro milhões de livros pode utilizar o que lhe apetecer. Vai ao *locus ubi*, tira, senta-se, consulta, volta a pôr no seu lugar, e adeus!

HOMEM — Se fosse em Portugal...

LIVRO — Em Portugal, a filosofia quotidiana é a de que o Seguro morreu de velho e Dona Prudência (ou dona Vigilância) lhe foi ao enterro...

HOMEM — Muitos os livros chamados...

LIVRO — Mas só alguns são os etelos. Não conheces aquele inquérito feito por certa revista literária norte-americana, do qual constava esta pergunta:

— Que livro lhe tem prestado melhor serviço na sua vida?

Peis bem! entre muitas respostas nadadas, esta apareceu:

«Os livros que melhores serviços me têm prestado em toda a minha vida, tem sido, eu lhe digo, o de cunha, de minha mãe, e o de cheques, de meu pai».

CRAZ MALFIQUE

Sobre uma carta do Reitor de Alvarães

por Francisco de Almeida

1-23

10.2.84

A)

Há tempos, quando regressava a casa para o almoço, vim encontrar no correio um pequeno livro de cento e poucas páginas. É um cartão do Padre Fernandes Gonçalves, reitor da freguesia de Alvarães, a dizer-me porque é que mandava o livrinho.

Alvarães — muitos a conhecem — é aquela industrial freguesia que fica na estrada de Viana para Bar-

celos. Lá se cria um famoso barro, o de Alvarães.

Não conheço o Sr. Padre Gonçalves nem ele a mim. Mas pelo que diz lá o jornal límiano, Cardeal Saraiva, quanto escreve: Acabo de ler «Para o Dia Mundial das Missões... no Cardeal Saraiva».

Quero referir que é a 1.ª vez que um leitor do Cardeal se me dirige.

Que livro manda? Este: «Responsabilidade Missionária da Igreja em Portugal» que é separata de uma revista — nunca dela tinha ouvido falar — a qual dá pelo nome de Igreja e Missão (é de Valadares, Gaia).

O bom do Sr. Reitor não sabe onde eu moro e por isso mandou para o Cardeal Saraiva, diz. Se assim foi, tenho de agradecer à gente do Cardeal a gentileza de me fazer chegar aqui. E desde já o meu obrigado tanto ao Reitor como ao C.º Saraiva.

B)

Há, porém, no livrinho algumas coisas profanas e religiosas que têm interesse para os leitores do Cardeal. Para quem deseje folhear a Separata, digo os temas: — 1.º) as igrejas locais (de P. de Lima, por exemplo) têm de cuidar por que haja missões; — 2.º) É preciso que as terras que têm padres e religiosas façam chegar alguns deles, e delas, às terras onde mais faltam; — 3.º) Animação (agitação) dos Portugueses para se darem conta das Missões; — 4.º) Como se faz missão no Brasil de 1982;

(Continua na 4.ª página)

Sobre uma carta do

(Continuação da 1.º)

— 5.º) As dificuldades e progressos das Missões em Angola em 1982; — 6.º) — idem — em Moçambique.

O 1.º estudo é teórico, para especialistas, mas o 2.º é mais sociologia que outra coisa e muito bem feito.

C) C. 500 10/2/84

A partir dos anos 60, começou a agitar-se muito entre nós este problema: Distribuir a Riqueza. Significava isso que da empresa que dava por ano 100 de lucro, era preciso que mais de 50% mais de 60%, etc., passassem, através dos salários, para o bolso dos operários. A luta era então levar o patronato a abrir, o mais possível, os cordões à bolsa. Afinal, tanto se abriu, abriu, que os homens do capital (donos) até ficaram sem as empresas. Parece que foi um erro, mas isso só o tempo corrigirá — quando os operários verificarem que de teorias não podem viver: nem eles nem a mulher nem os filhos. Além de que tirar o seu a seu dono, sem lho pagar, é roubo mascarado. E todos os trabalhadores sabem isso. Senão, nacionalizem o que deles é, a ver qual a resposta...

Pois bem: há anos que oíço

ier: Évora precisa de Sacerdotes, e Beja e Faro e Setúbal. Braga tinha-os (e Viana). Mas não foram para as terras do Sul. O artigo está muito bem conduzido e ilustrado com desenhos (gráficos) que o Autor informa, feitos na Universidade de Évora. Quer dizer: estudo de alto nível.

Ficamos a saber que os Católicos por sacerdote (médias) eram estes: nas Áfricas — 3302 por sacerdote, nas Américas — 3121, na Ásia — 2213, na Europa — 1086, na Oceanía (Austrália, Ilhas da Lá) — 1013. Mas em Portugal — 1829 e no Mundo (geral) — 1834. Significa que a densidade maior é noutras da Europa: Portugal tem até menos padres que o Município em média.

De 74 para 79 (e já vinha caindo desde 1961) houve cada vez menos ordenações de padres: os 2273 ordenados na Europa no ano de 74 caíram para 1697 no ano de 1979. Nas Áfricas foi ao inverso: só 248 no ano de 74 que subiram a 336 no de 79; na Ásia subiram de 432 para 555. Estas subi-

TRIBUNAL DO TRABALHO DE LISBOA
2.º JUÍZO

1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
11
12
13
14
15
16
17
18
19
20
21
22
23
24
25
26
27
28
29
30

Os Lusiadas, Monumento Literário Internacional

POR FRANCISCO DE ALMEIDA

1 J. e Boe 16/2/84

Dos meus leitores, já quase todos conhecem esse poema que são os Lusiadas. Mas não acredito sequer que 1 por cento dos barcelenses o jessem. E se leram, poucos o entenderam. É um escrito difícil. Pois bem: vou ler-lhes o Canto Décimo, por este prisma, a saber: a quais nações do século XX é que Camões se refere? Porque a elas se referiu, Camões tem de ser citado pelos homens cultos desses países. E é isso que agora fui ver e transmito aos leitores (para não se dar o caso de ficarem só com a cultura barata, senão facciosa, transmitida por várias das nossas «associações culturais»).

Em Galegos, só uma vez ouvi falar dos Lusiadas a um homem do povo. Dá pelo apelido de Lourenço. Esta nota dedico-a, por isso, a esse meu amigo e conterrâneo. Porque «Da boca dos pequenos sei, contudo / que o louvor sai às vezes acabado» (canto 10, estância 154). Vamos aos países aí cantados.

Marrocos: «(Eu sou) para cantar-vos, mente às mesas dada / Olhando... / ou fazendo que... / a vista vossa tema o monte... / ou rompendo... / os muros de Marrocos...» — Por este texto, gostem dele ou não, sabem os Marroquinos, que os Lusiadas de Portugal levam o nome da sua terra ao conhecimento de muitas outras gentes. E de se ver falados poucos

(Segue na 3.ª página)

Os Lusiadas Monumento Literário Internacional

(Vem da 1.ª página)

J. Boe 16/2/84

são os que não gostam. Mas esse gesto para com os Marroquinos, devemo-lo nós a Camões, não dos políticos do seu tempo que, por sinal Camões pica a valer: eram tão apegados ao dinheiro como os de 1984 (ver canto 10-E, 156).

Da Argentina: «a primeira vossa frota / irá buscando... / o Magalhães (estreito) / que ao Antártico pólo vai da linha». (Est. 141).

Do Brasil: «vedes a grande terra... / várias províncias tem, de várias gentes / ali tereis / parte também / de Santa Cruz o nome lhe poreis». (Est. 140).

De Madagáscar (leste de Moçambique): «Outras ilhas, no mar também sujeito (submetido / a vós...) / de São Lourenço vê a ilha afamada / que Madagáscar é de alguns chamada» (E. 137).

Do Sri Lanka (ilha de Ceilão, Sul da Índia): «Olha, em Ceilão, que o monte... / os naturais (ceilonenses) o têm por cousa santa» (E. 136).

rei (S. Veríssimo), o alvará de li-
cença N.º 17/84 para o loteamento
urbano do predio denominado sítio
em lugar de Real da freguesia de
Galegos (S. Martinho) deste concelho,
com as confrontações da Nor-

LIC. APROV.

O PRESIDENTE

José Manuel da Rocha Guimarães
Casanova

ABRIU RECENTEMENTE

Lady Charme

O mais moderno Salão Cabeleireiro de Senhoras em Barcelos, no novo Centro Comercial da Av. D. Nuno Álvares Pereira (Edifício Construções A. Miranda) em frente à Escola Comercial.

Agradece a v. visita.

Hotel... precisa-se em Barcelos

(Vem da 1.ª página)

dos os seus alegres, para gozar a seu belo prazer, as suas férias.

Há opiniões de que o local não será o mais funcional, nem a sua localização oferecerá aquelas exigências de que um Hotel moderno

Página 4

BARCELOS - DES

17.ª Jornada do Campeonato de Futebol da 2.ª I

Gil Vicente, 2 - Lixa,

(O Gil Vicente foi «lixado» não pelo Lixa, bandeirinhas da equipa da art

Que o Gil-Vicente, tem tido actuações, cada vez mais irregulares é um facto indescritível, circunstância que é para os barcelenses uma incógnita, isto porque depois de já ter feito exibições positivas com adversários categorizados, algo anda mal dentro do sector técnico por-

para fazer os seus gulos aos 53m e 73 minutos.

Valeu ao Gil Vicente duas oportunidades de Ruca ao abrir o activo aos 31 m. e depois aos 75 m. já quando o adversário estava a disfrutar da posição de vencedor. Um empate que castiga os pikkat

De Timor: «Olha de Banda as ilhas... / Ali também Timor, que o lenho... / salutífero e cheiroso (manda)» (E. 134).

Da Indonésia: «Malaca... / dizem que desta terra... o mar, entrando, dividiu / a nobre ilha Samatra... / Quersoneto foi dita... / alguns que fosse Ofir imaginaram» (E. 124).

De Singapura: «Singapura / verás, onde o caminho às naus (navios) se estreita / daqui... / vês Pam, Patane, reinos...» (E. 125). *in Jornada Barcelos 76-2-84*

Da Tailândia: «vês... a longura / de Sião» (E. 126).
Do Laos: «daqui... vês... / os Laus, em terra e número potentes... / humana carne comem, mas a sua / pintam com ferro ardente (tatuagem)» (126).

Do Cambodja: «vês, passa por Camboja (o / Mecão, rio / que «capitão das águas se interpreta» (significa), tantas recebe... / que alaga os campos largos / a gente dele crê / que pena e glória têm, depois da morte / os animais» (127).

Do Vietname: «a costa / que Champa se chama / cuja mata é de pau cheiroso ornada / vês Cauchichina».

Da China: «Aqui o soberbo Império... / da China corre... / desde o Trópico ao...». (E. 129).

Do Japão: «Inda muita terra... / esta que responde / de longe à China... / é Japão, onde nasce a prata fina» (131).

Da Birmânia: «olha o assento (sítio) / de Pegue (Birmânia) que já monstros povoaram» (122).

Da Índia: «corre a costa célebre Indiana para o Sul, até o Cabo Comorim / as pronúncias que... / vês são infinitas / Aqui a cidade foi que se chamava / Meliapôr, formosa, grande e rica / longe do mar naquele tempo estava / quando a Fé... / Tomé (São Tomé) vinha pregando...» (Est. 109).

Do Irão: «olha da grande Pérsia o império nobre... / que se injuria de... / e de não ter das armas sempre os calos» (103).

Do Egipto: «Vês o extremo Suez (canal) que antigamente / dizem que foi... / e ao presente / tem das frotas do Egipto a potestade. / Olha o monte Sinai, que se enobrece / com o sepulcro de Santa Catarina» (99).

Da Etiópia: «Olha lá... / os povos Abassis, de Cristo amigos» (95).

Da Malásia: «Nem tu menos fugir poderás... / opulenta Malaca / Malaios namorados, Jans (de Java, ilha) valentes, / todos farás ao Luso (a Portugal) obedientes» (44).

— ★ —

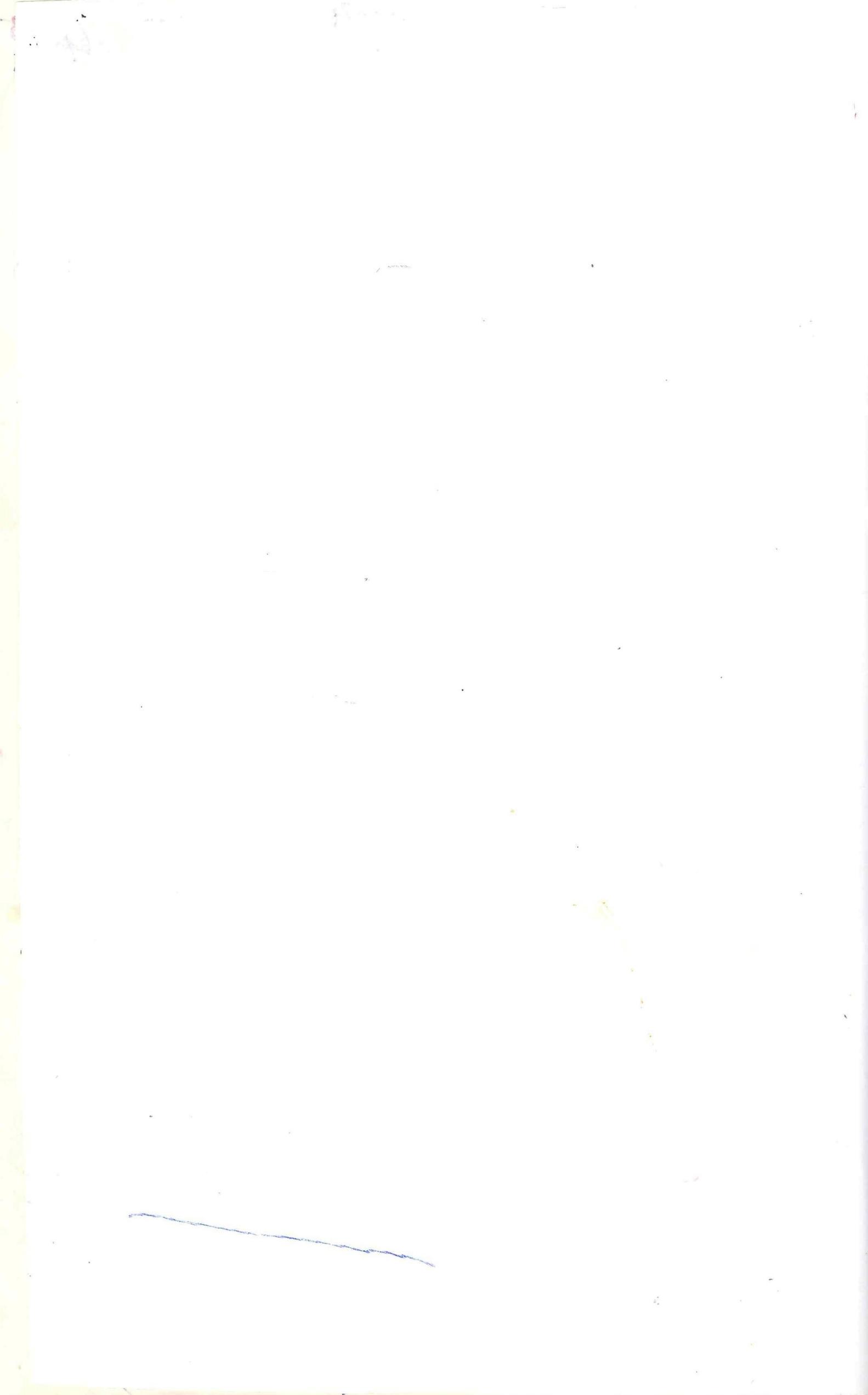
E tudo isto, e muito mais, referiu Camões pelos anos de 1570, relatando o que fora, até esse ano, a nossa andançā pelo Oriente — que já durava havia 3 gerações, com esta invenção, a saber: que tudo havia sido já profetizado, por uma deusa, ao descobridor — almirante, Vasco da Gama: «virá depois benesse» (53) — Mas na Índia, cobiça e ambição — / «Mas contudo, não nego que Sampaio / será no esforço, ilustre e assinalado (59). «A Sampaio feroz sucederá / Cunha». (61).

(mato).

— ★ —

De Portugal diz (olhem os políticos!) que a deusa já tinha predito, «cantando a baixa voz, envolta em choro», que o País não agradece o que por ele fazem os seus melhores filhos: porque, aos que se mataram por el-Rei na Índia, em Lisboa os fizeram «abaixo o estado vir — cair na pobreza». Mais: «Morrer nos hospitais (asilos), em pobres leitos». (23).

Será por isso que já então corria que os Portugueses eram mais para ser mandados (criados) do que para mandarem? (152).



ob
shai
si e
oir

Em torno das Festas barcelenses

J. Barcelos
5/6/84

947

São hoje 21 de Junho e também é o dia do Corpo de Deus. Aqueles que estudaram os Céus sabem que este dia chamam os astrónomos Solstício do Verão, uma coisa um tanto complicada e que não vou agora explicar. Ora eu vejo nos jornais que a cada passo trazem anunciado: festa em Gilmonde, festa em Perelhal, à Senhora de, a Santo Tal. E depois? Há tempos falei de S. Lourenço em Vila Chã e o correspondente de lá não reagiu lá muito. Pois bem: folgo muito ao poder anunciar, o que vi no jornal A Guarita, de Vila Cova (estes desunham-se). Porquê? — Porque traz um Suplemento de 4 páginas sobre a nossa Creixomil em festa. A quem? — Santo António e Senhora do Rosário. E a novidade? — Estas: 1.) um estudo chamado Creixomil na História e na Lenda; 2.) C. e a sua realidade (lugares, quantos fogos, quantas pessoas por lugar, etc.); 3.) as tradições musi-

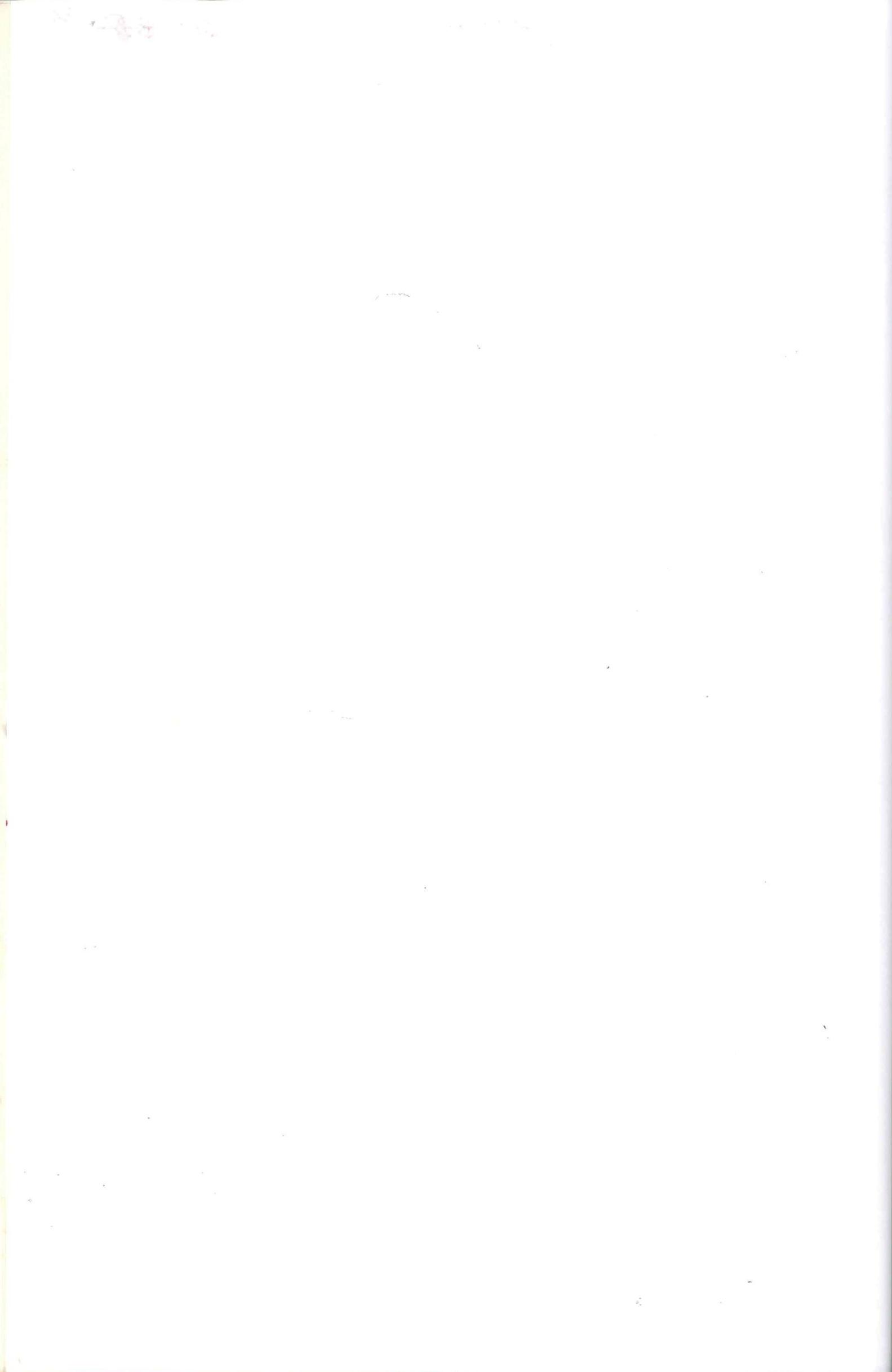
cais em Creixomil; 4.) Apontamento histórico acerca da Confraria do Rosário de lá (por Celestino Costa).

Porquê este destaque aqui? — Porque em meu parecer os de Creixomil pisaram o caminho certo: fazer as festas, mas ao mesmo tempo ir vasculhando os papéis antigos e dar a conhecer ao povo de agora os porquês e para quês da festa tal ou tal. Nem me digam que só a poucos interessa — tem de ser mentira dizer isso. E portanto: Parabéns aos de Creixomil.

— ★ —

Ora uma festa que já foi mundial e em Portugal, ainda é nacional, é a de Corpo de Deus. Então como é que é se o Catecismo ensina que Deus não tem corpo? Em Latim diz-se *Corpus Christi* e não

(Segue na 2.ª página)



Em torno das Festas barcelenses

(Vem da 1.ª página)

sei porque lhe chamamos Corpo de Deus. Pus-me a ver se em Galegos ela fala. Mas só a vi referida num documento, já de 1732, os Estatutos do Santíssimo. Assim: «Cap. 14, que diz: «na festa do Corpo de Deus... uma missa rezada por tempo de Domingos Manuel, da Ladia» (transcrito no n.º I da subsídio para Galegos, A Voz do Minho de 6.XI.71).

Pois bem: esta solenidade era tal que por lei de D. João I (anos de 1385) nenhum juiz, polícia, vereador, regedor, etc., podia deixar de entrar nela. Cada ofício (ferreiros, urpinheiros, etc.) fazia suas danças e procissão. Tão faladas que ainda neste século 20 se investigam apés sobre o Corpo de Deus. Po-

da Câmara e os papéis da Colegiada? Faz-se aí desde cerca de 1380 até agora. Que danças tinha, que músicas, que povos juntava? E 200 e tal anos mais antiga, e solene, que a das Cruzes.

Lá virá historiador que vá desenterrando essas preciosidades, como Creixomil fez. E decreto hárde haver toleimas como a dita por Didímo Mesquita acerca do Santo António em Balugães.

será que os zairenses criaram um rito (culto) zairense, qual rito Bracarense, com que o Cônego Vaz tem andado às voltas?

As razões de A. crer em Deus e

B, nada acreditar, não sei se são apenas derivadas de factores de

construção da pessoa (genéticos), se da educação, se dos maus exemplos. O facto é que há descrentes, ou como dizia D. Dinis, pelo apoio de 1315: — se alguém descrever em

Deus ou sua Madre, tirem-lhes as línguas pelos pescocoços». D. Dinis era mais «bispo dos exteriores» que o imperador Constantino o tinha sido nos anos 315 (1000, ante de D. Dinis).

As razões, disse. Porque também nem todos nascem com gosto para Ascetas. E eu vi um li-



A Propósito de o Cantinho da Angelina

1-38

Eu sei bem que os nossos afa-digados leitores não raras vezes só têm tempo para, no jornal, lerem os títulos. E nada mais. Também me acontece. Ora já assim não faço quando é uma mulher a escrever: gosto de lê-las. Quem é a Angelina de O Barcelense de 19 de Maio passado?

Tenho de lhe agradecer a referência que fez dizendo «sou uma ardorosa fã dos seus escritos e de tantos outros...». Caso para eu repetir o que escrevi há tempos: — sou muito rico e tanto que tenho leitores — esta D. Angelina até no Brasil — e nem sei quantos nem quais. Como o outro: nem sabe quanto possue. D. Angelina encoberta: o meu obrigado pela sua amabilidade.

Ao fundo da Mensagem de Cantinho: a) presto homenagem a um sujeito lá de Galegos que, há anos relata sobre a freguesia — é o Sr. António São Bento; — b) anonto que também no Vilaverdense

havia um Faria, que todos os meses dava relato das nossas gentes ai pelo Brasil — como D. Angelina nos deu; venha mais; e que pena não vir também de Angola, Suíça, Canadá, terras por onde o sangue luso faz fogueira! — c) Hino Português: e lembrar-me eu que um capitão, com quem servi em Évora, mandou prender um civil por não ter parado quando se hasteava a Bandeira! Quando se perdem os símbolos — bandeira e hino, mal se vai, degenerou-se. Culpa? Também dos senhores Professores, é verdade. Mas se não sabem música! — d) detesto a Manuela Aguiar e por isso, batatas. Mais uma nota: há tempos, pus-me a ver as margens do Amazonas. D. Angelina, pode falar-nos das 20 e tal vilas e cidades, com nomes de Portugal, plantadas junto ao grande rio, tais como Borba, Belmonte e sobretudo, Barcelos? O que é essa Barcelos?

OBARE 16/6/84

Com isto estamos no campo da Geografia — de que só tenho os

(Continua na quarta página)

O BARCELENSE

A Propósito de o Cantinho da Angelina

(Continuação da 1.ª página)

elementares. Mas nisso era muito bom Há ali uma preciosa revista, a Geográfica — algum leitor a assinará, por quanto também as Seleções são assinadas por bom número dos das nossas freguesias. Só que ficam mudos.

Ora outra revista, com interesse também geográfico é a que lhes disse — a Além - Mar (e também a assinam barcelenses). Falo vos da de Junho de 84 — 42 páginas e suas 50 fotos. Agora as perguntas que me sugere, a saber: — 1) porque será que as mulheres indígenas (indias) do México terão os cabelos tão negros, negros, negros? — 2) porque será que todos os povos rudes gostam tanto das cores brilhantes — e até berrantes (mas o toiro não gosta!) — 3) porque será que no Barcelense só uma mulher escreveu a 19 de Maio — ao lado de uns 10 homens e no Correio dos leitores deste Além - Mar as escreventes de car-

tas são 5 e eles apenas 3? Há, de facto, como sustentou um filósofo, Simmel, uma Cultura feminina? Se sim, que caracteres tem essa cultura?

OBARE 16/6/84

Os países falados nesta Além Mar: Alto Volta e mais uns quantos em que não chove vai para 10 anos! Uma foto mostra um boi estendido no chão, que a sede matou. Para matar a fome e a sede à gente destes sítios, criou o Papa uma especial fundação. Bem haja quem o secunde. Nova Guiné — para os lados do sol naciente: apenas 3 milhões e são de facto gente de 14000 raças (ou tipos sequer) diferentes? E falam 700 dialectos (línguas) diversas! Há muito que unificar até ser uma nação — como Portugal ou Brasil. E repararam naquele «embora-mente» do coronel Odorico na telenovela (brasileira) O Bem Amado? Emboramente! E soa bem que se farta. Corea do Sul: nunca vi um campanário (torre, sinos)

como o que a revista mostra: têm caco e gosto. Quem sabia que os mártires católicos da Coreia são já uns 10 milhares? Valentes! A propósito: repararam que dos da Revolução em França — 1789 — o Papa canonizou, muitas mais mulheres que homens? As valentonas! — Da Índia: ao mesmo tempo que exporta Budismo e Hinduísmo para o Gana (África) é o país, que dá hoje mais frades e freiras. Porquê? Diálogo Norte-Sul, diz-se aí. O mal é esse: e o do Sul para Norte, das Áfricas e América Latina para os países da maquinaria? — Quénia: são uma maravilha as biografias daquelas 3 mulheres, sobretudo da 1.ª, cujo marido enlouqueceu. Que corajosas! Portugal: fiquei pasmado com o relato daquele rapaz a dizer que foi na tropa, em Cascais, que lhe veio a ideia de se fazer monge; revoltou a família e os amigos e decerto (ele não diz) namorada.

Francisco de Almeida

~~DE~~ 58
8€ - 1
Portaria

Istarem presentes no Largo da Porta Nova n.º 40, 30 horas.

— Na véspera de Ligeiros momentos, na porta alguns momentos, daquele Agremiação, que, sob a chefia do Chefe Mário Barbosa, tem desemvolvido trabalho valioso para o Movimento Parabéns, pois.

Com desejos de Boa Caca.
O Velho Lebo

Instalado, o Ex.º Senhor Manoel Pereira da Costa, marido da Ex.º Senhora D. Maria da Luz Gonçalves da Costa, que também esteve de parabéns, no dia e da comemoração.

rial de Barcelos

Machado, Ld.^a

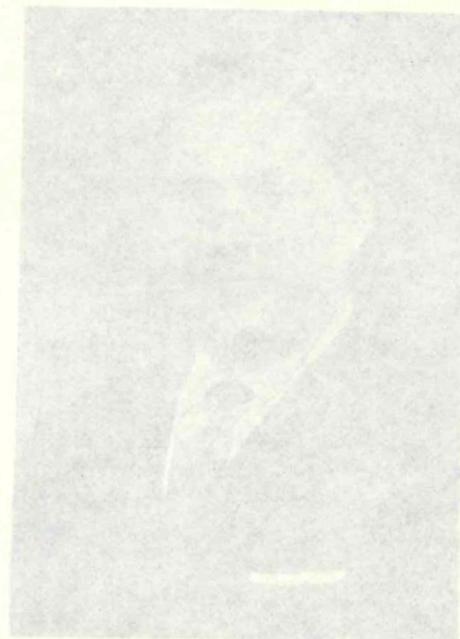
DE SOCIEDADE

QUINTO

Poderão ser exigidas das sócios prestações suplementares de capital quando este se mostre insuficiente para o desenvolvimento dos negócios sociais e assim for deliberado em assembleia geral, por unanimidade.

SEXTO

A cessão de quotas, no todo ou em parte, entre os sócios é livremente permitida. A cessão de quotas a estranhos depõe do consentimento da sociedade.



Por tal motivo desejamos-lhes que estas comemorações se celebrem por dígitos dos anos da companhia de suas extrevas filhas, genros, netinhos, e de mais Família.

Dáqui lhe endereçamos as nossas felicitações.

lo

César Igreja

Clinica Médica

CONSULTÓRIO: Rua D. António-Bartoso, ou Rua Direita, n.º 17—2.º —Sala E—Barcelos

Consultas todos os dias da parte de tarde.

Telefone 81401

GIL BRAGA

MÉDICO

Consultas todos os dias atéis de manhã e da tarde

CONSULTÓRIO: Largo da Porta Nova n.º 4—2.º andar
Telef. 83945

Residência—V. F. S. Martinho
Lugar da Escola
Telef. 83193 BARCHLOS

José António Torres

Int. Especialidade de Medicina Interna

Electrocardiografia

Cons: 2.º e 5.º-feiras de tarde
Marcadas, nos mesmos dias e sábados de manhã;
Telef. 83959

Largo José Novais—25, 1.º
BARCELOS

Fitecla

2.º Frente 4750 BARCELOS

DE COMPUTADORES

m maior garantia
futuro

O BARCELENSE N.º 3.767 D.E. 16-6-1984
Tribunal Judicial da Comarca de Barcelos

(2.ª Secção — 1.º Juiz)

Anúncio

2.ª publicação

No dia 5 de Julho, pelas 10 horas, no Tribunal deste comarca, nos autos de ACÇÃO ESPECIAL (Divisão de Coisa Comum) n.º 32 —A/80, da 2.ª Secção do 1.º Juiz, em que são AUTORES—Anabela da Quinta Dias e marido Jodo Manuel Reis de Carvalho, resi-

dos, inscrito na matriz rústica no art.º 352.º

Barcelos, 30 de Maio de 1984

O Juiz de Direito,
Dr. Manuel Gonçalves Vilas

O Escrivão de Direito,
a) José da Costa Araújo

VENDI

O Padre Joaquim Carneiro

A Monografia de Esmeriz

S/Autor - A.C.Torres

Não sei se actualmente os seminaristas arquidiocesanos estão a receber cuidada formação no que toca à recolha, decifração e interpretação de velhos manuscritos atinentes às vidas e obras de outras épocas. O que sei é que estão a aparecer, aqui e ali, relatos do que foi a vida outrora, até nas freguesias bracarenses. As últimas são a da Freguesia de Rio Covo, em Barcelos e a de Esmeriz, em Famalicão.

13 XII 84

Voltando aos seminaristas: se não recebem preparação histórica maior do que a dos compêndios, é mau e decerto indesculpável. O compêndio é sempre um resumo algo arbitrário; o futuro pároco, professor, etc., precisa de saber os «entretantos» do povo que pastoreia. Isso só pode obter-se estudando o arquivo paroquial.

A diocese que tem um Prof. Dr. Avelino Costa não pode deixar de iniciar os rapazes, mais que no Manual, nos documentos de cada freguesia.

13 XII 84

Pois o Padre Carneiro, não dizendo porquê ou para quê, fez publicar no Boletim da Câmara lá da Vila, metade da história de Esmeriz, da qual é pároco. Fica assim na galeria dos párocos historiadores, como um Abade do Louro, um abade de Salvador do Campo, o da Ucha ou de Vila Seca.

da do povo. Pus-me a catar a cronologia esmerizenha. Muita é da História Geral: tal como: 26 antes de Cristo (A. C.) — pg. II, 284 P. C. (p. 13) — Diocleciano, mata-crentes), ano 1409 (será 409 — suevos por Esmeriz (p. 13 e 15) e por aí fora até aos anos 711 a 1077 (pgs. 17 a 76), 1220 até ao Tombo de Esmeriz — 1552 (pgs. 18 a 100), depois do Tombo até 1700 (pg. 47 a 85), os séculos 18 e 19 e a época da República (pg. 101).

Também lançou mão do Marco Miliário e da Ponte por onde Roma passou.

Já refere a tese de doutoramento do Prof. José Marques (século de 1400). Entra-se nos Monumenta de Herculano (1220 e 1258). À população interessará menos o Campo do Oural ou a leira em Soutelo serem do Rei (reguengos, pg. 28) que o Casal de Bairros, da igreja de Esmeriz (pg. 85) onde a casa tem anexa (já em 1552) uma adega e um celeiro, apesar de a cozinha ser térrea e coberta a «palhaça».

Mais ainda saber que em 1552 já a propriedade era, lá bem retalhada e pequena: uma leira no campo de... com marcos nas extremas (pg. 85), um «campinho», outra leira, etc., mas também a «bouça», a Devesa.

— // —

39

T. 39

13 XII 84

2.68

PE 28

P.E.T.

O Comando dos Malditos é a estética revelação: ingleses, norte-americanos, franceses e outros, treinou os militares e passaram-se para Hitler. Foi a eles que o ditador incumbiu de invadir Coringa, recésio de que o traiasse.

Episódios vivissimos, a história precipitando-se em páginas e páginas exelentemente escritas.

Sacret, o fiduciável Louis L'Amour: Ib, vol. 23, do Western, Europa-América. Escrito no melhor estilo do oeste, a história movimenta-se empolgada de factos e episódios os mais inesquecíveis, tão ao gosto do género literário deste sector. O público de tal modo se interessou pela história, que foi aproveitada para a TV.

Os três mosqueteiros, Alexandre Dumas: Ib, Europa-América.

Romance histórico famoso, dos mais lidos pelo público de todos os tempos, desde que o autor o lançou no mercado.

Cada nova edição, em Ju-

de Braga

VIVER

amente ao vosso dispor na:

rito

o que o leitor irá querer e incita os leitores a devorá-lo com a avidez das autênticas obras de génio.

Prison, Joan D. Vinge: Ib, 10º da Europa-América.

Algures no tempo, o homem colonizou planetas diversos e interesses mútuos obrigaram-no a bastante a federar-se em alianças capazes de dominar sectores ricos em minério afim de o explorar para proveito próprio.

Neste contexto, surge o herói da história, o Gato. Analfabeto, estranho aos segredos que o rodeiam, vê-se confrontado com problemas vários de tal modo sérios e graves, que é ou sobreviver ou morrer.

Claro que o herói sobrevive e vence tudo quanto se lhe opõe em desafio e mal-dade.

Olaria e cerâmica vão ter Escola em Barcelos

O artesanato, especialmente a olaria e a cerâmica artística, empregam muitos trabalhadores em Barcelos e a fama dos seus artigos espalhou-se por todo o país e pelo estrangeiro. Tratando-se dum sector vital para o concelho, os autarcas pensam de há muito em instalar uma escola capaz de ministrar o ensino a novos alunos e de

Louvo muito o Padre Carneiro pelas voltas que deu à carta de documentos para Esmeriz. Oxalá tenha discípulos que dele aprendam a reunir papéis de outras paróquias da Santa Igreja de Braga.

A de Esmeriz (1.ª parte — Outubro de 84) traz a bibliografia de páginas 102 a 110. Contem porque é enorme. Obras muito recentes também. O de maior valor são os documentos: do Arquivo da Torre do Tombo-Lisboa (A.N.T.T.), do Arquivo Distrital de Braga (A.D.B.) e outros. *O Crian 73-XII-84*

Os únicos livros que relatam casos da freguesia são os chamados Visitações. Na de Esmeriz vejo esses livros ser referidos, mas não esventrados.

— // —

Não é qualquer método que serve para relatar aos de Esmeriz ou outra a vida passa-

Os nomes de lugares aí estão desde há séculos: o Barreiro (que tipo de barro é?), o Oural, Zebreiros, a Agra, a Capela de São Francisco (pgs. 85/86).

Aí estão já a vinha (29, 23, 67, etc.), o lagar (p. 54 e outras), a Mula (29), os impostos de 10%, 25%, 33% (29); os nomes de pessoas como Dona Ómega (24), o herdar e o vender (factos que não Direito — pg. 24), as penhoras (31), os porcos e os estrumes (III), os homens de cava (114), o alpendre (115), os pomares (113), o rossio (quinteiro) e a eira (114, 116).

— // —

Se compararmos a história da freguesia (qualquer) com uma detalhada história da Igreja ou do Estado, fica-se com a impressão de que as polémicas não tentaram em Esmeriz. Por exemplo: alguma vez se falou ali nos famosos albigenses, em

(Conclui na pág. 7)

Padre Joaquim Carneiro

(Conclusão na pág. 8)

Huss, nos Papas às turras entre si? No de Trento falou-se porque até nos Testamentos o notário invocava esse Concílio. *IV. 13. XII. 84*

Conclusão: como escrevem no Cardeal Sarraiva (P. de Lima) de 23-XI-84, «A História... serve-nos fundamentalmente para compreensão do presente e perspectivar o futuro». Daí que o Autor do artigo (é de esquerda) faile de um Sidónio à vista!

Esta de Esmeriz prova que as nossas raízes católicas, à sombra da Catedral e do Campanário, não podem deixar de ser tidas em conta tanto agora, 1984, como ao planear o futuro.

Esquecê-las é negar nosso País cujos ossos a freguesia guarda. Honra pois, ao Padre Carneiro.

18.11.84

20

O

V

R

A

, das 9.30 às 12.30 horas

e completa gama de aparelhos
a cada caso individual. Óculos
de Retroauriculares — Modelos
do ouvido sem fios nem tubos.
Óculos populares.

sem compromisso exames audiométricas.

30 h. na FARMÁCIA BRUNO.

Rua, 92 - 1.º — PORTO

Av. 33 a/L — LISBOA

DA DE PROPRIEDADES

Macedo

D. PALMEIRA E BRAGA

RESIDÊNCIA

Prado — 4730 Vila Verde

Telef. 92 13 19

INTERMEDIÁRIO

governo de coligação assumiu
casal que já se não entende,
da vive só o mesmo bicho
) escondido dos filhos e aju-
iscer.

lo Governo de coligação, alia-
tos com o medo de que Berna-
dos o divorcio, atingindo, a
terceiros partidários dos par-
cipantes,

neira, e mesmo tentando
o Governo — este Ge-
nta-se naufrágio e só, po-
gas produtoras de bens e
nial Governo;

5, porque não se detém a
se recela que acade con-
cluídas.

1, porque os trabalhadores
pagar a maior faria para
nfederação dos Agricult

(Conselho na p

retas ao Director» e «Tribuna Lh
da responsabilidade dos sub
trechando, necessariamente a
» de ver do Jornal].

Coordenador:
Dr. Carlos Nuno Salgado V

Telefone: 25384 — 4700 BRA
horas)

500 exemplares

— Telefone 25384 — 4700 BRA

advogados para a posteri-
dade a técnica e larga expe-
riência já existentes.

O imóvel escolhido é a Ca-
sa do Conde de Vila Boa,
que está degradada e que
necessita de 70 mil contos
para se tornar funcional.
Com vista a pôr em marcha
a iniciativa, dedicaram-se
àquela cidade o Arq. Consel-
ço Trigueiros e o Dr. Marte
Chaves do Secretariado do
Emprego, que visitaram a
Casa e conversaram em se-
guida com o presidente da
Câmara, João Casanova, e
com o vereador do Artesana-
to, Manuel Pinheiro de Mi-
lenda.

A perspectiva seria obter
ainda este ano 20 mil contos
do Secretariado do Emprego,
quantia que chegaria para a
quisição da casa e primei-
ras obras, suficientes em to-
dô o caso para o início da
actividade.

63-XII-82

W

Portugal, a Holanda e a China

NO CRESCIMENTO DA HUMANIDADE

Pelo DR. FRANCISCO DE ALMEIDA

Ouviram os meus leitores como o Papa foi agora (Maio de 85) de visita à Holanda e do modo agreste como foi lá recebido por alguns. Ouviram como o presidente Eanes se deu pressa em ir à China agradecer uma não sei qual visita. Tudo isto são factos que hão-de dar seus frutos e nos devem levar a sair, por algumas horas que seja, do nosso puro provincianismo português, minhoto, barcelense. Eu explico:

Agrada-me muito a visão larga como historiadores lá de fora compararam histórias com histórias a do império romano com a do império chinês, desde o anos 500 antes de Cristo até 500 depois de Cristo — boa fatia de 1000 anos. Comparar o império de Carlos Magno (ano 800) com o império dos Mongóis que até Moscovo tiveram. Confrontar a história de Portugal com a dos ousados Holandeses. As marcas dos homens não sei explicá-las: tão semelhantes e tão diferentes!

Vejamos a Holanda *TV. 8/6/85*

Há 400 anos virou toda protestante-adepta de um chamado Calvino, hereje a que os suíços deram o governo civil! Pergunta-se: separaram-se do Papa — como a Inglaterra e Alemanha tinham feito 50 anos antes, porquê? Por convicção religiosa ou por interesse político, nacionalismo? É que a Holanda (West Land, terra ocidental como Portugal o é) tinha sido sempre colónia deste ou daquele. Mais: de facto, nos anos 800 quase ainda não era cristã — como os alemães do norte — saxões, o não eram — e baptizaram-se porque a isso os obrigara o imperador, à força de guerras e mais guerras. Quer dizer: desde 800 a 1580 — 700 anos, foram católicos de verniz? Isso prova que as conversões para serem seguras, têm de ser gota a gota, devagar, em séculos?

Os meus autores informam que em 1580 eram os Holandeses grandes industriais e grandes comerciantes. Um tal Clenardo disse que Barcelos — terra do duque — era então quase aldeia face às cidades da Holanda. Pois bem: — deixou de ser Colónia, virou calvinista de católica que era. Só uns 13000 holandeses continuaram católicos! Um desastre! Uma viragem que não tem explicação que eu veja

(Continua na página 4)

3^a FICHA DE AVALIAÇÃO DE EDUCAÇÃO MUSICAL

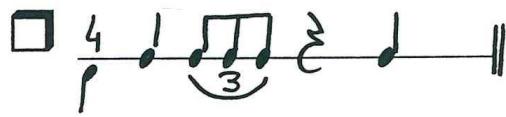
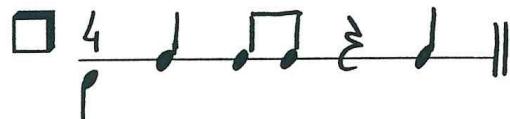
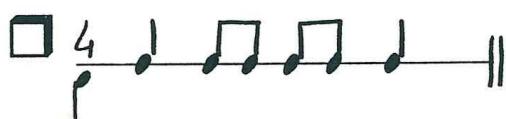
Nome: _____ N° _____ Turma: _____

Assinatura do encarregado de educação: _____

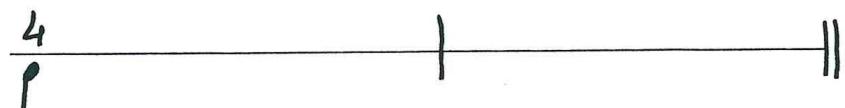
Classificação: _____ O Professor: _____

Data: ____ / ____ / ____

- 1- Vais ouvir 4 pequenas frases rítmicas. Identifica-as, numerando-as pela ordem correcta.



- 2- Ditado rítmico escrito.



- 3- Estudaste vários instrumentos populares dos 5 continentes. Ouve com atenção 5 deles e preenche os espaços que estão em branco.

NOME	CONTINENTE	FAMÍLIA
Banjo		
Sitar		
Harpa irlandesa		
Cabaza		
Didjeridu		

Portugal, a Holanda e a China NO CRESCIMENTO DA HUMANIDADE

(Continuação da página 1)

explicação humana suficiente. Virou tanto que houve igrejas destruídas, dos santos (imagens) foi tudo queimado, missa acabou-se! Proibido tudo o que cheirasse a ligação ao Papa. Pior: à 1.ª vista diríamos que só os chefes viraram e não o povo. Mas se só 13000 continuaram católicos — e com perigo de morte — a viragem não foi só nas chefias. Em 1600, 1700, 1800, 1900 era impensável que um Papa pudesse entrar na Holanda.

E agora, outra vez não percebo: por um lado, por 1700, dos católicos que ficaram, uma parcela separou-se de Roma — e logo pela mão de um Vigário apostólico! Por outro: no ano de 1950 os católicos holandeses eram já um terço de população e leio que agora, já são 50%. Com 3 cardeais!

Parece então que são muito valentes, apaixonados, extremistas. Mas um autor descreve-os como pacatos.

Portugal conservou-se sempre unido ao Papa. Andou por esse Mundo em aventuras — Brasil, Índia, China, terras que os Holandeses desde 1600 em diante começaram a roubar-nos. Tais foram o Maranhão (Brasil), Luanda, Ceilão, Malaca, etc. Tornaram-se potência colonial de peso. Porque é que tão alto subiram e há muito que ficaram sem nada como Portugal está desde 1975?

A Holanda é em terra 1/3 de Portugal. Mas tem 14 milhões de habitantes, bastante mais que Portugal. Lá viveu o nosso Damião de Goios, ela nos ajudou em 1640, quantas voltas não deu já? Só me admiro de que as 4 organizações da Holanda que puseram a cabeça do Papa a prémio não tenham conseguido nem assustar nem matar o Papa! Porque os calvinistas, Judeus, e marginais que lá vivem — aí Descartes lá viveu, em como o nosso padre apostata — 1680 — Ferreira de Almeida — para nada querem saber nem do Papa nem de quanto ele ensine. Por tudo, nós temos necessidade de saber dos Holandeses. Não iremos cair nós agora no Calvinismo ou na seita do francês Lefevre? Já andam por aí.

Da China

10.200.8/6/85

Pensem só que tem mais que mil milhões de gente! O mais colosso do Mundo. Se fossem guerreiros como o alemão! Ou feras como o japonês! Engoliam-nos vivos. E deram-nos todavia Macau. E ainda de lá nos não empurraram! Que tortuoso é o espírito chinês! Alguns aí, por políticos, leram o livro Vermelho de Mao. Tornaram-se Maoistas, quer dizer comunistas à chinesa. São muito ratos, engenhosos, pacientes. Escrevem umas letras que ninguém senão eles entendem. Todos até eles — reconhecem que, de cultíssimos que eram já nos anos 500 da nossa era, se deixaram atrasar. Um autor pergunta: porque é que a Austrália, tão longe, a descobriram os Portugueses e não a descobriram os Chineses que então perto dela estavam?

Só que não acredito que da Austrália não soubessem. O mal foi que nem eles procuraram saber nada do Ocidente nem nós nada deles. Desde 1949 que cai nas mãos dos comunistas.

Como seria hoje o Extremo Oriente se tal não tivesse sucedido? Talvez pior para a Humanidade. Ora os Chineses são bem mais inteligentes que os Russos. Estão a mudar — e não é por Eanes lá ir. Precisamos de os seguir com atenção porque a voz da China pesa 1/4 de todas as que há no Mundo.

Mesmo assim, ela teme a vizinha Rússia (que esta tem a atómica).

Francisco de Almeida

Boa Sorte!

Tema C - ///////////////

Tema B - xxxxx

Tema A - 00000

Tema							C
A							B
B							
C							

Canção I Forma: _____

- 8- Aprendeste que a forma das músicas podem ser representadas graficamente. Escuta com atenção as duas canções que vais ouvir e preenche correctamente o



expressividade através da seleção timbrica.

Vais ouvir o mesmo trecho musical duas vezes. Indica em qual das vezes há conseguido através da seleção timbrica.

7- Aprendeste que nem todos os instrumentos musicais se adaptam a determinados estilos de música. A expressividade de cada estilo musical é

VILA COVA — em si e fora de si

8/85

11-43

Cá temos nós uma expressão que nem parece nossa: Si, em si, que quer dizer nela e fora dela. Ao falar assim, arremedamos os filósofos alemães de há cem anos que tudo mediam pelo «em si» e o exterior. Ora para dizer da Vila Cova em si, já tendes os Subsídios para a Monografia. E quem bota faladura sobre Vila Cova fora dela? *In Agosto - Ag/85*

Ainda do em si: diz-me a História do Padre M. Oliveira que no ano 1087, já os religiosos de S. Romão de Neiva, aqui perto de nós, se regulavam pela afamada Regra da Ordem de S. Bento. Pergunto então se me sabeis dizer por qual regra se governavam os vossos religiosos de Banho. É portanto a vós que compete fazer monografia, que o vosso brio fará imprimir, sobre tudo quanto houve nesse vosso famoso lugar.

Anoto isto: publicou-se em Madrid a revista Ocidente. Ora vós, em si, sois Ocidente: de Barcelos, de Braga, de Roma, de Jerusalém, onde viveu Cristo. Vós e Portugal todo, sois periferia, gente do Cabo do Mundo, mesmo para a Moscovo de hoje ou a C.E.E.. Ora bem: os Gregos, os Fenícios, os Romanos, os Árabes entraram-nos cá, não pelo Oriente, mas pelo Sul — pelo Algarve. E os primeiros missionários, entraram pelo Sul também. Então eu concluo perguntando: quem foi que chegou primeiro a Vila Cova, o baptizador que vos fez do Cristo ou os soldados árabes? Porque sabemos que estes estavam em Faro já no ano 773 ou coisa assim.

Sustenta o sábio Padre Oliveira que no tempo do grande Constantino, já mais que 50 por cento das nossas gentes eram católicas. Mas não acredito nisso para Vila Cova. Era o ano 313. Quem era então o vosso governador, chefe? Que deus ou deusa vós andaríeis a venerar? Onde morava o chefe? Que impostos exigia? Como era o vosso comportamento? Nesse tempo, o Sul fez concílio e pelo que os bispos decretaram, vemos tudo como agora a saber: obrigaram todo o padre a viver sem mulher — a pena era ser reduzido a leigo outra vez; aos adulteros e outros proibiram frequentar a igreja; proibiram aos católicos conversas com sacerdotes dos deuses pagãos, não podiam casar com pagãos e os adultos tinham de estudar 2 anos para poderem obter o baptismo.

Mas vejamos Vila Cova fora de si. Vós, vi-o na Guarita, venerais S. Brás, Santo Amaro e S. Bento. Brás, não sei porquê. Amaro é na nossa terra sempre dependência de Bento. Onde se situava então o centro de culto a S. Bento? Em Banho? Então Vila Cova só se povou pela mão dos religiosos de Banho? Foi o que sucedeu em muitas outras bandas. E se em 1518, e já em 1220, Galegos — paróquia era dona (dote) de boas searas, nem por isso sabemos quem foi que dotou as nossas freguesias — e sem dote, os cânones, desde o Húngaro e nosso arcebispo, Martinho de Dume, não permitiam igreja matriz (com pia baptismal) isto é paróquia.

Leio, de fora, a revista que conhecéis, Além-Mar, que me fala da freira negra, do Zaire, que João Paulo II beatifica agora em Agosto. Porquê? — Porque foi capaz de recusar até à morte (e e matou-a) dormir com o coronel-chefe lá do sítio. Ora eu penso que nenhuma mulher destas nossas terras era capaz de se deixar matar por isso. Significa então que o nosso catolicismo não funciona, ou nossas mulheres e homens são dobráveis como o vil metal que é o cobre. Ponham os olhos nessa negra, 25 anos, que se chamava Anuarite.

Ouvistes que se ofende o Espírito Santo ao dizer que não é quando sabemos que é. Ora digam-me então quantas chicotadas havia de apanhar cada político que nega verdade sabida na Televisão? O que conta é falar de modo que os eleitores vejam sem ver, ouçam sem ouvir, lhe dêem o voto. Ele cozinha o resto. E contudo não me alarmo pois li o texto do bispo de Milão — anos 350 — que se refere assim ao seu tempo: esta nossa difícil época! Vai aí eu pensei que o Mestre profetizou certo ao dizer que em qualquer aldeia, vila ou cidade, todos os anos nascem os que são honestos e também os que são venenosos, a saber: ateus, assassinos, ladrões, adulteros e as mais espécies que os tais bispos de 313 já afastavam como peste.

Surgiro assim que saiam do em si, observem o Mundo dos 5 continentes e aprendam isto: estimar cada vez

mais, aqui ou na Alemanha, a Ocidente ou a Oriente de Vila Cova, o que de bom, recto, honesto, sábio e santo nos legaram os que antes de nós foram desta Vila Cova, em si. E mais: venerar as nossas raízes e por isso escavar, procurar, conhecê-las. Nem é difícil com tanta gente culta que já tendes.

Significa isto que, até Vila Cova virar, em si, católica, como hoje o é, demorou séculos. Mas nem por isso eu vejo as nossas gentes gratas aos que lhes transmitiram o saber católico, o baptismo e o mais. Logo: esquecemos as nossas raízes; tanto assim que anterior ao ano 1000 só temos a igreja de Lourosa. O mosteiro de Guimaraes fê-lo Dona Mumadona por 915. E o

Lisboa Agosto/85.

Francisco de Almeida

14.2.84

Imagens do Mundo

O PAPA ENTRE OS INDIANOS

Tor. M. Mar. Fev/86

78 P.
35 P. vivi

São os Indianos um povo que fica para Sudeste de Portugal, numa linha como de Barcelos a S. Bento da Várzea. São eles 75 vezes mais que os Portugueses e num território tão grande como 35 vezes o de Portugal. Um gigante. Todavia, foi esta formiga, Portugal, quem descobriu a Índia para os Europeus e não a Índia quem descobriu Portugal ou a Europa. Bem dito: Heróis do Mar, Nação Valente, estes Portugueses dos anos 1500.

Ainda os Lusitanos se cobriam de tanga e já na Índia se escreviam tratados científicos e filosóficos. Divide-se em Estados como os Estados Unidos da América: Ele é o de Kerala, de Prades, etc.. E cada Estado tem seu governo e assembleia como a nossa da República. Partidos como cá, também os comunistas. País bastante alinhado com a Rússia, tem já muita investigação atómica ao lado de gentes a morrer de fome pelas ruas. Ainda lavram com arado de pau, há matas de cobras terríveis, tigres enormes, elefantes. Os Ingleses fizeram-na colónia até há pouco e nós demos-lhes Bombaim, que nossa era, no dote de casamento da filha do rei D. João IV, para os Ingleses nos ajudarem contra Espanha. Teve de ser.

São um povo muito moreno, até de côr bem escura, sempre de cabelos lisos, pretos como amoras. Grandíssimos matemáticos: ainda

O Barc. 14.2.86

(Continua na 4.ª página)

do

(Continuação da 1.ª Página)

há dias vi um Manual de Análise Matemática em que uma das su- midades faladas era um catedrático indiano. Católicos há-os lá des- de o apóstolo S. Tomé, talvez desde o ano 52.

Porque fica longe da Europa (fica por 110 contos o avião de Lisboa a Bombaim) só tem meio milhão de turistas/ano (e nós, 13 milhões). Aquele povo pertence a diversas racas, não são uma Índia, mas diversas Índias, com diversos deuses e até deusas, como a deusa Káli, cada um com o seu templo cheio de figurado em pedra. Todos esses deuses se englobam numa corrente religiosa, que os de lá cria- ram, e se chama o Hinduismo.

Ora 80 por cento dos Indianos são hindus, a 2.ª religião mais seguida é a de Marrocos e a 3.ª é o cristianismo—de que os Cató- cos são a fatia de 12 milhões ou 1,8% da população. Contudo na zona de Bombaim, a percentagem sobe a 10,4% e no Estado de Kerala, antigo Malabar, uma em cada quatro pessoas é católica—também por influência portuguesa. Mas se em Portugal se fala em classes, lá, o tremendo problema é o das Castas. E ha uma, tão mi- serável, que lhe chamamos os Intocáveis, ninguém se atreve a aper- tar-lhes a mão. Ora só no Estado de Tamil as castas são mais que 12. Nem daqui a 1000 anos os indianos hão-de ser um povo quase homogéneo como o português.

O Barc. 14/2/86

Simplesmente: muitos intocáveis fizeram-se católicos; queixam- -se agora de ser tratados como proscritos. Se há país com proble- mas sociais—a Questão Social—o pior é a Índia. Daí que também na Índia surjam padres aderentes da falada Teologia da Libertação. Outros padres são contra mudanças, o que cria problemas bem mais graves do que a resistência ao Vaticano II cá, que o Jornal de Bar-

Im. Edifício Bere.

14/12/86 n. 796

Imagens - Papa-India

Imagens p. 1-44

14-2-86

celos de 30-1-86 ataca, no artigo Permeabilização do Tecido Eclesial.

Na Índia, os novos vestem a Mãe de Deus com um sari indiano e não com manto, como nós, os novos querem dançar na missa e os velhos, nem pensar; padres há que militam tanto contra os graúdos como os dos partidos. Evidente é que na Índia, é impossível aos 124 bispos que já têm falar do jeito que dizia Ângela no Barcelense (Sopé do Facho) de 1/2/86: nada menos do que acusar os 20 e tal bispos que temos de pecarem por omissão. Só que eles não são governo civil e Pilatos era-o. Os Decretos do Vaticano I apontam o bispo e o pároco como homens de Deus, fiéis a Deus e não directores políticos.

O BNC 14/12/86

Pois é: lá na Índia, os bispos têm problemas a resolver bem piores que aqui: o governo até missionários expulsa. Se tem 45 mil freiras, 2 7000 nasceram no Estado do Kerala, dos padres nativos que possue, 60% vêm-lhe também do Kerala e os católicos têm contra eles a poderosa maioria hindu, com os seus radicais ou extremistas cujo programa é obrigar os cristãos a voltar ao hinduismo (apostatar), com o argumento de que o Cristianismo é religião estrangeira.

Dez dias Roma andou por cidades indianas, na missão de convencer os católicos de que vale a pena aderir a Jesus Cristo e fazer o possível por levar a paz e compreensão aos católicos, hindus e outros. Porque o problema é este: na Índia o que se precisa é cristianizar a cultura de lá, purificar a mentalidade pagã à luz dos Evangelhos, ir deitando sal no ambiente amargo do social, do moral, do económico e até do político. Para isso os bispos levantam centros de consulta católica, publicam guia matrimonial e familiar. Madre Teresa recolhe velhos das ruas, abandonados pela família. E outras obras assim que só a maldade dos homens pode pregar que boas não são, mas não as fazem eles!

E as línguas daquela gente? Mais de 300! Como dizer missa que todos entendam? Se é em Canarim, os tamules não entendem; se é em hindi, os Lambadi (tribu) queixam-se! De modo que a esperança do Papa para ir catolizando aquelas gentes, está muito na uniformização que a televisão provoca. Só que, também lá, ela é estatal e só. Depois há os casamentos mistos: a católica que se apaixonou pelo moço hindu ou o católico que ficou preso às graças da maometana! De tudo isto a Índia tem e até teve uma aldeia inteira que renegou o catolicismo e regressou ao hinduismo. Também porque o Governo faz a vida negra aos católicos. Por exemplo: se é militar e católico, não chega a general; faltam lá sacerdotes, mas o Governo não deixa importá-los (missionários).

Em resumo: o Papa só pode agir com os meios que Deus lhe dá e Ele, está visto, não tem pressa nenhuma: ao contrário dos marxistas que tudo querem por Revolução, o Espírito prefere o reformismo, mutações lentas. Mas a Índia está muito mudada daquilo que era há 50 anos que seja. A Índia deve ter um cantinho no coração português.

Francisco de Almeida

Carta de Lisboa

9.3.86

1.46

É um grande quadrilátero este que forma o concelho de Vila Verde, como demonstra a lista das freguesias, com seus resultados eleitorais que o Vilaverdense do dia 29-12-85 publicou. Freguesias de A a V, Aboim a Vila Verde, todavia de população rarefeita. Senão, Prado não teria 2539 inscritos, a mais populosa, seguida da Vila — Só 1642, Cervães — 1483, Soutelo — 1307, Lage — 1219. As pequenissimas são Travassós — 142, Gondomar — 107, etc. Já foi pior: a Memória Paroquial de 1758, viram? Só dava à Vila 387 habitantes em 83 fogos. Ora bem: faz falta que a Câmara faça publicar um Guia do Concelho de Vila Verde, com seus mapas. Vejam isso.

A Sociologia: mostra o mesmo Vilaverdense que já quase nenhum noivo casa na sua freguesia. Vejam a lista: Freiriz com uma de Carreiras, Lage-Carreiras, Pedregais-Esqueiros, etc. Em 10 casamentos, só 1, Júlio, de Atiães, casou com Maria da Conceição, também de Atiães. Estes os factos. Quem é que terá a bondade de procurar e dizer aqui os porquês, as causas, de isto estar a acontecer assim? Há 50 anos só 1 em 10 ia casar fora. Por outro lado: a que consequências levará esta mudança social? É bom que casem fora.

O Vilaverdense: Até que enfim o vejo avolumado com 8 páginas. Assim pode trazer bem mais novidades e ensinamentos. Por falar disto:

1 — Vocês não folhearam as recentes monografias, quer da Ucha (S. Romão), quer da Pousa, ambas do punho do pároco, Sr. Padre Hélio, que teve o cuidado de arrumar em

246
n.º 286
cante (p. 44); e castravam os frangos (capões), fabricavam manteiga, etc.

7 — Em 1986 quem sustenta a Escola que se chama Seminário são as esmolas do povo; em 1707, era dos campos paroquiais que seguia uma parte da renda para as despesas com o Seminário de Braga. Acho que o sistema de 86 é melhor. v. 9.4.86

8 — Outrora fizeram-se capelas: capelas por essas freguesias. Por exemplo: o jornal O Vianense, de 15-1-86, descreve a grandiosa capela de Deucristo (freguesia). Data de 1647 e servia de sepultura aos morgados da Quinta. Apurou-se, porém, que já em 1422 havia no mesmo sítio uma capela. Mas estas nossas Antiquidades — Património Cultural concelhio ou paroquial — estão muito por estudar.

9 — Mas no Diário da República de 4-1-86 há um Decreto a classificar muitos dos nossos Monumentos de nacionais — sobretudo, arqueológicos.

v. 10.1.86
Se a Igreja é de Esquerda

No jornal Cardeal Saraiva, da vizinha Ponte de Lima, do dia 17-1-86, o Dr. João Marcos escreveu: «o fosso cada vez maior entre os ricos (Direita) e os pobres (Esquerda). Ora eu vi a Encíclica Laborem Exercens — que não vejo por aqui discutida — de João Paulo II, ano de 1981, que trata exactamente dos pobres, a saber: n.º 6 — o Homem, sujeito ao trabalho; n.º 8 — os trabalhadores são um por todos e todos por um (solidários); e todos por um (solidários); e prioridade ao trabalho e ao vado e Homem, que também são rios vossos e a referência a «Vau do Bico», tal como na Memória de Vila Verde de 1758.

3 — Na pág. 13, o testemunho de um ex-pároco da Pousa, que diz: «o livro... é necessário, pois nada se sabia do passado antigo desta freguesia».

4 — Diz n.º a pág. 23: que o cavado formou um lago desse de Tibães até Cervães: foi assim?

5 — A vossa antiga Macarome (pág. 41) era até onde ia o Couto de Tibães, que foi de S. Bento.

6 — Nestas nossas bandas já em 1220 se cultivava uma planta a que chamavam «pi-

balho,; e ainda: o desemprego, os sindicatos são importantes, o jornaleiro (campo) é Bem digno, etc. O papa ensina (bem funda filosofia também) partindo disto:

a) Cristo foi um proletário (operário);

b) Hoje (tanta gente pouca terra) até os doutores já são proletários. E eu recordo aquela «Evangelhos: ai dos ricos! Pergunta-se então: se Cristo falava sobretudo aos pobres (desapegados de bens que não têm), e a Igreja (Papas, etc.) atendem sobretudo aos pobres (o rico de hoje não quer ouvir), Cristo e a Igreja estão colocados à Esquerda?

Convém não confundir a doutrina de Deus com a política, mas o operário não pode deixar de se unir ao Papa, que o defende contra tudo e todos.

Genealogia

Há gostos para tudo: alguns parentes de Lisboa puseram-se a ver o tronco donde descendem. E publicaram um folheto de 37 páginas, que sobe dos actuais primos até aos avós, e por aí acima até a dois casais: um de 1804 e outro de 1809! É obra! Mais do dia a dia é o que relata Jornal de Barcelos, de 9-1-86: 1 polaco de 30 anos, músico; outro, motorista e o filho deste, de 13 anos, sairam da Polónia em Setembro de 85, de bicicleta, percorrem 50 a 80 quilómetros por dia e vão à terra Santa onde culdam chegar em Junho de 86. E pronto. Digam coisas.

Francisco de Almeida
referência às vossas loiças de Prado, que a Pousa, também fabrica e na página 224, o Cá-sa, que diz: «o livro... é necessário, pois nada se sabia do passado antigo desta fregue-sia».

2 — Na pág. 109 lá vem a

referência às vossas loiças de Prado, que a Pousa, também fabrica e na página 224, o Cá-sa, que diz: «o livro... é necessário, pois nada se sabia do passado antigo desta fregue-sia».

cada uma, muito do que sobre elas havia escrito. Quem se dispõe a trazer à luz do dia a monografia de alguma das vossas freguesias? Muito estu-dadas só tendes a de Prado e a de Parada de Gaião. Venham mais! Se Ierdes página 34 da Pousa, vereis esta coisa es-tranha: pelos anos 1000, nin-
guém se chamava António, Pe-
dro, etc. e sim: sr. Nantónimo,
sr. Froila, sr. Gonderedo, sr.
Gelorando. Que nomes!



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA

Nome _____

Disciplina _____

Lisboa _____

Classificação _____

Obs: _____

Rubrica do Docente _____

Curso _____

Nº _____

Card. Saraiva
13/6/86 - 872

Esta vida que nos dissolve

FRANCISCO DE ALMEIDA

São hoje 12 de Maio. Vejam agora como o Mundo já anda: o locutor da televisão anunciou que até da Índia há um magote de pessoas em Fátima. E a Índia é muito longe de Portugal. Bem escreveu não sei quem: que Fátima é um altar do Mundo todo. Reparando nisto de indianos e suecos e outros, muitos, que vivem a Portugal, recordo também quanto congresso e encontro por ai se faz: reunem-se médicos, juristas, sindicais, prelados, etc. Há 100 anos, as reuniões desta gente eram a sós: saía um livro de Paris, por exemplo os de Renan, e ia falar por toda a Europa. Também de Portugal saía alguma coisa. Os cientistas trocavam opiniões através de Revistas. Que longe vai esse método de trocar ideias! Agora, combinam, reunem-se no sítio, tal e até almoçam juntos. Maravilhoso tempo, este nosso tempo. E eu espero que Deus nos dará ainda melhores dias.

C. Saz 13/6/86 II

Reunir-se e também Comunicação Social e da mais fresca. Mas é acessível só a poucos. Ainda, entrem, que foi Domingo da Ascenção, o padre que celebrou a Missa na Portela de Sacavém, Lisboa, paróquia que por enquanto tem sede no chamado Seminário dos Olivais, leu extractos de uma Mensagem do Papa sobre a Opinião Pública. Fui à Portela visitar familiares e ouvi aquilo do Papa. Onde se poderia ouvir texto do Papa numa igreja de freguesia? Como todas as coisas, a Comunicação Social é faca de 2 gumes ou tiro de dois resultados: ou bom ou péssimo, conforme a pontaria (o uso) que dos meios se faça. A televisão pode corromper muito. E pode purificar imenso. O que o Papa lembrava era que pela TV, jornais, etc., se pode fazer que o falso fosse o verdadeiro etc. E isso faz sempre mal e leva anos a corrigir.

III

Ora o «Jornal de Notícias» de ontem — do Porto — contabilizava bastante jornais e revistas onde se tratam assuntos morais, religiosos e outros. Rui Osório titulou que são 437 os títulos de inspiração cristã. E eu

(Continua na 2.ª página)

Esta vida que nos dissolve

(Continuação da 1.ª página)

nunca percebi o que é preciso para um jornal ser de inspiração cristã. Por exemplo: em Barcelos há um jornal que de que é director um sacerdote, julgo que escolhido pelo dono do jornal. E há outro que se reclama de católico. Pois bem: nenhum deles entra para formar os tais 437 títulos. Mas também recebi a Revista Além-Mar — missionária. Não vem lá mencionada. Concluo: são mais que 437 os títulos porque este Além-Mar é por certo, de inspiração cristã.

Grandes tiragens: 1 com 160 mil. Todavia há-os também de que nem sabem a tiragem (deve ser bem pequena). E a afamada Brotéria, científica, dos jesuítas só ter 2.100 assinantes parece-me sintomático da in-cultura dos Portugueses de hoje. Fiz a soma dos assinantes pelas tiragens e achei que deve haver uns 750 mil assinantes de jornais e revistas católicas. No pouco, é muito assinante. Que decreto não lê.

IV

Mosira o «Cardeal Saraiva» a fala de Manuel Fernandes — o 25 de Abril. Claro que nós nunca estaremos em desacordo em tudo. É curioso que a tal Além-Mar (Maio de 86) também relata o que a Censura da velha Senhora lhe podava!

E queixa-se amargamente. Concluímos que não há como poder-se dizer com Liberdade. Mas disse bem Fernandes: e com Responsabilidade. Senão, caímos na libertinagem, no vale tudo, no sem rei-nem-roque. Ora a sociedade não pode manter-se sem um corpo de regras, que são o meio para nela se poderem atingir os fins: servir a pessoa. Porque mazelas há-as e haverá sempre. Como a descrita em Anais (o Cardeal de 9 de Maio). Cabe aos saudáveis operar para se mitigar as desgraças.

Nós, não esperar tudo do Estado, que só pode ter o dinheiro que leva aos cidadãos, via impostos.

21-6-86

21-6-86

503

PARA A FESTA DE

21-6-86

(Continuação da 1.ª Página)

Para a Festa de S. João, o Baptista

Pelo Dr. Francisco de Almeida

I — Disse festa e festa quer dizer solenidade, pulos e dança na rua, fato novo, espetáculo. Há 200 anos, quando a população não era tanta nem havia tanta indústria em movimento, acho que o dia de S. João até era feriado. Isso acabou, salvo em Braga, no Porto e outras assim em que o Santo ainda dá feriado municipal.

Era festa, mas não de todo cívil, profana. Era-o principalmente religiosa.

Disse Baptista porque há outros, e muitos, Joões, canonizados, sobretudo aquele da idade do Baptista, o que viu aquilo do Apocalipse, coisas tremendas. Deus nos livre de as termos de enfrentar.

Ora acontece que muito pouco

assim agora, somos bem mais civilizados. Ou medrosos. Ou menos confiantes em que quem fala de Deus ao povo é Deus e não Pedro ou António. João era portanto convicto, cheio de força. E aprovado por Deus no que dizia.

Homem jovem, arguto, ousado. Nem sequer a conduta do rei, que era o seu, poupar. E também as senhoras mulheres gostam muito que se lhes digam as verdades. A do rei fez o que pôde para que o ousado João ficasse sem pescoço. E conseguiu-o. Porque o Baptista falava direito e doeu o que ele disse à incestuosa senhora!

Sabem que são ladrões e ladrões, mas digam-no e verão se não há cadeia para esse insulto! E daí que os bons dos filósofos aconselhem: est. modus interbus, que quer dizer, em língua cá do sítio: veja lá o que diz!

III — Tiraram-lhe a cabeça e pronto, acabou a biografia do Baptista. Porque será que desde

S. JOÃO, O BAPTISTA

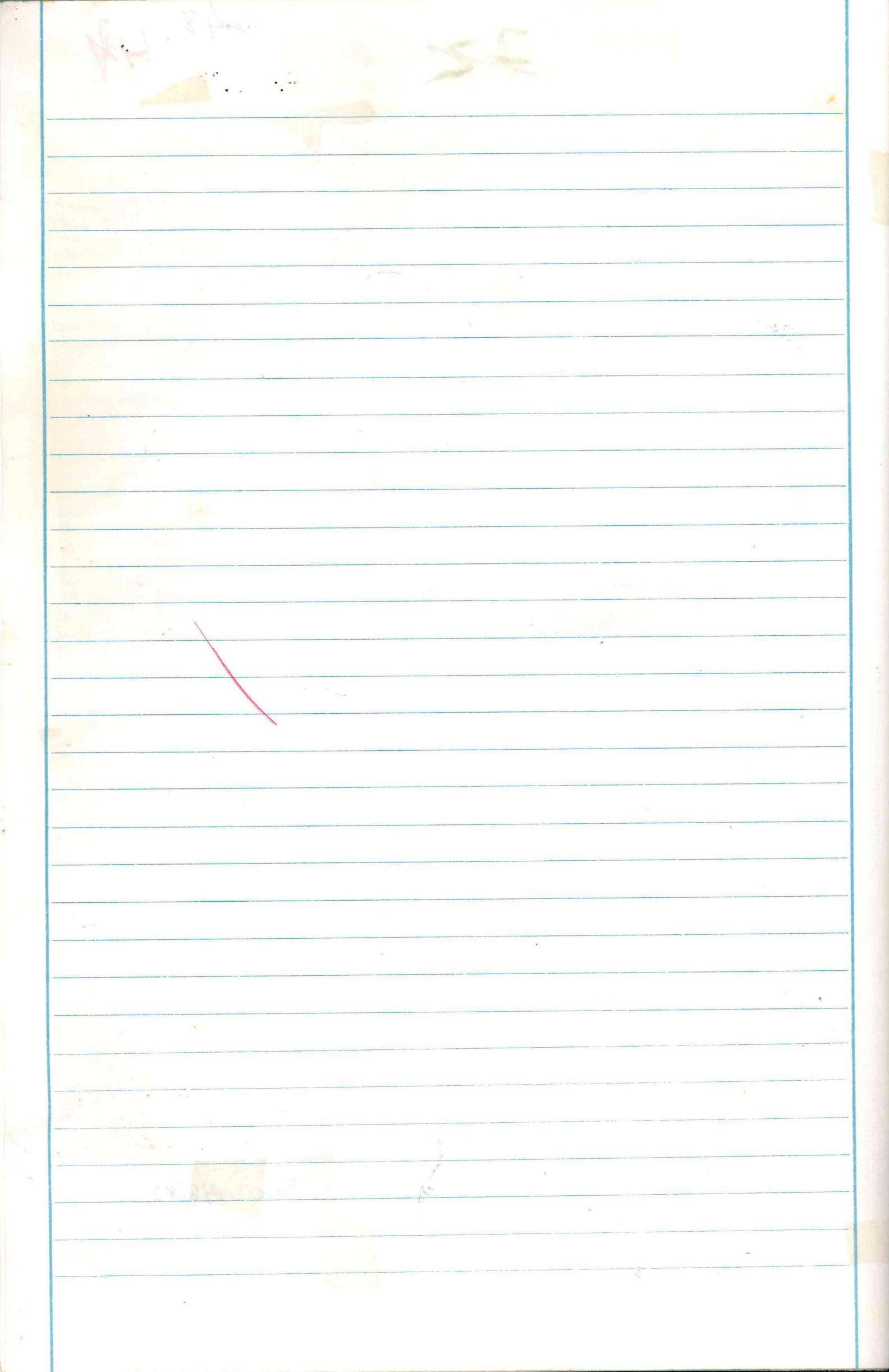
os primeiros anos do Cristianismo foi tão admirado e por isso, festejado? Porque... morra um homem e fique fama?

Cristo nem tempo teve de convidar João para Apóstolo. Veio, abalou o Jordão, fez a vida negra ao rei, chamou os hipócritas pelo nome e missão finda! João significa também que quando Deus quer dar uma viragem na História, sabe onde ir procurar—e até criá-los—os sujeitos capazes de dar a volta à péssima vida que o Mundo leva. Será que nesta nossa época Deus desistiu de dar a volta a isto que os jornais proclamam que vai tão torto? Vejam o Ângela e o 25 de Abril!

o brasileiro escreva Batista em vez de Baptista? As alterações ortográficas têm muito que se lhes diga. Mas como dizia um e bem, aqui no Barcelense: Adeus Mário, lhe construam a biografia, como fez Vila Seca quanto ao seu padroeiro São Tiago. E a propósito de Baptista e São Tiago, que quer dizer Santo Jacob (iacob) e dai, Santo Iago, e depois São Tiago, etc.: com o novo acordo ortográfico, acho que me não vou conformar. Não será lei porque não tem penas (castigos). Se não se cumprir, teremos uma escrita anarca, onde cada um escreve como quer. Pobres de nós: são os ignorantes do Brasil e Áfricas que me hão ensinar a escrever Português. Maior é a Inglaterra e não muda letra na escrita; e a França, idem. O acordo não deve ser aprovado. Que me interessa que

Logo Jesus e João conheciam-se, antes daquilo de Cristo ir ao

(Continua na 4.ª página)



EDITORIAL

Para o aniversário do Dom Prior

Cursos bíblicos e os Jeovás (v. Verso)

N Vídeos
Vi estes dias num dos nossos jornais que o Dom Prior de Barcelos fez agora anos. Mais: que um grupo de barcelenses ia comemorá-lo com ele. Lembrei-me então de que devo ao Dom Prior o agradecimento a uma carta gentil que a sua inexcedível amabilidade fez chegar às minhas mãos. Provocou-a um apontamento por mim publicado acerca do Mês de Maria em Barcelos.

d-Busc. 77/7/86

Pela carta, aqui fica o meu obrigado. Pelo aniversário e pela festa, os meus parabéns ao Dom Prior.

De resto, se a Universidade de Munique, na Alemanha, deu o título de Doutor Honoris Causa a uma escritora de lá, convertida, Dona Gertrud, «pela grande influência — e benéficos seus escritos», a este nosso conhecido escritor, que o Dom Prior é, era mais que justo dar também um doutoramento desses. Mas nem sou reitor de Universidade nem contacto com Universidades.

Saliento, para os meus leitores, a curiosidade da c. do

Dom Prior: informa, além do mais, que no ano de 1954, havia na Arquidiocese nada menos que 193 mil pessoas baptizadas com o nome de Maria. Eu quei pasmado porque 193 mil em 600 mil é uma percentagem de quase 30 em cada 100.

II

Enquanto hoje, 8 de Julho, esperava um autocarro nesta enor-

me Lisboa, apareceu uma senhora a dizer-me que gostava de me falar. E do Reino de Deus. — Fale, disse eu. Começou. — A que grupo pertence a Senhora? — Às Testemunhas de Jeová. E foi dizendo que não fora de religião nenhuma — porque o pai a não ensinou, mas era agora jeová, desde há 15 anos e tem 75.

(Segue na 2.ª página)

Alberto

17.2.86

49

74

78

17.2.86

(verso-nos)

1-50

Para o aniversário do bom Prior

(Vem aí a Páscoa)

Muito lúcida e tão aferrada à sua ideia que a S. me disse que os jeovás já existem desde que há Mundo. E não vai com a Igreja Católica porque é religião fundada por Constantino, o imperador, e ele foi um criminoso! Acabou por me dizer que é natural de Bragança. Veio o autocarro e tive pena dela por tantos erros que ela tem por verdades sagradas! — Lamento, minha senhora, lhe disse eu a subir para o trém, mas está equivocada. Pergunto-me como é possível gente desta idade — 75 anos — se convencer tão afincadamente, porque ela batalha! — de que Deus mandou como dizem os Jeovás.

III

Ora fez-me, quanto antecede, vir à ideia a notícia que vi do 7.º Encontro de Grupos bíblicos em Fátima, daqui a tempos, no verão. Acho que a iniciativa de alguém preparar melhor os que se interessem por leitura, mais ainda das Escrituras, é iniciativa louvável. Porque se perguntarem à nossa gente — comoinda ontem ouvi perguntar: — que significa Evangelho Segundo São Marcos? Porque foi que

Lucas relata? Em que terra escreveu Mateus seu Evangelho? Porque é que nenhum texto bíblico foi escrito em Latim quando sabemos que Pedro viveu e morreu na Roma da Itália? Qual foi, dos Evangelhos, o 1.º a ser escrito? Porque será que tendo Pedro morrido pelo ano 68, foi substituído por um Romano e não pelo apóstolo S. João, que viveu até aos anos 100? Não é um disparate ver esse apóstolo a obedecer ao 2.º Papa, decreto ex-pagão e que nunca foi apóstolo? João devia ter reivindicado suceder a Pedro no Papado de Roma?

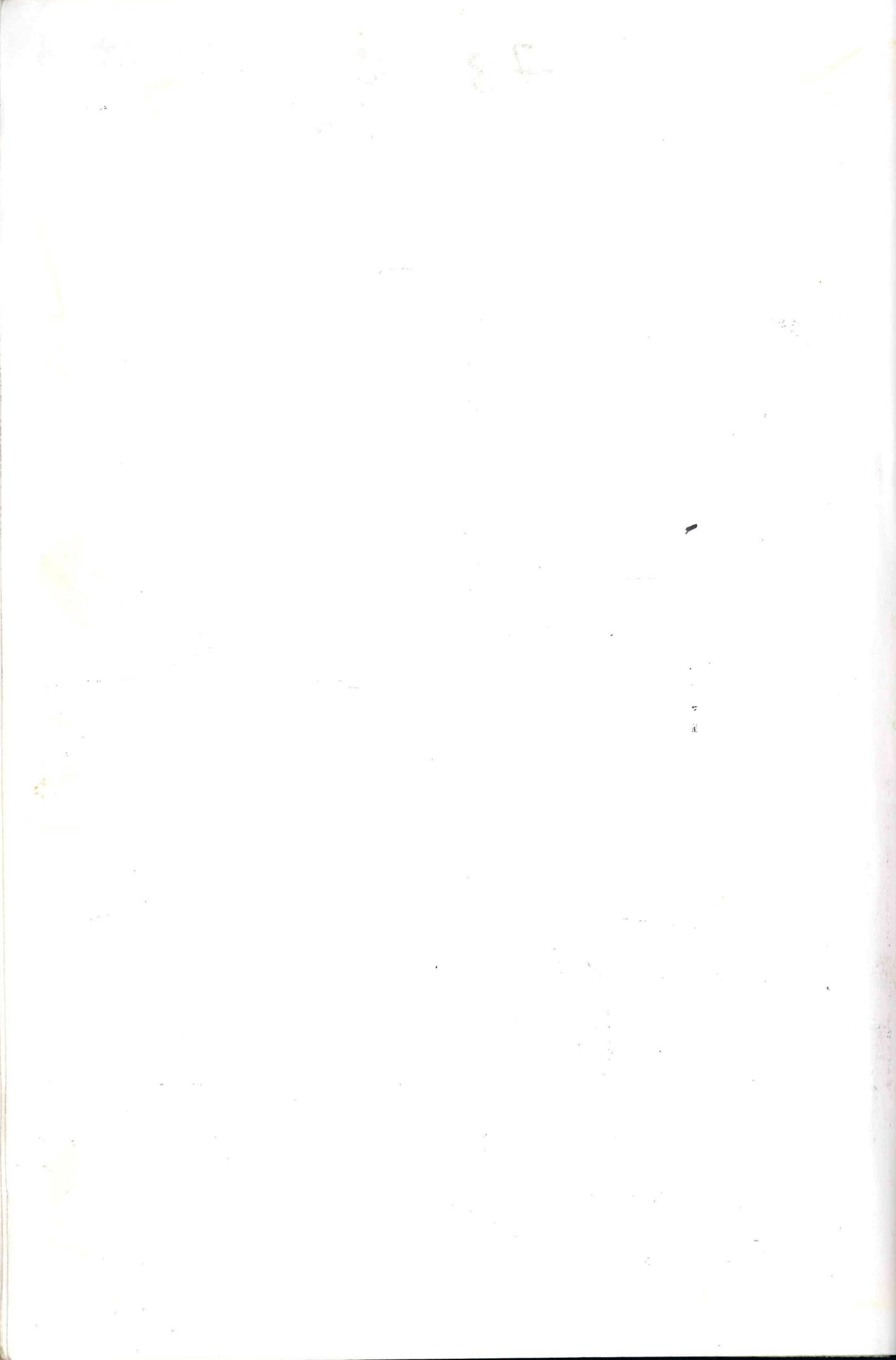
Anote-se que as jeovás não sabem responder a nada disto. Os textos que usam são falsificados, isto é, o Português que lêem não corresponde aos textos bíblicos de mais idade que ainda há. O inconveniente do grupo bíblico é o facto de os alunos ficarem inchados, a pensar que são doutores em Escritura. Por terem inchado foi que o inglês Wiclef sustentou isto:

o que não está na Bíblia não conta. Ora não está na Bíblia que as crianças devem ser baptizadas quanto antes — não vão elas morrer sem beneficiar da felicidade total no Céu.

Por ter inchado, é que um bispo protestante, inglês, disse na B.B.C. (rádio) que não crê que Jesus é divino, é Deus! E lá para eles, serve para bispo! Por terem inchado foi que um, já nos anos 150, disse que o Evangelho de S. João não o escreveu o apóstolo; que um padre do Egito fundou os arianos, que os nossos visigodos também eram; que existiu no Minho e Galiza um Prisciliano a ensinar que o casar devia proibir-se, mesmo entre os cristãos, que ele era. E tudo no Minho se fez prisciliano! E se aparecer aí uma seita nova, eu garantio pela História, que elá fará adeptos.

Mas termino aqui porque a conversa já foi longe demais. Ad multos annos.

Francisco de Almeida



Do aborto e da Gnose, Grupos Bíblicos e algo mais

cicada r.f. Machado I em 16/8/86

Nos fins de Maio escrevi este apontamento:

— Para a festa de Santo António — O problema antropológico — Acerca de «O Verdadeiro problema do conhecimento». E mandei-o para o jornal de Ponte, Cárdeal Saraiva. Muito bem, publicaram-no só no dia 4 de Julho! Onde ia já o meu S. António! Chama-se a isto dar à luz escritos fora do tempo. Felizmente nem todos os jornais que temos agem tão a despropósito. Queria aquele artigo dizer que, mais do que responder à questão, e onde vem e para onde vai um homem, há que decidir esta questão prévia, a saber: se o homem é ou não é capaz de demonstrar que tem «fósforo» suficiente para provar que é capaz de concluir: logo, Deus é que há. Não se metam os leitores nisso, que é bem complicado. Acreditem no que o Santo ensinou e basta-lhes.

II

Falei em «problema antropológico» palavra cara, que quer dizer: problema de saber em que consiste um homem. Ora qualquer pequeno Catecismo, mesmo o resumido de São Pio X — anos de 1910 (sem esperar pelo universal que vai sair daqui a 4 anos) define o homem assim: é um ser composto de um corpo (parte física) e de uma alma (parte não física); o corpo desfaz-se mas a alma, nunca mais. A definição está certa por 3 provas:

1.^a Todos os povos concordam com ela: 2.^a) todos os filósofos sensatos concordaram também; 3.^a) foi assim que Deus ensinou.

III

Mas nem por isso deixou nunca de haver — e hoje há mais que ontem — sujeitinhos a querer ensinar ao povo que as ditas, 3 provas erradas — e os novos é que sabem! Ensinam então diversos dis., ates como um que andou a escrever em Barcelense e se dizia do Centro de Estudos de Antropologia Gnóstica. Assim: uns sustentam — com os marxistas e comunistas — que um homem é só tanto como um cavalo ou um mero; outros ensinam que, na morte, a alma sai mas, afinal, regressa à terra para se meter (reencarnar) em corpo novo e dar galinha ou mulher ou homem, etc.

Bacan (22): concorda?

IV

No jornal Notícias de Famalicão do dia 4/7/86 vem um artigo que diz: Teatro do Acaso. E sustenta que tudo o que acontece não é que os 30 dinheiros que recebeu, recebeu-os para o grupo, para a organização, tal como daquela vez que criticou o dinheiro gasto em perfumes em vez de ser dado aos Pobres. Era um amigo dos pobres! E continuou: de resto, Pedro foi pior que Judas porque Judas

problemas filosóficos, vitais, morais, única solução certa: seguir o Papa, acreditar no que ele acredita.

26.7.86

VI Heresias

Senão vejam-me esta que ainda hoje ouvi e por onde se deduz que mesmo certos ateus leram as Escrituras com atenção (e por isso as conhecem talvez melhor que os nossos grupos bíblicos). Dizia um: — O Judas não traiu, não senhor. O que aconteceu foi que, na ideia dele, Jesus Se desviou do programa estabelecido (fez-se dissidente político) e por isso, Judas O denunciou. E não por interesse pessoal:

(Continua) 2019
veze por muitas causas ou empurões. É exacto. Ora os mais famosos a procurar as causas, os porquês de quanto acontece, foram os tais dos Estudos Gnósticos. Ora vejam que disparatadas explicações nos dão os tais gnósticos, que são os mesmos da falsíssima Reencarnaçāo: A criança nasceu cega. Porquê? — Porque na sua vida, anterior a esta, na Terra, a alma daquela criança cega andou a cegar pessoas com um ferro em brasa! (Livro: Renascer, Croiard, Europa-América, pág. 116). Outro: x é homossexual porque, na vida anterior, andou a ridicularizar os pobres homossexuais! Outro: esta está atacado de tuberculose na coxa porque quando era pága, há 2000 anos se riu ao ver uma cristã ser abocanhada na coxa por um leão!

Eu só me pergunto: e há quem acredite tamanhas aberrações? Se não houvesse, o tal livro não se vendia e o autor não o escrevia. E porque acreditam? É por serem estúpidos, doidos ou quê? — Não sei responder! Os leitores fujam de mestres tão avariados, porque o mesmo livro diz que se Fulana tem dores de barriga, não é pela doença que o médico diz e sim porque, noutra vida, cá, ela se fartou de fazer abortos!... Ao menos é contra o aborto!

26.7.86
Coisas — 18/04/86

Há dias vi a notícia de que neste Verão, em Fátima, se fará o Sétimo Encontro de Grupos Bíblicos de Portugal. Ora que há, nesta terra e naquela, seu grupo bíblico, sei, que é verdade. Pelos vistos, há por esse Portugal abaixo, muitos grupos bíblicos. E juntam-se em Fátima (encontro nacional) não já pela 1.^a vez, mas pela sétima vez.

Não sei que matérias anda a dar cada um desses grupos que se dão ao trabalho da aprendizagem das matérias referentes às Sagradas Escrituras. Mostro um caso: Jesus Cristo falava aos palestinianos de seu tempo em aramaico. E disse a Pedro: sobre ti levantarei a minha igreja, isto traduzido em Português. Ora S. Lucas e outros escreveram em Grego e disseram: sobre ti — ecclesia. Os tradutores do Velho Testamento para a Língua grega, para darem a ideia de sociedade religiosa usaram a palavra grega ecclesia ou a palavra sinagogé. Em resumo: quando Lucas, já a traduzir para grego, relata a promessa a Pedro: sobre ti — ecclesia, que quis Lucas significar? Igreja de pedra? Multidão concentrada, vindia de longes terras, como em uma peregrinação à Franqueira? Que é então o que Cristo criou sobre Pedro, ou a partir de Pedro?

O problema é grave porque os budistas, os hindus, os maometanos, os protestantes, etc., também concentram multidões. Pergunta-se: Também são Ecclesia? Pelo menos ecclesia autorizada por Deus? Qualquer ecclesia serve para louvar o Criador, o Mundo? Ao responder a isto, começam logo as discussões. Complicadas com intrincados laços entre si. A organização e Pedro, sim. E por 3 vezes! — Os leitores já viram como Judas e Pedro são distorcidos e aproveitados em termos políticos? Como se mete nas profundas ao Pedro e se levava Judas à glória? Assim se ataca a Ecclesia. Eu não sabia que a dou-

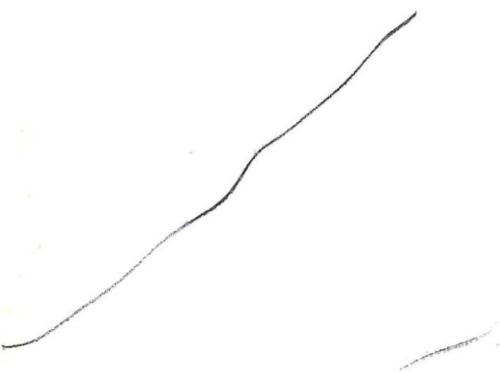
trina boa é agora esta!

Acautelem-se.

F. de Almeida

51

1



Problemas do Nosso Tempo

Pelo Dr. Francisco de Almeida

~~09-DEC-13-12-86~~
Entretenimentos de Português = a) eu dei pelo meu carro 100 contos; **b)** a enxerga do pobre homem já andava esburacada. Da alínea **a**): os homens velhos que eu conheci em Galegos diziam todos «pêlo meu carro». Suponho que foi moda dos professores régios do século passado dizer pêlo e não pelo. E tecnicamente, se pelo vier do Latim per+eum, e se per é de e aberto, nunca per+eum daria pelo e antes pêlo. Mas por esse Portugal abaixo, ninguém eu ouço dizer pêlo: todos dizem pelo e não pelo. Há também o oiço ou ouço, etc.

O problema leva-nos à célebre discussão dos acentos, que andou na berra e agora amainou.

Da alínea **b**): a palavra quase já não se usa, somos todos ricos. Quem é que dorme ainda em enxerga? Seja como for, o meu hábito é o de dizer enxerga como erva, conserva e assim. E não sei porque é que há-de dizer-se enxerga como perra. A questão tem bom interesse para os mestres locais, os senhores professores primários, que são quem, primeiro, instila hábitos de falar em nós todos. E nada impede de os de 1800 terem dito enxerga (como perra) e nós passarmos hoje, ou os nossos filhos, a dizer enxerga, como erva. Padrão era outrora o falar da Coimbra dos Doutores. Hoje, o padrão é a linguagem da Televisão. Só que tenho lá ouvido dizer Algoz (como depois) e fazer o plural em Algozes (como ferozes) e isso, o meu ouvido, que é um tanto musical, é que não tolera. Por sinal, para ser claro!, o Prontuário Ortográfico, de Naves dos Reis e outro, 10.ª edição, 1975, não traz pelo nem pêlo

(mas traz «penêdo» que em Barcelos não causa dúvida, nem traz enxerga).

Significará isso que para estes autores nem pelo nem enxerga são palavras duvidosas? Creio que precisamos de um Dicionário dos termos divergentes, com as pronúncias que têm e regiões e a pronúncia que deverá cada um ter como padrão:—diga pelo (não pêlo), diga penêdo e não peneido (de é aberto), etc.,

Ora se alguém tem obrigação de fazer isso é a Televisão. Ela que diga bem, como devia ser e não à deriva. Isto pelo menos para os que pretendam se conserve um Dever-Ser, coisa que anda bem abandonada, indisciplinada. Reflexo desta democracia de ni-

velar pelos mais estúpidos, como o são todas as democracias.

Resumindo: felicito no Sr. Padre Linhares os católicos da nossa região que têm entre eles um tão cultivado e perito sacerdote e com isto o felicito também a ele. E chamo à liça o professor-escritor, Sr. Ângela, para que nos diga quais os usos que conhece: se pelo, se pêlo, se enxerga, se enxêrga. Quem nisto das grafias sabem os teóricos como Camões que meteu cá o veneno da Latinidade dando na cara à fala popular de Fernão Lopes e do Gil Vicente. Mas da pronúncia o mestre é o povo que usa a Língua.

(Continua na 4.ª página)

(Continuação da Primeira Página)

E agora vejam esta, que li há dias: na Grécia fala-se Grego: o povo, o grego moderno; nos Tribunais, o antigo, clássico; nos Evangelhos nem o clássico nem o moderno, mas o popular dos anos 50. Ora bem: os políticos gregos não se entendem e queixa-se o Ministro: como é que todo o Mundo estuda o Grego clássico e nós, os Gregos, não o estudamos? De facto! E quando sei que na Sórbia até se estuda paleografia grega!...

O Papa Anda 49 000 quilómetros!

Tenho pena do Santo Padre porque eu, em mudando de cama, quase não durmo. O desgraçado, a mudar todos os dias, como há-de dormir? O Senhor Santo Padre esteve no Bangladesh onde os católicos são apenas 2 por cada

1000; em Singapura que tem 3,5 por cada 100, nas Fiji onde os católicos eram no ano de 74, 38.000 em 600.000 (uns 6%) e que terão subido para os 9 e tal por cento; na Nova Zelândia onde serão uns 14 por cento, na Austrália onde são 27% e termina nas Seychelles que têm 90 por cento de católicos. No Bangladesh dificilmente chegarão a ser 10% que seja; em Singapura, idem; nas Fiji poderão ir a 50% e pouco mais, etc..

Daqui um problema filosófico: se só Cristo é a verdade, quando será que Deus cria as condições para o Hindu e o Muçulmano ver que anda errado? Como dizia S. Paulo: segredos que só Deus sabe. Ora a ida do Papa ao terreno desses povos pode ser o 1.º princípio para os muçulmanos rectos começarem a ver onde está o que Deus quer que os homens façam. É de todo impor-

T-52

tantan esta corrida esforçada do grande Polaco. Acompanhem-no.

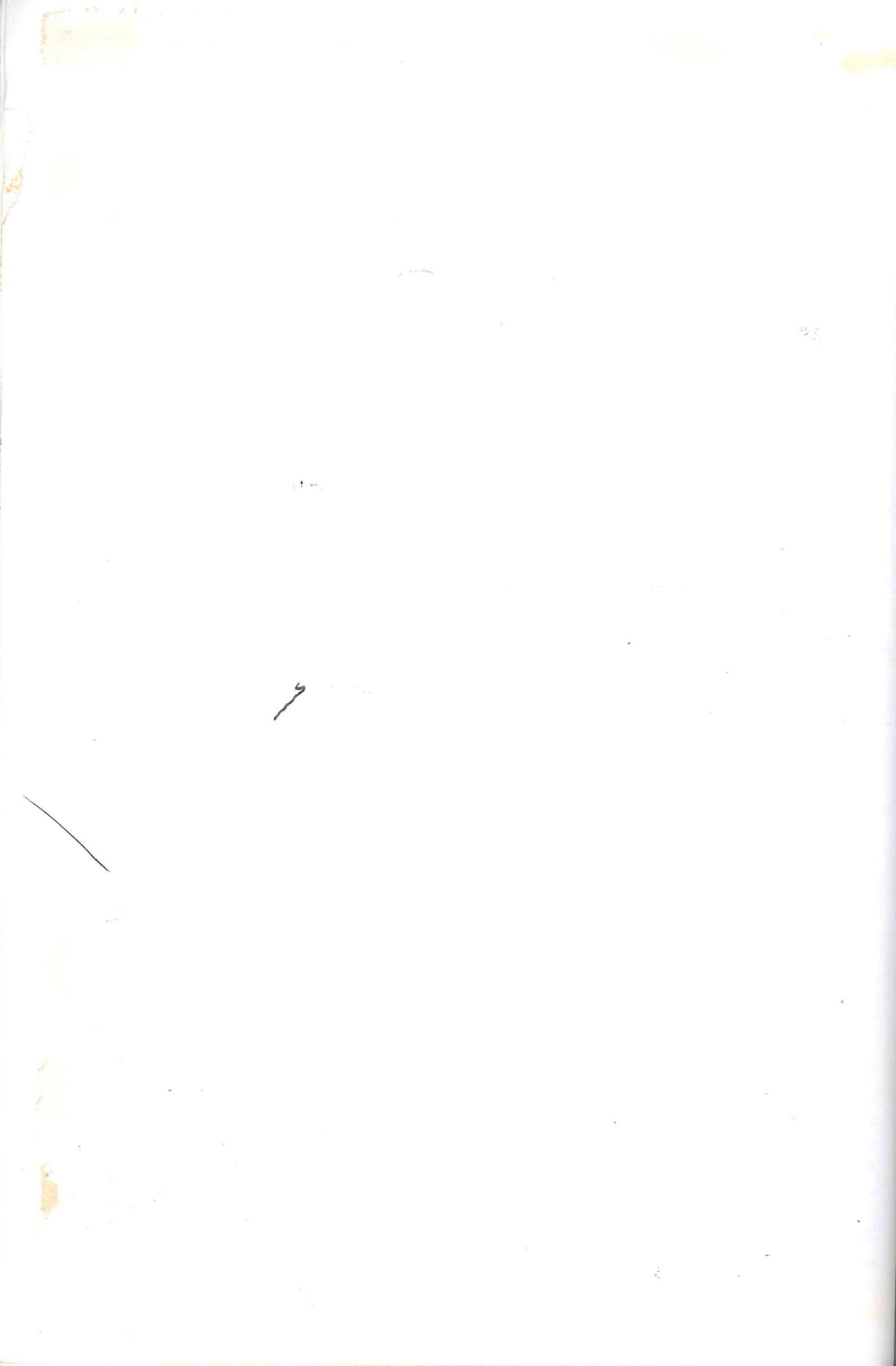
DOS BANCOS

Aquilo que veio num jornal de Barcelos levanta algum tanto a ponta do véu. Valia a pena alguém escrever um livro das burlas, desvios, cheques em «roulement», etc., com que têm andado os bancos desde 1975. E os gestores não levam os burlantes ao criminal: é nosso, dizem, nosso, deles! E como só o Banco os pode acusar—e não acusa, temos de esperar por mais. E os assaltos? Paguem prémio a ver se o público os não descobre!

DE LONDRES

Recebi uma *Folhinha Portuguesa*, papel de 2 páginas, policopiado, que é o Órgão do Centro Católico Português. Deve ser semanal porque diz: Notícias da Semana (a de 9-11-86). Notícia tudo! Vem: (Carlos Lopes reapareceu...) «Segundo o catedrático Figueiredo Dias, o processo penal português é o mais complicado do mundo» etc., mais de 50 notícias. E a última: «quem quiser renovar o seu B.I. só o pode fazer com fotografias a cores, como acontece noutras países da Europa». E digo eu:—viva o luxo! Notícia manuscrita: «foi nomeado bispo da Área Central de Londres...» e ainda: «o pedido em Stockwell para as Missões rendeu Lilibras 102».

Quanto foi que Barcelos deu? Informem, gente!



Para a História Religiosa de Barcelos

(Vem da 1.ª Pág.)

cristãos barcelenses — que podem ver nos famosos Fastos Arquiepiscopais de Braga — 3 volumes, ano de 1928 — que ainda se vende em Braga, mas custa uns contos de reis.

5.º) Como se lê na pág. 57, «O bispo da Egitânia, (era) inicialmente da Metrópole bracarense (séc. VI) — quer dizer, obedecia ao Arcebispo de Braga

6.º) Pode-se ver na pág. 523, na «História Paroquial», que são muitas mais que em Barcelos as freguesias que já têm sua monografia.

7.º) Hão-de ver na pág. 379 que são muitas as freguesias que têm (ou tinham) seu Boletim Paroquial, talvez como o falado aqui, de Vila Cova.

8.º) É curioso que anote aqui um dos Estatutos ou Constituição da diocese da Guarda — para não nos esquecermos de estudar como fo-

ram as nossas, em Braga (e Barcelos). As da Guarda, de 1621 (houve outras), tinham um Livro Quinto cujo índice era assim (pg. 140): Das Blasfêmias, Das Superstições, Adivinhações, Feitiçaria, Sortes e Agouros, Do Perjúrio, Dos Falsários, Homicídio, Ferimentos e Injúrias, Da Sodomia (homossexuais e lésbicas), Adulterio, Incesto (pai e filha, por exemplo), do Concubinato (mancebia), Alcoviteiras (casamenteiras), etc.

9.º) Um «de Alvelos» foi bispo da Guarda por 1300, pág. 151).

10.º) Estuda o Cabido (pág. 185). O de Braga tem monografia autónoma (Vaz-1971) e falta-nos uma sobre o Cabido da Colegiada de Barcelos. Escrevi uns Apontamentos sobre a Matriz, que mandei para um dos nossos jornais — e ainda não publicou (o espaço é pouco, bem sei). Também na Guarda (como em Braga) houve crise no Cabido em 1834 (liberais) e em 1911 (República) (pág. 209). A porca da Política!

11.º) Lá como em Fornelos (ver Dr. Teotónio) houve cisma — ruptura com o bispo legítimo. Em Gallegos, também.

12.º) Que correntes provocou entre os Barcelenses a chamada Questão Romana (pág. 225), seja, o caso de o Papa ter tido de se refugiar, isto em 1848 e seguintes? Deve haver ecos nos nossos 1.º jornais.

13.º) Também o Borges Grainha deixou seus irmãos jesuítas para se fazer maçon (1886) — pág. 233. Apóstatas não são apenas de agora.

14.º) Houve lá Círculos Operários — que informa deverem-se ao que depois foi nosso corajoso arcebispo — D. Manuel Vieira de Matos (recordar o círculo de Barcelos) (V. pág. 241 e 269).

15.º) Faz uma pequena história da Catequese, que aqui não temos (pág. 254).

16.º) Estuda as obras de alguns escritores de lá como fez o nosso Dr. Costa Lopes acerca do barcelense Gomes Pereira (p. 292). E precisamos de que se estudem as obras de outros, nossos, por exemplo, do da Silva que escreveu sobre a Rainha Stuart (ver Dr. Teotónio).

17.º) Estuda que Escolas Católicas houve (pág. 339), por exemplo, colégios.

18.º) Estuda também que jornais católicos lá houve (pg. 351 a 381).

V. anexo 28-29-30

Para a História Religiosa de Barcelos

I

ANOTAÇÕES

385

Dou-lhes hoje notícia de um livro publicado em 1981: é a História da Diocese (bispoado, cristandade) da Guarda, do Dr. Pinhoranda Gomes. Tem 500 páginas, enorme registo de livros consultados, temas interessantes, entre os quais o da Imprensa Católica, etc.

Peço aos senhores leitores para o folhearem «comigo» e aos homens cultos da nossa terra que o consultem nas investigações sobre as coisas barcelenses.

1.º) Infelizmente ainda em 1981 um livro de valor como este teve de ser pago do bolso do escritor — o que é uma vergonha! Só a Assembleia Distrital é que lhe deu um subsídio para os 1000 volumes editados:

2.º) Foi editá-lo à nossa Terra — na tipografia Pax, de Braga.

3.º) Os da Guarda, chamam-se Egitanenses porque o papa episcopal, antes de passar para a Guarda, esteve numa cidade chamada Egitânia.

4.º) É preciso que as pessoas mais cultas estudem a história das

(Segue na 2.ª pág.)

Isto da Imprensa (jornais e revistas) recomendo-o ao exame de C. B. que tem vindo a debruçar-se sobre que jornais tivemos.

Francisco de Almeida



COISAS DE LONGE E DE PERTO

Pelo DR. FRANCISCO DE ALMEIDA

426

14-3-87

Para os nossos Passos em Barcelos

AVOZ a 14/3/87 - Passos: 15/3 Domingo

Sendo o nosso concelho povoado por tantos milhares de gente, se toda corresse a acompanhar o Cristo nestes Seus e nossos Passos de Barcelos, a cidade rebentava pelas costuras. Mas por um lado, nem todas as freguesias podem acorrer. Por outro, nem só Barcelos acompanha os Passos do Santo Cristo — até Lisboa e até Évora têm seus Passos. E cuido que esta devoção dos Passos é tipicamente Ocidental, católica, pois não vejo que nem Eslavos nem Gregos nem Sírios nem Egípcios nem Russos, todos chamados cristãos ortodoxos, falem da Procissão dos Passos.

Nas Beiras, o sentido mudou para Procissão do Senhor Santo Cristo, que é o nome com que transitou para Ponta Delgada. Ali, o Senhor é dos Passos, teve o centro num mosteiro como o foi agora chamada Igreja do Terço em Barcelos, mas a procissão, com o Senhor dos Passos, não é procissão de Passos. É tão grande, lá em Ponta Delgada — Açores — como ir do nosso Senhor da Cruz ao comboio e voltar e quando começa a frente a regressar da Estação, ainda a cauda da procissão vai a sair do Senhor da Cruz. É difícil encontrar aí procissão que meta mais gente, sim senhor.

Isto liga-se com cruz e cruzeiros. Se útil temos que os de Famalicão um valioso estudo sobre quanto Cruzeiro anda disperso lá pelo concelho. Outro Autor, Engenheiro, anda lá às voltas como Confrarias do Santíssimo. E disse, que os Barcelenses são quem tem — proporção — mais confrarias dessas.

Vi 3 livros que o Sr. Padre Avelino escreveu sobre a Igreja do Terço. Secundo aqui o que um leitor lhe pediu, a saber: que escrevesse umas folhas que fosse sobre os nossos Passos e Senhor da Cruz. Cuido que os do Senhor da Cruz não vão ser menos generosos que a Irmandade do Terço.

Pus-me a comparar a época da do Terço e a dos Passos com a Arte dos referidos Ortodoxos, Russos etc. Nós temos Azulejos que falam (e o Padre Avelino deu-nos-lhos). Os Gregos e tal, em vez de Azulejos, pintaram em mosaicos. Nós fizemos o monumento (que é memória, lembrança) do Terço e Senhor da Cruz. Eles fizeram-nos todos em cúpulas, zimbórios. Cada raça com seus gostos, todas se erguem ao Céu.

Mas os Passos, quais Passos de Jesus são? Porque reparei que deu os seguintes, se bem me recordo: — A) do Horto ao Tribunal; — B) do Tribunal à casa do genro de tal; — C) Passos (ida e volta) ao palácio de Herodes; — D) Passos desde o Tribunal até ao alto do Monte.

A devoção abandonou os de A) e B) e C) para comemorar os mais dramáticos: desde aquele Crucifica-o até àquele Pai Por Que Me Abandonaste. Sabeis o relato.

Ora encontrei um livrinho, do ano de 69, que reza assim: A Paixão... Na Poesia Portuguesa. Até a capa veste de roxo! 161 páginas,

(Continua na página 4)

de quase 50 poetas, a começar em 1280 — o rei Afonso X de Castela, passando por Camões, Antero de Quental, Natércia Freire, etc., sendo o último um Salvado, nascido em 1936.

O tal Rei escreveu: «Do quarto (dor, pesar) foi coitada/u seu Filho velido/Viu levar a pesada/Cruz, e Ele mal (muito) ferido...».

Nesses 50 poetas, 2 são mulheres: Soror Violante do Céu, que faleceu em 1693, e a Natércia Freire, nascida em 1920.

Acho que há mais poesias sobre os Passos que as recolhidas no dito livro de 69. O Dicionário Poético (que é de 1700 e tal — 1.ª edi-

TRIBUNAL DO TRABALHO DE LISBOA
2.º JUÍZO

1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
11
12
13
14
15
16
17
18
19
20
21
22
23
24
25
26
27
28
29
30

80

426

Crisat.

~~Paragem dos Passos (Passos) - v. N. 142/82 (14.3.87)~~

426 (14.3.87)

1-55

(14.3.87)

o) traz outros poetas, hoje esquecidos.

Os poetas quase só fazem comentários, glosas, doutrina. Poucos imaginam e descrevem os Passos que Jesus andou no caminho da Verónica. Cantam mais a Santa Cruz. Até Herculano a Cantou. Até 1850 todos são religiosos, poesia crente. Depois, é profana, acerca de Cristo, mas não crente.

Gil Vicente disse: «Eis aqui.../Cumpra-se todo o meu mal e meu bem/Quero ir levar.../à cruel c'roa.../Quero ir levar estes meus cabelos/onde sejam feitos em duzentos pedaços». Gil morreu por 1536,

Camões enterneceu-se assim:

«Rim-se de ti, tu choras a crueza/

...O teu rosto... /Com cruas bofetadas da vil gente... depois, coberto mal de um pobre manto/que se pegava às carnes magoadas/, para dobrar-lhes as dores outro tanto/... Ó tu que passas, homem Cireneu/ayuda um pouco....».

Houve poeta que escreveu o Tratado dos Passos. É Frei Rodrigo de Deus, falecido em 1662, já lá vão 300 anos. E se os Passos de Barcelos reeditassem este Tratado? Disse assim:

«Chegados a este lugar/... já não pode mais andar/ Desfalecido de todo cai em terra... O vestido vem pregado/ A carne toda ferida».

Oicam a 1600, freira Violante:

{ «Senhor, que a mesma cruz em que morrestes/ Nos ombros... Pois tão pesada cruz levar quiseste ...Querei.../ Que tome a minha cruz e que vos siga».

Reparam na simplicidade com que diz esta poetisa. Uma esquecida artista das letras!

Mas o Açoreano Antero revoltou-se (que mistério é este de tão alto espírito tanto ao Cristo não entender?) e escreveu: «Há mil anos, bom Cristo.../ Morreste... ah! dorme em paz! não voltas que descrente/ arrojaras de novo...».

Pior ainda foi — o Junqueiro, que disse ao Homem dos Passos: «Pois bem (fala Judas).../ Vais ver como esse monstro, ó pobre Cristo nu/ É maior de que Deus, mais justo do que tu!».

E nós dizemos: pobre Junqueiro! Régio já só descreve exteriores, a procissão: «E, vivo ainda.../ E avança, ao avançar da lenta procissão.../ De Túnica aos rasgões, mas toda em seda roxa».

Ora bem: como disse a Soror Violante, e o povo o confirmou, todo e cada um de nós tem suas cruzes, que são dores e/dóis, não só metáforas. A uns mais na pele e ossos. A outros lá bem dentro, na alma. E perguntam: Porquê e para quê tanto sofrer? E matam-se. Não evitam o sofrer. Logo, o suicida é estúpido. Mas quê? Julgam-se a sofrer mais que sofreu aquele Jesus dos Passos? Se imagino aqueles golpes em mim, só de imaginar, me arrepio. Ora Jesus aguentou, não Se matou. Como vai a nossa gente copiar o Judas e não copia o Homem dos Passos é que eu não sei. Verdade é que todos andamos bem dispersos, distraídos, sem tempo de relembrar esses sofreres todos que Cristo, suportou!

Todavia perde seu tempo e dinheiro e tudo quem esquecer — e pior, abandonar e — pior ainda, desprezar, a lição do Cristo dos Passos. Ele é mestre, dos tesos: não disse: faz tu! Ele fez primeiro.

Razão tinha o poeta em pôr Cristo a clamar:
— Ó Vós omnes, qui transitis... si est dolor!

TRIBUNAL DO TRABALHO DE LISBOA
2.º JUÍZO

1	
2	
3	
4	
5	
6	
7	
8	
9	
10	
11	
12	
13	
14	
15	
16	
17	
18	
19	
20	
21	
22	
23	
24	
25	
26	
27	
28	
29	
30	

81

20-6-88

O SANTO ANTÓNIO,

Barc. 20/6/87

Há quase 10 anos, ofereceu-me o saudoso e brilhante advogado, Sr. Dr. Belard da Fonseca, 3 luxuosos livros a que deu o nome de O Mistério dos Painéis, sendo um deles dedicado a Os Pintores. Ainda não tive tempo de os ler, mas estes dias pus-me a folhear aquele de Os Pintores e vi lá o Santo António. Eu conto.

Há em Lisboa uma pintura que faz furor por essa Europa fora, de tão alto nível o quadro é. Durante 100 anos, os historiadores de Arte sentenciaram que pintou o português Nuno Gonçalves, um génio da pintura.

Nota: ao ouvir este nome, um barcelense liga logo ao caso do *Castelo de Faria*, que foi na *Franqueira* — e que Herculano pôs a correr Mundo: — Sabes tu, Gonçalo Nunes (filho de Nuno), de quem é esse castelo? — Revejam a História do tempo da Leonor Teles.

O Dr. Belard parece-me que prova isto:

1.º) o quadro, que é dos anos 1460, não o pintou Gonçalves e

HISTÓRIA DA ARTE, DA IGREJA DO TERÇO

20/6/87

425

Pelo Dr. Francisco de Almeida

G.

sim, João Eanes — que andou com a portuguesa, duquesa da Borgonha (e Flandres) lá pela Bélgica, escola flamenga, célebre;

2.º) a figura principal do quadro teve por modelo o filho do Infante D. Pedro (o que foi Regente) irmão do Conde de Barcelos, de que há tempos escravou o Sr. Padre Abel; Barc. 20/6/87

3.º) esse filho de D. Pedro teve de fugir de cá e fez esta promessa: fazer-se sacerdote para o rei, D. Afonso V, vergar e consentir que D. Pedro fosse enterrado no Mosteiro da Batalha, em vez de ficar por sepultar, como o rei queria;

4.º) esse filho, o do voto, foi D. Jaime e chegou a cardeal que morreu com 26 anos.

5.º) o voto, promessa, foi feito a Santo António.

Logo temos: aquele quadro é como um ex-voto; é célebre pelo valor artístico; porque o é, querem saber qual o sujeito que o

criou, produziu, etc.. E estas coisas todas não podem ser decididas senão por sábios em História Especial — a História da Arte. Belard vai mais fundo: só estuda a História do tal quadro (pintura): fez radiografias, remexeu arquivos, cá e lá fora, foi a Florença ver o túmulo do Cardinal de Portugal, tudo para setenciar: a cara do quadro de Lisboa e dos quadros de Florença e da estátua tumular é deste sujeito: D Jaime, que foi um santo. E pintou esse quadro o génio que se chamou João Eanes.

Para Barcelos: quem pintou os de Barcelos?

Não era bom existir na nossa terra alguém que, ao menos nas horas vagas, se pudesse a estudar as nossas Imagens (Esculturas), os edifícios (Arquitectura), os painéis (Pintura, Azulejaria), etc.?

Vejam-me a obra do Sr. Padre Avelino — O Terço: ficou um tanto confusa, pelo menos para o meu gosto, mas relata bastante. Vejamos:

1) princípio e fim — anos de 1793 a 1830 e tal (pgs 49 e 57). Da época do ouro do Brasil: D. João V (o de Odivelas), do Pombal, do rei-maçon (Pedro IV).

Ver Barc. Resta, anexo 1995
(Continua na 4.ª página)

— Liberto-amado! —

~~82~~

20.6.87

56

O SANTO ANTÔNIO, HISTÓRIA DA ARTE, DA IGREJA DO TERÇO

(Continuação da 1.ª página)

Barc. 20/6/87

428

2) O edifício: não tão rico como aquele que a irmã de D. João III—por 1560—mandou fazer em Lisboa à Senhora da Luz.

3) o pessoal em 1713—126 religiosas! (P. 49). É meios para sustentar tanta gente? De que viviam? Já mostrei que por 1750 havia lá uma irmã do Abade de Galégos. É preciso apurar o que foi feito das freiras após 1834 (o mata-frades poupou as freiras). E saber da freira Maria Teresa dita no livro «O Terço», na pg. 237 (crucifixo dela) e 196: se era de Gemeses, é fácil vasculhar o arquivo paroquial de lá. E de S. Cláudio onde foi viver ex-freira. Para a nossa História Social.

4) Imagens da do Terço:
a) foi pena não dar as figuras, uma a uma, dos Azulejos;

b) Afinal o Padroeiro da do Terço é S. Bento ou a Senhora da Conceição? (p. 125 e 134). Uma figura é em pedra, Até os santos têm de mudar de casa! E de pedra é do tempo do tal Cardeal D. Jaime e do Duque de Barcelos, o bastardo.

c) Do mesmo século são, diz o livro:—a da Abadia (p. 126);—o Senhor do Perdão (p. 131)—ambos do séc. XV (anos 1400).

Há lá imagens fabricadas nos anos 1500 e nos anos 1600 e nos anos 1700, e nos anos 1800 e 1900.

Então digam-me: de onde veio cada imagem de 1500 e de 1600, todas anteriores à fundação do Terço de Barcelos? Algumas vieram com as freiras: de Monção e de Braga, decerto. Quem as esculpiu, produziu?

Mas o Coração de Maria (pg. 133) é mesmo e já, dos anos 1600-1700? Não creio muito, face ao artigo que escrevi: O Mês de Maio. 1816

Complicada é a História de O Terço. Estamos no Ano Mariano. O Terço tem Confraria, de 1816 (pg. 70). Quem foi o João José Pinheiro? Porque fundou a confraria? Fundou? Porque lhe chamaram do Terço? Algo com a Invasão Francesa de Napoleão?

Se o Dr. Smith a té foi ver os Arquivos da Confraria de Coura, que nos falta para ver o que dizem os arquivos de Barcelos? Como disse, em Galégos, só uma vez vi referidas as freiras de Barcelos (Livro de Irmãos da Confraria do Rosário, de Galégos, freira ou o que era, Ana, remida, anos 1750). Mas as freguesias são 89. Onde estão os Rios das freiras? E os autos de profissão (votos)? Que vida tiveram? Que doentes levaram? Júlio Dantas—na História de Mulheres—falta-se de vergastar as freirinhas de 1700, de Viana. Até houve abadessados (jogos florais de poesia). Como foi em Barcelos?

Ainda do Santo António: por sinal, a 1.ª abadessa de Barcelos era devota dele: Dona Francisca de Santo António, decerto filha de um conde ou duque daquele tempo (pg. 50).

Em resumo: mostra o Sr. Padre Avelino a do Terço ligada ao de Assis (pg. 132), à Teresa de Ávila, ao Vicente Ferrer, ao Bento dos anos 400 (e por aí a Tibães e Vilar), ao Espírito Santo de Coura, a Mariz, a Amarante, a Landim, aos anos 1400 e 1500—tempo dos Descobrimentos, à Abadia de Longe, etc..

O centro de estudos é O Terço. Só a História Local, e Especial, da Arte, Social, Religiosa e Economia, podem aprofundar o real significado de O Terço na cultura e vida do concelho. Se a fama de obras de O Terço chegou a Coura, como é que tão longe chegou? Na História do Seminário de Braga (Mons. Ferreira —anos de 1930) fala-se nestas freirinhas porque, antes de virem para a casa de Barcelos, o arcebispo, ou Cabido, as alojou fugidas da guerra em Monção, no chamado Seminário de S. Pedro.

Reunam pois os documentos que tem de haver—sobre os nossos monumentos. O Terço é um deles e o Sr. Padre Avelino já começou. Honra lhe seja e às Comissões de Restauro e ao Santo António cujo aniversário agora se celebra, 13 de Junho.

No ano 2000

não são precisos missionários?

Estamos em Outubro, mês dedicado a lembrar o que se fez e não fez no capítulo das missões. Os leitores deste jornal são católicos — por isso o assinam. Agarrem-se, todavia, bem ao chão porque pretendendo dizer-lhes uns segredos que exigem segurança e boa disposição. Sobretudo, não se assistem nem escandalizem, onde discordem, levantem-se porque para pasmaceira bastou até aqui. Não fiquem para aí calados como é vosso costume.

Digam-me então: é verdade que há nessas freguesias alguma que já se lembresse de criar um grupo ou confraria toda virada a levar às restantes as ideias acerca de Missões? Se não, de que serve andarem por aí a falar delas? Acontece que Barcelos até tem 2 institutos missionários que são os Barbadinhos e os da Silva.

Eu pasmo por não me recordar de ouvir, uma vez que fosse, falar de missões lá na minha terra. Era porque lá só havia um padre que andava por Cabinda! Nem uma palestra. Nem uma homilia. Nem uma conferência. Nem uma conversa. Menos, um filme. Isso mudou? Mas então como é? Quem tem culpas deste silêncio? se calhar a aldeia é tão pobre que nem pode cotizar-se para assinar uma revista Missionária! Se calhar, aquele «lde» de que se fala só se refere ao caminho de Braga até Esposende, Póvoa e outros arredores. E como já chegaram, acabou a força de «lde».

Chegou-me às mãos um livro de 1946 que se chama Missões e Missionários. Que diz ele? Só o que um franciscano e um beneditino e um espiritano e alguns mais quiseram responder a um jornalista baboso e todo nacionalista. Mesmo assim, pus-lhe eu um índice e o livro vale bastante.

O meu índice é assim: bibliografia citada, quadricula ou território de cada Ordem, estatísticas (nímeros), escolas, igreja e saúde, pessoal, línguas e tribus ou racas, termas (Goa, Zambézia, Barcelos, China, etc.), conversões, mortes antes do tempo, estudos do missionário, métodos de fazer cristãos, etc. Perante esses temas, fica-se assustante.

(Segue na pág. 4)

No ano 2000

não são precisos missionários?

772

(Vem da 1.ª págs.)

tado senão vejam. Os Beneditinos de Singeverga encarregaram-se do Catanga, outrora foram à Austrália, África do Sul, Coreia, Manchúria e por fim ao Luso (em Angola). É uma quadrícula enorme e para mais, como disse o padre ao jornalista (pág. 21): «Vila Luso... Várias escolas de catequese se têm aberto na região, algumas a mais de 200 quilómetros de distância da missão». Ora de Lisboa ao Porto são apenas 318 quilómetros. Meu Deus, que distância!

Quanto a escritos sobre missões não traz o livro muito: encíclicas dos Papas e um livro que deu brado, de um espirítano: Largueza do Reino de Deus, que aqui ninguém leu, já se vê.

Que é então «missão»? É um território com o concelho de Barcelos — muito maior — que o Papa entrega aos cuidados de certa Ordem para que o Evangelize. Para tanto, plantam-lhe ao centro uma casa, igreja e o mais, que sirvam de sede administrativa. E mapas? E estradas? E rios? E leões e panteras? E os transportes? E que comem? Uma Missão é uma assustadora empresa de propaganda cristã. Assustadora porque: 1.º) tem de ter muita gente ao serviço como se vê da pg. 141 do livro para o ano de 1942: 412 consultas médicas, 630 injeções, 12.400 curativos diversos; todavia (pg. 47), nesse ano de 42, os francescanos só tinham na Guiné (Bissau) 9 padres, 12 auxiliares e 17 assalariados (decreto negros); 2.º) em 41 (pg. 99), os Lazaristas (Ordem de S. Vicente de Paulo — França) tinham na sua frente, em Moçambique: já católicos, 1472 contra 35.997 de todo pagão. Ora em 42 os pagãos eram 39.765 (pouco se abateu neles) apesar de os católicos terem subido para 2.272; 3.º) para cativar aquelas almas, têm de começar pela barriga (a forne) e estes mesmos Lazaristas distribuíram 1065 vacinas (variola), 11.200 litros de leite (de vaca), 2350 quilos de farinha de trigo torrada, 2320 quilos de açúcar, 1098 peças de vestuário, etc. (pg. 100); 4.º) a mulher preta (como a de cá) é difícil de con-

PE-1

Sff-n

verso anti.

VENDE-SE

ANDAR na TORRE AMPAL

Na frente/poente do edifício, pronto a habitar.
Informa pelo telef. 82481 a partir das 19 horas.

MODELISTA — ESTILISTA

Empresa de Malhas e Confecções na zona de Braga/Guimarães
admite:

- profissional com experiência e formação adequada às funções a desempenhar
- Vencimento e regalias sociais acima da média
- Bom ambiente de trabalho.

Resposta com «Curriculum» ao n.º 603, deste Jornal

PRECISA-SE

Podadores de Fruteiras e Vinha

Com trabalho para a maior parte do ano.

21-58

Coisas de Longe e de Perto

O Milenário de A Santa Rússia

O PAPA E MOSCOVO

V.Mº 24/5/88

O primeiro que chamou aos eslavos do Leste «Santa Rússia» foi o bispo americano Fulton Sheen, vai para 30 anos. E de facto há a separar naqueles povos, colonizados pela União Soviética, dois sectores, a saber: os que são fiéis a Deus e os outros. Aos fiéis, sejam eles católicos, ortodoxos ou protestantes, foi que o bispo americano chamou Santa Rússia. A outra parte, ou parte do povo, podemos chamar então a diabólica Rússia porque o é de facto. Adiante.

Do Milenário. O caso é o seguinte: consta que já nos anos 100 da nossa era, no Sul da actual Rússia, que fica a norte do Mar Negro, havia vários cristãos. Oficialmente, porém, só depois de uma princesa Olga se ter feito baptizar é que o chefe do Estado de Kiev, chamado Vladimir, decidiu fazer-se cristão. Terá sido no ano 988, há 1 000 anos. Até casou com Ana, filha do imperador católico de Constantinopla (Bizâncio). No livro Vigésima Quinta Hora, conta-se que o rei Vladimir fez assim: mandou ao povo que no dia X fosse todo para junto de um rio que lhes designou. E sem mais, chegados ao rio, foram ali baptizados, em massa. Um abuso, mas a Rússia virou cristã naquele dia.

Sac. n.º 3m.

(continua na página 4)

COISAS DE LONGE E DE PERTO

(continuação da primeira página)

Porque fez ele isto? Porque ao redor do seu território havia a Geórgia e a Arménia, já cristãs há 700 anos; a Sul era o império bizantino, cristão, etc. E talvez por medo que o povo lhe viraisse maometano. A Rússia cujos chefes eram de raça Viking, ficou assim agregada ao bloco religioso oriental, ao Patriarcado bizantino, não a Roma.

Acerca destes factos, têm os Russos uma chamada Crónica Russa, com muitas lendas. E quando o patriarcado de Constantinopla virou cismático (e rebelde a Roma), os Russos ficaram «ortodoxos», quer dizer «correctos», como seus mestres de Bizâncio.

Com muitos altos e baixos, a chefia passou de Kiev para o príncipe de Moscovo. No ano 1547, Ivan, o Terrível fez-se proclamar Imperador, César, que eles dizem Czar. A pouco e pouco, os de raça eslava (russa) foram agregando outros povos: Quirquizes, Arménios, Georgianos, Moldavos, Lituanos, Cazaques, Ossetas, etc. — aqueles povos falam 117 línguas!

E o Milenário? Kiev fica na Ucrânia. Esta já foi dos Polacos, que a perderam nos anos 1650. No Sul fica a Crimeia, que já foi dos Turcos. No ano 1480, um monge que vivia na Rússia, disse em carta

TRIBUNAL DO TRABALHO DE LISBOA
2.º JUÍZO

1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
11
12
13
14
15
16
17
18
19
20
21
22
23
24
25
26
27
28
29
30

(2)

Conselho Papal Russo

ao príncipe de Moscovo: A velha Roma (Império Romano do ocidente) caiu por causa de ser hereje e era a 1.^a Roma; o poder dela (de chefiar os cristãos) passou então para Bizâncio, que foi a 2.^a Roma, mas esta, por ter sido infiel, caiu à mão dos Turcos, em 1453; agora (1480), tu (príncipe de Moscovo), governas a 3.^a Roma.

O príncipe de Moscovo gostou disto e daí que fizesse ensinar ao povo dele que nós, Russos, é que somos os seguidores da verdadeira fé cristã!

Conclui-se daqui que povo assim fanatizado não lê aquela dos Evangelhos que diz: *Tu és Pedro, governa a Minha gente!*

Logo: Os soviéticos, ao querer papar o Mundo todo, mais não fazem que seguir, por outros moldes, o caminho indicado pelo monge Filotei: Moscovo é que é a Terceira Roma não a Roma dos Italianos!

Ora bem: Os Russos obedeceram à Sé de Roma até aos anos 1450. A seguir, tomaram o freio nos dentes e deixaram de ser católicos. Todavia, os do Sul e Oeste (Kiev, Vilna, Luov, Mohilev — cidades que podeis ver num Atlas) pelos anos 1590 voltaram a agregar-se ao Papa. Outros, mesmo em Moscovo, converteram-se ao catolicismo. Ainda hoje, se calcula haver na Rússia, talvez sem padres e sem bispos senão cismáticos, uns 7 milhões de Católicos.

Hoje, eles não têm nem párocos nem bispos católicos — e querem tê-los e o Papa sabe-o. E não os têm desde 1941 (Estaline) que permitiu eleger um Patriarca cismático em Moscovo, mas obrigou os católicos a integrar-se nesse Patriarcado.

Ora, de acordo com as novas modas, o Kremlin autorizou o Patriarcado de Moscovo — que são umas 16 dioceses, a comemorar os 1 000 anos da cristandade russa. É como o Papa João XXIII convidou o Patriarca russo para o Vaticano II, o de Moscovo convidou agora o que eles chamam Patriarca de Roma, a 1.^a Roma, para ir a Moscovo, a 3.^a Roma.

E o Papa vai ou não vai? Não lhe falta o saber falar russo. Sabe. Mas ir lá e nem poder falar aos católicos do sítio... Por mim acho que o Papa está num dilema — se não vai, acusam-no de ser hiena de batina (é com estes mimos que os Russos falam às vezes do Santo Padre!), que nem se alegra por a Rússia ser cristã há 1 000 anos —, e se vai, hão-de tentar pôr o Papa ao nível de um simples patriarca, porque não admitem o Primado — aquele tu es Petrus (nesse aspecto são tal qual os protestantes da Inglaterra). Se vai, o governo russo prestigia-se porque teve lá o Papa (e é a 1.^a vez na história que um Papa vai à Rússia União ou não União de Sovietes) —, se não vai, os católicos russos não poderão olhar, ver, o sucessor de S. Pedro (tu es pedra, cefas).

Mais: se o Papa lá for, de certeza que não vai só ele — hão-de ser vários os bispos católicos, do Segundo e Terceiro Mundos, a querer ir à Rússia; se o Papa não for, os que gostariam de assistir às festas do Milénio, sentir-se-ão proibidos de lá ir.

Que grande trapalhada! Por mim, preferia que, apesar de todos os contras, o Papa fosse a Moscovo. Para aqueles povos eslavos isolados à força, perseguidos, calcados, enganados, poderem ver o Santo de Deus, digno sucessor de Pedro, que é João Paulo II. E incutir-lhes esperança de um dia poderem fazer-se católicos, do redil de Pedro, como Cristo lhes mandou (e como os chefes russos, bispos, não têm obedecido).

O Milénio russo é, por tudo isto, uma data famosa — não é um milénio qualquer. Mais: quem diria, em 1930, que no ano 88, os comunas russos haviam de permitir o Papa no meio deles? Atenção: não digam «russos» digam soviéticos porque os de Moscovo dão pulos se lhes chamarem outra coisa que não seja «soviéticos».

Francisco de Almeida

TRIBUNAL DO TRABALHO DE LISBOA
2.º JUÍZO

1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
11
12
13
14
15
16
17
18
19
20
21
22
23
24
25
26
27
28
29
30

2-6-88

1. 62

As Mulheres ao Poder

Pelo Dr. Francisco de Almeida

J. Barcelos 2/6/88

Não se fala muito, não senhor, do Congresso dos Leigos que há-de realizar-se, em Fátima, daqui a uns 8 dias: de 2 a 5 de Junho. Mostrame um jornal de Famalicão (hoje cidade) que os temas hão-de ser estes: Igreja-comunidade de crenças; idem-Sinal de Salvação; idem-Vocação e missão deles no Mundo; ainda: — leigos comprometidos; leigos correspondentes; leigos correspondentes. E portanto, concluo eu: os temas parecem-me bastante vagos ou amplos demais. Ora os franciscanos, na revista deles, que dá pelo nome de Paz e Alegria — de Março/Abril de 88, trazem comentários ao recente Sínodo dos Leigos que correu em Roma. E curioso é ver os bons dos homens de São Francisco a partir lanças para colocar as mulheres no Poder.

Explico: um frei Artur Pais, no Editorial, vai dizendo que alguns sujeitos até se amedrontaram ao pensar que o Sínodo atrás referido até ia pôr travões às regras, avançadas, do Concílio Vaticano II. Quer dizer: os bispos de 88 seriam mais Conservadores — ou menos ousados — que os de 1960. Frei Ar-

tur pergunta se afinal se quererá revalorizar a imagem do padre, se a Igreja terá medo das mulheres, etc.

Boas perguntas porque nesta nossa época, se os senhores homens se descuidam, e não lutam, ainda havemos de cair naquela do Matriarcado em que quem tudo mandava eram as mulheres. Podem ver isso em qualquer Manual de Etnologia (usos e costumes).

A Revista apresenta uma Entrevista — perguntas e respostas — com um bispo auxiliar de Lisboa, que esteve no Sínodo. Relata ele que em Roma foi bem badalado o pro-

blema que as senhoras mulheres andam a pôr ao Papa: dê-nos trabalho, deixe-nos mandar, queremos

(Segue na 2.ª página)

As M

(Vem da 1.ª página)

receber ordens sacras, etc. E conta: os bispos católicos do Levante disseram logo que isso de ordenar mulheres, nem pensar. Os Europeus, e outros, do 1.º Mundo, países com maquinaria, andam super-sensibilizados com essa reivindicação feminista, mas, são minoria em face das das Áfricas, Ásia e Américas.

Aparece também a versão de uma espanhola, chamada Eva, que se mostra desanimada por a ideia de ordenar mulheres não ter ido avante. E a Revista americana, Time, de 1987, também tratou essa coisa de as ordenar, mas os Ingleses estão

7-62

Mulheres ao Poder

Barcelos 2/6/88

etc. O tal D. Policarpo, auxiliar de Lisboa, referiu que poderia talvez dar-se-lhes uma diaconia (houve já diaconisas), mas não se sabe bem o que é que isso foi. J. Barcelos 2/6/88

Resumo: que é que, afinal, as feministas pretendem? Já as há juízes, deputadas e tal. Nem sequer me oponho a que governem a Câmara de Barcelos (fariam talvez melhor do que quantos a governaram). É de tentar a experiência. Na Igreja todos as reconhecem como mais dedicadas, solícitas, mexidas. Ainda agora o tal jornal de Famalicão escreve que na freguesia de Mouquim fizeram, uma festa a uma Dona Maria Amélia porque completou 80 anos e tem sido a grande catequista lá da freguesia (o que a freguesia lhe agradeceu).

é verdade também na zona de Barcelos. É verdade nos países africanos. Senão fora o exército das freiras missionárias, a cristianização do Mundo recuava em vez de se expandir: elas ajudam nos partos, na doenças, na catequese, na educação das raparigas e seja no

Diremos então: as mulheres ao poder?

Se assim for, é, preciso criar, ao lado dos seminários, Seminárias — ao lado dos padres, as mulheres-padres. E depois, mulher-bispo, etc.

Surge-me uma dificuldade: e foi assim que o chefe, Cristo, organizou a Igreja? Muito amigo e com elas atenciosíssimo, foi. Mas não fez apóstolas. Não Pedro e Saulo, mas só Pedro e Saulo, como as mulheres bem sabem. Há 2000 anos que Pedro falou em Roma e não se viu nunca até agora, mulheres no altar. Sou contra? Nada disso. Estranharia por só agora as ver aos comandos dos crentes não ordenados. E no tempo do grande Moisés, aquele judeu, santo homem, das Tábuas dos 10 Mandamentos, Deus mandou-lhe que fizesse sacerdotes os filhos de um tal Levi. Os filhos, não as filhas, e Levi tinha-as. Se calhar, Cristo não ordenou mulheres, não por se ter esquecido, mas por fundas razões que eu desconheço. São os filhos das mulheres mais capazes que suas mães e irmãs? Não digo isso.



SETEMBRO DE 88—0 PAPA EM ÁFRICA

43

Algumas Curiosidades em Números

I

Está programado que Sua Santidade visite agora em meados de Setembro reta-
lhos de terras africanas, a saber: A Rodésia (agora, Zimbawe), o Lesoto, o Botswana, a Suazilândia e Moçambique.

Fomos os primeiros Euro-
peus a navegar por aquelas
bandas. Certo: se lá não
fôssemos, outros teriam ido,
uns tempos depois. Mas não
entrâmos pelo sertão (o in-
terior da África). Dos que
o Papa visita só um é rhei-
rinho, tem mar e é Moçam-
bique. Vamos aos números.

O **Setembro**. II - 1888
A ONU mandou publi-
car uma História Geral das
Áfricas. Tem 8 volumes.
Percentagens de católicos,

que ainda são minoria (e
isto referente ao ano de
1975): Zimbawe: 9,5 por
cento e 5 bispedos; Lesoto:
45% e 4 bispedos; Botswa-
na: 3,7%; Suazilândia:
8,5% e 1 diocese; Moçam-
bique: 17% e 9 dioceses. São
todos de cristãndades re-
centes, salvo Moçambique.

Portugal não teve nem
gente nem dinheiro para ca-
tolicizar mais cedo. Somos

País cheio de «peneiras», a
arrotar com o Padroado, que nem evangelizava nem
permitia ao Papa evangelizar ele.

Dos anos 60 até 1975, os
missionários católicos dimi-
nuiram lá, à razão de 200
(a menos) cada ano. Os pá-
rocos são tão poucos que

distinos nem franciscanos,
etc.. Um bispo africano ne-
gro, foi proclamar em Roma
que aí ainda há 200 povos
(etnias, raças, tribus) a que
o missionário não chegou
(não falou). Os bispos queha-

em África, católicos, já são
457 (para o ano de 1983),
os padres—1758, as fre-
iras—36165.

O **Setembro**. III - 1888
Reparem! 1888 percenta-
gens: Angola vai em 50%
de católicos, o Lesoto, tam-
bém. Então porque só 10%
no Zimbawe e menos ainda
no Botswana? Os frades ho-
landeses chamados Monfor-
balhou no Zimbawe (cidade
de Umtali).

As escolas de ofícios, industri-
ais. Mas as Áfricas, todos os
países menos a África do
Sul, são do chamado Ter-
ceiro mundo.

cada um se estafa a dizer 6
a 7 missas cada Domingo (no
Alentejo, zona de Avis, cada
párco já tem 4 freguesias
a seu cargo).

O número de freiras mis-
sionárias, em África, bauxou
em 6000 (a menos) de 1980
para o fim de 1984 (5 anos).
Os africanos já têm suas
próprias ordens religiosas
(algumas) porque, dizem,
não lhes servem bem as or-
dens da Europa: nem ben-
eles.

Mundo. Até Gorba-
chev, a Rússia, apostou mui-
to em África. E que o Le-

nine ensinou que a Europa
se toma partindo das Áfri-
cas, movimento contrário ao
que nós seguido no tempo
de Vasco da Gama.

Conclusão: são as freiras

que podem—e só elas—fa-
zer que a África Negra vire
católica (através da mulher,

conversas de mulher a mu-
lher). Ora na Europa vivem
e trabalham 519.773 frei-

ras, mas que 10 vezes as
que operam entre a Negri-
tude. Uma, de Gallegos, a
Luisa, que já morreu, tra-

ta são umas 23) Mais: lá,
a língua nativa, uma por
cada raça, etnia (em Anglo-

português, etc., etc., etc., etc.,
que o missionário, para ser
entendido, tem de aprender

a render.

Estes portugueses!

V

Outro senão da África é
que o missionário, para ser

casamento que não de filhos,
dizem eles que não vale e
por isso, 85% dos católicos,

primeiro, juntam-se e se der
«filho», então e só então é
que «vai na Igreja casar».

As ordenações de padres,
nativos, africanos, subiram
desde há tempos: em 1981,
mais 63% do que em 1980,
etc.. De 1961 a 81, os cató-

co que os portugueses de

Padre Xavier. S. Vida do

Padre Luís

de Portugal.



Nº

Curso

Rubrica do Docente

Classificação

Lisboa

Disciplina

Obs:

1-64



Exmo. Senhor,

Aproximando-se a Festa de Natal e o Ano Novo,
vimos apresentar a V.Exa. os nossos melhores votos de Festas
Felizes e de Paz.

Aproveitamos a ocasião para agradecer toda a colaboração que tem dispensado ao nosso Jornal, com a qual gostaríamos sempre de contar, em prol de Torres Vedras e de toda a Região do Oeste.

Com os nossos respeitosos cumprimentos, nos subscrivemos com consideração,

Torres Vedras, 5 de Dezembro de 1979

José Manuel da Silva
a) José Manuel da Silva
Director-Adjunto

D. Carlos Mascarenhas, 70 - 2º Esq.
O LISBOA

Exmo. Senhor

Dr. Francisco Alves de Almeida

Mer.mo Juiz do Tribunal de Trabalho

159

Coisas de Longe e de Perto (+ gaud.)

DAS FREGUESIAS AO SUL DO RIO NEIVA

1-65

V. N.º - 5.X.95
Fui há dias à Torre do Tombo. Motivo, obter cópia da Memória Paroquial de Galegos, S. Martinho que me pedira a professora D. Maria de Fátima Salgueiro para integrar um estudo que pretendia apresentar. Custa isso 40\$00 cada página. Se a publicar, ficam inéditos 89 delas menos tantas.

Ora, no livro de 15 Autores que se chama Vale do Neiva vejo que estão publicadas mais as seguintes:

De Santa Lucrécia, de Alheira, de Fragoso, de Cossourado e de Quintiães, que somam 5 a abater com a de Vila Seca e outras às referidas 89.

(Continua na pág. 2)

V. N.º - 5.X.95 (Continuação da pág. 4)

No Vale do Neiva (livro volumoso), abordam freguesias tão longe do rio como Alvarães e Azões e ao todo, quase 50 freguesias, uma área enorme. Estuda-se um grupo deles de Vila Verde, outro grupo de Barcelos mais um de Ponte, etc. com sobreposição: Balugães é vedada 3 ou 4 vezes; Aborim, uma; Tregosa, duas, Fragoso, três, uma delas pelo pároco do tempo do volfrâmio, etc.

Este livro já se aproxima bastante da ideia que eu defendi ao apreciar, no ano de 78, outra obra da zona — O Rio Neiva. É que os Autores deste foram Neiva acima, Neiva à foz e fazem acordar as terras ribeirinhas e os problemas delas. E aí está Igreja Nova e Alheira e Panque e outras até ao Mar de S. Bartolomeu.

Em parte, os Autores repetiram-se e aí temos: Anais, versada pela prof.ª D. Laurinda Araújo, as páginas 156 e 319 deste Vale do Neiva; e Freixo que ela estudou, no livro as págs. 172 a 338. Mas o Vale do Neiva não plágia a D. Laurinda. O que quero dizer é que Tregosa vem nas páginas 362 e 411 e seguintes, mas de modo diferente.

O Vale do Neiva foi escrito com vagares como o mostra a castigada prosa de Neiva Maciel ao tratar a Linda do Abade ou as outras com «Campainhas da Glória». E foi muito útil exarar como podem encontrar-se documentos antigos referentes ao mosteiro de Palme e outros, págs. 591.

Conclusão: daqui felicito os Autores pelos trabalhos reunidos em Vale do Neiva, operosos continuadores que são do Dr. Teotónio da Fonseca cujo Barcelos, quem ampliaram bastante e por novos caminhos. E do mesmo passo saúdo o bom amigo ~~um~~ ex-furriel miliciano de Évora, Sr. Manuel Ferreira Pedroso Amaro, de Barcelos, bem conhecido concorrente da T.V., pela rapidez com que aqui para o seu Vale do Neiva vir ~~de~~ mãos.

Galegos, 23/9/95
Francisco de Almeida

1-66

Homem quanto à solução a dar a casos do dia a dia.

Por exemplo: Não Mates o Inocente, ou Não quebres a promessa feita, ou Ajuda o teu povo; ou Defende a Liberdade.

II

Tinha eu visto e apreciado outra Tese: filosofia da Educação, de Alteir Veiga, hoje mestre em Aveiro.

Que diferença! Na tese do Padre Mário não encontrei um lapso dactilográfico sequer. Pena tenho se aquelas 300 páginas de sabedoria, em Inglês, não são publicadas, mesmo em Inglês.

A Câmara e a Fundação Cupertino de Miranda, bem se prestigiariam se a divulgassem. E parece-me que nem perdiam dinheiro. Antes, o contrário.

E aquela substancial Bibliografia?!

A tese é um monumento. Mas o Mário é assim uma modéstia em pessoa e nada fará para a publicar.

Há na Tese tanto saber acumulado! Se mais não for, veremos se os rapazes do curso de 47 que eram (bons tempos!) quase 200, se abalançam a por a Tese em livro que Famalicão possa saborear.

E, portanto, até 10 de Junho, em Riba de Ave, onde o curso reunirá.

Francisco Almeida

em Beja. Condizia outra vez! Nasceu em 1640, educada no Convento desde os 11 anos, o pai não poderia dar-lhe dote (bens afetos ao morgadio), professou (3 votos) aos 16 anos, tinha 25/28 anos à data em que o Conde andou por Beja e arredores em combates contra os Castelhanos.

Todo o homem culto de qualquer país, conhece este episódio do chamado amor-paixão.

Em 1923 já em França tinha o livro '76 edições e em Portugal, 20. Comparando com as beneditinas do Terço em Braga e ficaram em Barcelos de Monção, estiveram resguardadas em 1845 (feita os Matafrades). Tantos dados do Arcebispo-Moura Teles, que fez o Bom Jesus de Braga — devem ter sido devidos ao sucedido com a de Beja. Se Beja (povo) soube do caso, isso não está provado.

O R.L. A Cruz deu 2 férias a 1916: La Marca
12 min

VALORES DA NOSSA TERRA

A TESE DE DOUTORAMENTO DO PADRE DOUTOR MÁRIO DA COSTA AZEVEDO

I

Há anos que não via este famalicense ilustre, da vizinha freguesia de Fradelos. Foi o Padre Mário o aluno e talvez o mais brilhante do curso de 47, nos seminários do Arcebispado.

E com ele, um Carvalho Correia, um Dimingos Araújo (Diáriro do Minho) e o auxiliar do Porto, Dr. José Augusto Pedreira, alguns deputados, o Eng.º Laranjo (de Viana), etc.

O Padre Mário teve muitas COISAS DE LONGE E DE PERTO

A RELIGIOSA PORTUGUESA AS ILUSTRES SENHORAS PROFESSORAS EM GALEGOS

Veio anunciado — e puseram em Barcelos edital — que se ia realizar mais um = Falar Barcelos = acerca da Arte que existe na nossa Igreja do Terço, na cidade.

Esse Monumento existe desde 1713 e pertenceu a umas beneditinas que trocaram Monção por Barcelos. Ora desde meados de 1400 (séc. XV) existiu na cidade de Beja, Monumento semelhante ao que foi o nosso convento em Barcelos e nele viveu e morreu uma fidalga nascida no ano da revolução — 1640.

Aconteceu que no ano de 1669 foi publicado em Paris um livro cujo conteúdo, são 5 cartas em que uma mulher se esfarrapa toda ante a ingratidão do sujeito a quem elas são dirigidas e sabe-se que ela era, como militar, capitão, comandante de cavalaria: como ente social, era conde. *Quem é ela?*

Esta mulher, dizia o livro, era religiosa portuguesa e em Portugal. E não mais dizendo, fazia cair suspeita de sacrilégio em alguma de Braga ou Porto, Lisboa e noutra terra.

O ambiente francês era explosivo por causa dos que depois se autonomizaram em seita — os Jensenistas, os de Port-Royal de que emergiram as famosas cartas provinciais, do punho de Pascal, monumento literário, contra os Jesuitas, estes manga-larga e os outros, rigoristas, diziam.

O nosso Rei D. Pedro II teve de saber do livro — pelo seu embaixador em Paris — mas ele estava casado com a que fora mulher de Afonso VI. Por isso e para não ter de cortar a cabeça ao sedutor, ou porque Luís XIV mandasse o conde regressar a Paris, o certo é que o conde desapareceu.

As cartas escritas cá, se o foram, queimou-as o tradutor ou o próprio Conde — que chegou a marechal e era digno para dificultar, ao menos, se descobrisse quem era a mulher e escritora abandonada

Pode ser verdadeira a hipótese aventada de que nenhuma mulher as escreveu: aquilo ser invenção de um francês (é literatura de ficção) e a freira só é tida para tornar o texto mais picante. Só que o que se diz nas cartas condiz tão bem com os tempos e giros de Beja que um bruxo não os poderia inventar — não parecem ficção.

Quem é ela? *In Ayosa Meia 20/4/95*

Em 1819 deitaram nova lenha à fogueira: um literato francês descobriu um volume da edição de 69 em que constava, manuscrito: a religiosa chama-se Mariana Alcoforado e é do Convento da Concei-

Francisco de Almeida

Francisco de Almeida

Seminário | REUNIÕES 30/6/95 P.6

REUNIÕES 30/6/95 P.6

CONFRAternizações

PELO DR. FRANCISCO DE ALMEIDA

O Curso do Seminário de Braga de 1947

Car.I.

1-6+

A 67

xasse o Seminário.
Ainda há tempos uma, de Braga, licenciada em História, me contava de um namoro com um de filosofia, no tempo do Cônego Luciano.

— E casaram? — perguntei.

— Não. Ela é médica e exerce ali para os lados de Aveiro.
Hei-de conhecê-la, disse eu.

E estes dias contava-me um aluno de Filosóficas, de Lisboa:

— Ele trabalha muito, família pobre, ali de perto do Gerês
e diz que se não obtiver 16, repete o exame da Cadeira.
E porquê?

— Tem 24/25 anos e diz, e assume, que ainda não desistiu de ser padre.
Ah!

— De tal modo que a catedrática ouviu e disse para ele: —
ser padre? Ora eu que tenho lá duas netas para casar e você que
é um rapaz tão bonito, fala em ser padre!

Toda a gente riu com o dito da professora.

Pois é! Mas ter os Seminários abertos para acolher candidatos
é coisa que todos os anos — e cada ano — se tem de repetir.
Sem isso é certo e sabido que o Minho não terá pastores daqui
a poucos anos.

E como manter Seminários quando são tão caros? E como mantê-
-los se as fontes (familias) secarem?

Bom: este problema existe vai para 2000 anos e se calhar o
Espírito Santo anda agora com outras ideias para plantar párocos
quanto bastem.

Mas, voltando aos de 47:

São vários os que residem por essas freguesias minhotas. Ao
todo, licenciaram-se uns 33 (mais que 10 por cada 100, sendo
uns 5, engenheiros e falam-me de um que é professor de Medi-
cina). Um é de Fradelos e é Doutor, como há dias relatei. Mui-
tos deles acorreram a emprego em Cidades, boa parte arranjou
trabalho e fixou-se no Porto e arredores. E são 23 os que se fixa-
ram em Lisboa, sendo que um desses foi parar a Vendas Novas
onde cheifa as coisas do I.R.S. (Finanças).

CONCLUSÃO

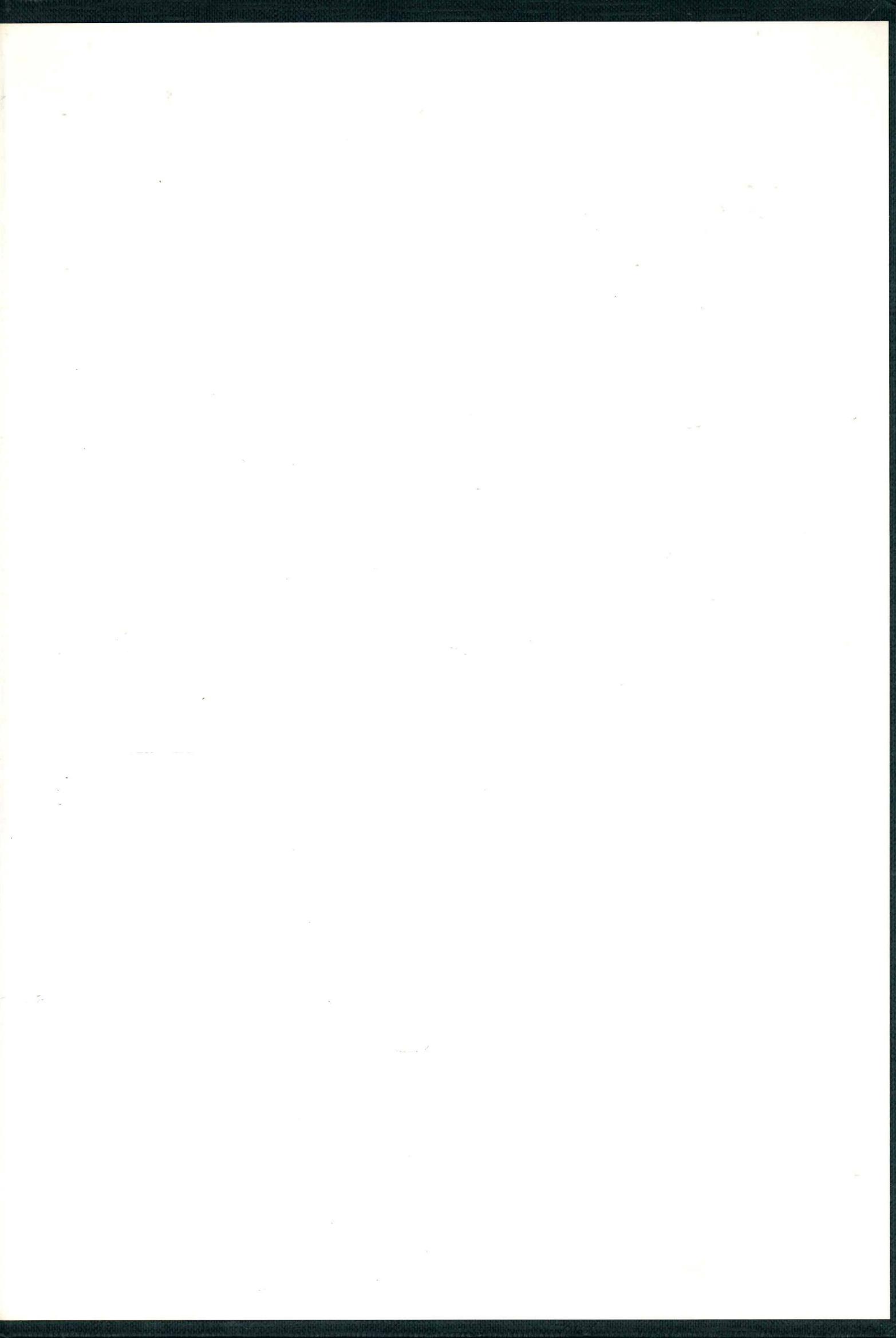
Mas se os de 47, não ordenados, singraram, também o devem
a professores como Benjamim Salgado, e prefeitos como Mon-
senhor Gonçalo (do Louro).

Se singraram, e do povo vieram, também o devem às ajudas
que, para a Diocese, o povo foi dando.

Logo, os povos devem ter parte nestas Reuniões de Cursos de
rapazes que ajudou a vencer na vida.

Segment E-(2).





biblioteca
municipal
barcelos



27654

Artigos de jornais regionais